

VINICIUS MUHLETHALER BEIRE

COGNOSCE TODAS Y TAN INFINITAS NACIONES:

UMA ANÁLISE SOBRE AS FONTES E A COMPOSIÇÃO DA
APOLOGÉTICA HISTORIA SUMARIA DE BARTOLOMÉ DE LAS CASAS
(1522-1559)

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de História, no Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas da
Universidade Estadual de Campinas, para
obtenção do Título de Mestre em História.
Área de concentração: História Cultural.

Orientador: Prof. Dr. José Alves de Freitas
Neto

Banca de Defesa:

Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto – DH/IFCH/UNICAMP

Prof. Dr. Leandro Karnal – DH/IFCH/UNICAMP

Profa. Dra. Janice Theodoro – FFLCH/USP

Suplente

Profa. Dra. Eliane Moura da Silva – DH/IFCH/UNICAMP

Prof. Dr. Paulo Celso Micelli – DH/IFCH/UNICAMP

Campinas, 2008

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

Beire, Vinicius Muhlethaler

B396c

“Cognoscer todas y tan infinitas naciones”: uma análise sobre as fontes e a composição da Apologética Historia Sumaria de Bartolomé de Las Casas (1522-1559) / Vinicius Muhlethaler Beire . - - Campinas, SP : [s. n.], 2008.

**Orientador: José Alves de Freitas Neto.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.**

1. Casas, Bartolome de las - 1474-1566. 2. Crônicas – História e crítica. 3. Cristianismo – América Latina. I. Freitas Neto, José Alves. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Título em inglês: “Cognoscer todas y tan infinitas naciones”: an analysis on written essay of the Bartolomé de Las Casas’ Apologética Historia Sumaria (1522-1559).

Palavras chaves em inglês (keywords) :

**Casas, Bartolome de las - 1474-1566
Chronicles – History and criticism
Christianity – Latin America**

Área de Concentração: História cultural

Titulação: Mestre em História

Banca examinadora:

José Alves de Freitas Neto, Leandro Karnal, Janice Theodoro.

Data da defesa: 19-02-2008

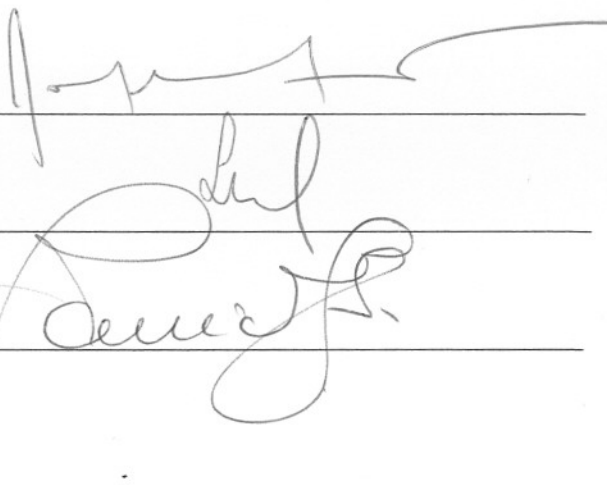
Programa de Pós-Graduação: História

A Comissão Julgadora da do trabalho de Defesa da Dissertação de Mestrado, em sessão realizada em 19 de fevereiro de 2008, considerou o candidato aprovado.

Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto

Prof. Dr. Leandro Karnal

Profa. Dra. Janice Theodoro



Aos dois,
porque a memória é mais forte que a história.
Em quase todos os meus sonhos, ainda moro
com meus pais.

À memória do professor Héctor Bruit, com
admiração e gratidão por ter sido um dos
responsáveis pelo meu interesse em Las Casas.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa é fruto de um trabalho em equipe, que não se restringiu somente aos meus professores e colegas, mas também aos meus amigos e familiares. Não teria chegado até aqui sem vocês.

Primeiramente ao *Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto*, mais conhecido como “Zé Alves” pelos alunos da UNICAMP, orientador e (por que não?) co-autor desta dissertação, jovem filósofo e historiador, que com humildade, simpatia e dedicação vem conquistando o coração de docentes, funcionários e alunos. Sua erudição e excelente didática foram as maiores responsáveis pelo conteúdo deste trabalho.

Ao *Prof. Dr. Leandro Karnal*, meu orientador durante a graduação, e certamente um dos maiores intelectuais brasileiros da atualidade. Com um olhar atento e irônico, quebra o protocolo acadêmico com muito bom humor, sem deixar de demonstrar grande erudição. Um intelectual diversificado e também responsável por uma nova e diferenciada geração de mestres e doutores.

Ao *Prof. Dr. Héctor Bruit*, falecido em 2007, meu professor durante um breve período, e o qual tive o prazer de conhecer pessoalmente nos últimos anos de sua vida. Um dos pioneiros dos trabalhos de História da América no Brasil. Sua tese de livre-docência contribuiu muito para este trabalho, sem esquecer também que foi o responsável pelo meu interesse em Bartolomé de Las Casas, ao citar a importância da *Apologética Historia Sumaria*, em 2003.

À *Profa. Dra. Eliane Moura*, pertencente à minha banca de qualificação, minha professora em muitas disciplinas que cursei. Ajudou-me em diversos momentos, tanto naqueles referentes a esta pesquisa, quanto em assuntos mais burocráticos, mesmo os mais difíceis. Guardo respeito e admiração, e agradeço pelo convívio que tivemos nesses meus sete anos de UNICAMP.

Entre outros professores, não posso deixar de citar a *Profa. Dra. Margareth Rago*, cuja contribuição intelectual, mesmo indiretamente, encontra-se aqui presente; como também ao *Prof. Dr. Ítalo Tronca*, excelente e peculiar autor, com quem mantive um bom convívio em

conversas na cantina do IFCH. Além de tantos outros, os quais contribuíram (e vão continuar a contribuir) para a minha formação.

Não posso deixar de agradecer também à *Profa. Dra. Janice Theodoro*, professora da USP que aceitou fazer parte desta banca de mestrado, e cujas poucas palestras às quais assisti, instigaram-me a procurar novas abordagens para o futuro.

Aos colegas diretos *Anderson do Reis*, cuja dissertação sobre Motolónia me auxiliou bastante; ao *Luiz Estevam “Duda” Fernandes*, “colega-professor” e amigo; a todos os parceiros desde a graduação, como *Rogério Bonfá*; aos outros amigos da pós-graduação como o *Fábio Gavião* e *Eliane Morelli*; além do *Márcio* e dos irmãos *Robertim* e *Robinho*, pós-graduandos das Ciências Sociais. Todos compartilharam comigo diversos momentos referentes a esta pesquisa. Aos companheiros de vivência em Campinas nesses sete anos, como *Heraldo Júnior*, *Alex Brasil*, *Newton* e *Felipe Bueno*, presentes em diversas ocasiões importantes.

Aos meus pais, *Sonia* e *Marcellus*, que sempre frisaram a importância de se estudar, e que nunca me cobraram uma profissão que só lhes interessasse por ser lucrativa, como simples vaidade pessoal. Agradeço pelo auxílio em todos esses anos, e desejo sempre demonstrar aos outros a educação que recebi de vocês.

Ao meu irmão, artista diversificado, que em conversas informais auxiliou-me a perceber novas perspectivas. À minha vó *Celinha*, outra defensora do bom estudo, e que também me ajudou na viagem à Europa. À minha outra avó, *Terezinha*, que me recebeu em Roma com sua hospitalidade característica, e me auxiliou muito nos gastos da viagem. Aos recém-casados *Bruno* e *Melina*, que também estavam na Itália e me receberam com muito carinho. Aos beneditinos brasileiros que moram em Roma, *dom André* e *dom Romano*, que me arrumaram uma vaga no mosteiro de sua ordem em Madrid, como também ao padre espanhol *José María*, que me recebeu durante aqueles dez dias para pesquisa na Biblioteca Nacional espanhola.

Não posso deixar de citar minhas tias *Mônica* e *Simone*, o meu tio *Alexandre Vidigal*, com quem tive ótimas conversas, magistrado com doutorado em Direito Internacional dos Direitos Humanos, pelo Instituto Bartolomé de Las Casas da Universidad Carlos III de Madrid. Dentre outros parentes e amigos, agradeço ao *Gérson*; à *Ivone*, minha segunda mãe; à *Dona Vivi*, segunda mãe da minha mãe; ao futuro diplomata *Davi Balduino Alvarenga Ala*, jovem intelectual das Relações Internacionais; à *Izabel Cristina* e ao seu tio *Dom Thomaz Balduino*, bispo emérito

da diocese de Goiás, o “*tio Paulo*” para a família, dominicano assim como Las Casas, que tive o prazer de conhecer e em alguns momentos conversar a respeito deste trabalho.

À *Adriana*, uma das pessoas mais doces que já conheci, por quem sinto muito amor e admiração. Este trabalho também é seu.

Agradeço a todos vocês, assim como também àqueles que não pude citar nominalmente porque a lista seria muito longa.

É sempre bom lembrar
que um copo vazio
está cheio de ar.
É sempre bom lembrar
que o ar sombrio de um rosto
está cheio de um ar vazio.
Vazio daquilo que no ar do copo
ocupa um lugar.

Gilberto Gil

RESUMO

Esta pesquisa é uma análise sobre a *Apologética Historia Sumaria*, de Bartolomé de Las Casas, um tratado sobre continente e seus respectivos habitantes, finalizado na década de 1550. O enfoque e as fontes utilizadas para sua elaboração foram o nosso objeto de estudo principal. Visamos especificar a sistematização de seu discurso, responsável por uma representação do indígena, complementar à concepção de gentes inocentes da *Brevísima Relación de Destrucción de las Indias*, seu trabalho mais conhecido. Dentre os aspectos destacados nesta nossa análise, poderíamos citar a relação entre natureza e seus habitantes para justificar sua retórica de defesa do indígena; o uso de outros cronistas como fontes selecionadas pelo frade dominicano; o conceito das “repúblicas indígenas” como ponto de equivalência entre europeus e americanos; e as controvérsias religiosas. Portanto, discutimos esses pontos encontrados na *Apologética* para tentar compreender este desdobramento do objetivo lascasiano de apresentar mais argumentos em defesa do indígena.

ABSTRACT

This study is an analysis on Dominican Bartolomé de Las Casas' *Apologética Historia Sumaria*. It is a thesis about the American continent and its natives, finished in 1550's. His approaches and the wellspring of information that had been used by the friar were our first object. We decided to specify his written essay, which was responsible for other representation of the indigenes that supplements the ingenuous people's notion of the *Brevísima Relación de Destrucción de las Indias*, his best known work. The main topics that we considered were: the analogy between nature and habitant to justify his rhetoric Indian support; the historical documents selected; the "Indian republics" concept, which was used to put on the same level American and European people; and the religious controversies. Therefore, we discussed those points of the *Apologética*, to try to comprehend the development of the Las Casas' purpose.

SUMÁRIO

Introdução	19
1. As diversas faces do defensor do indígena	27
2. O indígena e seu continente	39
2.1 Ilha Hispaniola: a natureza e a capacidade racional de seus respectivos habitantes	42
2.2 As prudências	52
2.3 A capacidade dos índios para receber o Evangelho e os quatro tipos de barbárie: apêndice da <i>Apologética</i>	56
3. As fontes utilizadas por Las Casas sobre a Nova Espanha	59
3.1 Sobre as fontes utilizadas por Las Casas	60
3.1.1 Motolinía	61
3.1.2 Mendieta e a “obra anônima”	63
3.1.3 Outra fonte americana incerta	67
3.1.4 Pedro Mártir de Anglería e Ramón Pané	68
3.1.5 Outros cronistas	73
4. A boa e ordenada república encontrada nas Índias	79
4.1 As características essenciais da boa e ordenada república (os argumentos <i>a priori</i>)	81
4.2 Os argumentos <i>a posteriori</i> e os dois maiores exemplos de boa e ordenada república	84
4.2.1 Nova Espanha	86
4.2.2 Do sul da Nova Espanha até o Peru	89

5. A religiosidade indígena e o manuseio da obra de <i>Motolinía</i>	95
5.1 Las Casas e Motolinía	96
5.2 A quinta parte da boa e ordenada república	101
5.2.1 Deuses, templos, sacerdotes	103
5.2.2 Sacrifícios	109
Considerações Finais	123
Fontes	127
Bibliografia	129

INTRODUÇÃO

El caudal informativo de esta obra es extraordinario, teniendo presente que el padre Las Casas fue un hombre con una actividad fuera de lo común y en unos momentos en los que las fuentes históricas, teológicas y jurídicas no estaban al alcance de cualquiera, y menos en el Nuevo Mundo... Es cierto que muchos de los autores citados por Las Casas se repiten, tanto en la Historia de las Indias, como en el De unico vocationis modis o en la Apología; pero la abundancia de esta documentación va acompañada de un dominio o, si queremos, de un trato familiar con los autores más representativos de las épocas que le precedieron y de la suya propia (...) Las fuentes bibliográficas de la Apologética nos sitúan ante un Las Casas humanista, cultivador de la historia y la literatura clásica en su dimensión más universal

Jesús A. Barreda, *Documentación Bibliográfica de la Apologética Historia*

Nosso trabalho teve como objetivo um estudo sobre a *Apologética Historia Sumaria*, escrita pelo dominicano Bartolomé de Las Casas (1484-1566), com reflexões a partir dos enfoques principais e das fontes manuseadas para sua confecção. A *Apologética* trata-se de um extenso tratado sobre o Novo Mundo, com características marcantes no que se refere a um desdobramento de seu argumento de defesa. Visamos especificar a sistematização de seu discurso, responsável por uma determinada fundamentação e representação do indígena, complementar à concepção de gentes inocentes encontrada, por exemplo, na *Brevísima Relación de Destrucción de las Indias*, seu texto mais conhecido.

Las Casas era natural de Sevilha, filho de um modesto mercador, Pedro de Las Casas, que viajou na segunda expedição de Cristóvão Colombo ao Novo Mundo, em 1493. Nascido por volta de 1484, ou 1474, estudou Latim e Humanidades na Universidade de Salamanca. Embarcara rumo ao Novo Mundo, em 1502, na expedição comandada por Nicolás de Ovando. Residiu inicialmente na Ilha Hispaniola¹, retornando à Europa entre os anos de 1503 e 1510. Neste primeiro momento em que habitara o Novo Mundo, exercera a função de *encomendero*, ou seja, utilizando-se do trabalho forçado indígena, ao contrário do que criticaria posteriormente.

O momento mais importante, porém, segundo sua própria narração, foi a profunda transformação de seu caráter a partir da década de 1510. A 30 de novembro de 1511, quando

¹ A Ilha Hispaniola, segunda maior ilha do Caribe e posse espanhola durante o século XVI, atualmente tem seu território dividido em dois estados: República Dominicana e Haiti.

escutou os sermões do Padre Antonio de Montesinos, um dominicano, que criticava àqueles que eram violentos com os indígenas, o então sacerdote secular Las Casas passou a questionar se era válida a prática das *encomiendas* segundo os ensinamentos cristãos, apesar de continuar a ter indígenas a seu serviço.

Após sua participação na invasão de Cuba como capelão, em 1514, onde teria testemunhado diversas atrocidades cometidas pelos espanhóis, tornou-se um forte crítico dos maus tratos sofridos pelos nativos do Novo Mundo. Durante os seis anos seguintes, passou a elaborar determinados planos no intuito de se conciliar os interesses tanto dos conquistadores quanto dos indígenas. Acabou formulando um plano de colonização pacífica, solicitando uma determinada região no continente onde poderia catequizar o indígena ao seu modo, ou seja, sem a necessidade de maus tratos. Em poucos anos, conseguiu uma autorização para se estabelecer na região da *Tierra Firme*, na *Costa de las Perlas* (atual Venezuela). Era, na verdade, um projeto experimental, o qual não teve um desfecho agradável, tornando-se sua primeira e maior derrota.

A região já havia sido explorada por outros espanhóis, que por sua vez mantinham uma relação bastante beligerante com os indígenas. Inicialmente, Las Casas tentara recorrer à Coroa o controle daquelas terras sem a presença destes conquistadores, algo que não conseguiu. Ao final, acabou renunciando, e em janeiro de 1522, cerca de quinze dias após a saída do padre daquela região, seus antigos companheiros foram atacados pelos indígenas. Seu projeto revelou-se um fracasso, tornando-se o principal exemplo segundo seus críticos posteriores de que suas teorias não resultavam em práticas viáveis.

Em 1523, juntou-se à ordem dos dominicanos, dedicando sua vida aos estudos “teológico-jurídico-filosóficos” (STOFFELS, 1992, p. 38), ainda com o mesmo objetivo de lutar a favor dos direitos dos habitantes do Novo Mundo.

.En el campo profesional estricto, la mutación técnica y táctica fue también drástica. Las Casas dedicará sus años de retiro y de meditación conventual, en régimen de dedicación exclusiva, al estudio y a la preparación logística de sus futuras actuaciones como abogado de indios (ABRIL CASTELLÓ, 1992, p. 39).

Em outras palavras, poderíamos afirmar que após o fracasso do que colocara em prática na *Tierra Firme*, o agora frei Bartolomé passa a elaborar seu argumento de defesa fundamentado nos debates filosóficos de sua época.

Foram cerca de vinte anos em que habitou o monastério de sua ordem na Ilha Hispaniola, período em que começou a escrever *Historia de las Indias* e *Apologética*, como também *De unico vocationis modo*².

Como es sabido, el P. Las Casas empezó a trabajar en su Historia de las Indias en 1527 cuando vivía en un monasterio de su Orden en la Isla Española, hoy Santo Domingo. Pero de cuatro se sabe acerca de los propósitos que entonces tenía el autor, debe concluirse que nada de los que redactó entre los años de 1527 y 1531 figura ahora en la Apologética (O'GORMAN, 1971, p. XVIII).

Em relação à *Apologética*, nascia um projeto de se realizar um estudo detalhado sobre os povos indígenas, com elementos antes previstos para a *Historia de las Indias*, mas que se tornou a *Apologética Historia Sumaria* apresentada separadamente, como atualmente a conhecemos. (JOSAPHAT, 2000, p. 187)

Durante esse mesmo período também percorrera outras regiões como: novamente a Ilha Hispaniola, Nicarágua, Guatemala e México, onde se encontrou com Hernán Cortés. Nessa época, o número de indígenas mortos chegava ao seu auge, ocasionadas tanto pelas guerras de conquista, quanto devido às epidemias que dizimavam enormes contingentes por várias regiões. Mesmo que houvesse se dedicado aos estudos para construir melhor seus argumentos, Las Casas não dispensaria outra atitude mais imediata na sua ambição de defender o indígena.

Retornou à Espanha em 1540. A notícia das inúmeras mortes no continente já havia atravessado o Atlântico, fazendo com que Las Casas novamente acreditasse numa possível suspensão das *encomiendas*. Em 1542, publicou o seu relato mais conhecido, a *Brevísima Relación de la Destrucción de las Indias de Castela*, que causara algumas agitações na Coroa,

² Carlos Josaphat observara este momento vivido por Las Casas em diversas passagens de sua tese: “...Convém privilegiar os três livros: *O único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião*, a *História das Índias* e a *Apologética Historia Sumaria*. Eles virão concretizar um mesmo projeto que já se encontra, ao menos sob forma embrionária, nos anos de formação dominicana e nos primeiros deslocamentos e empreendimentos do missionário Frei Las Casas (...) - de sua fonte e inspiração evangélicas; é o que se realiza e manifesta na obra primordial, que buscará dizer e explicar o *único modo* de viver e irradiar o Evangelho; a dimensão histórica, a compreensão do desenrolar dos acontecimentos, seu sentido profundo humano e divino – é o que visa expor a *História das Índias*, situando as descobertas na perspectiva da história da humanidade e da história bíblica da salvação; a terceira dimensão do projeto aponta para o empenho antropológico, cultural, etnológico, que tende a revelar a verdade sobre os índios, descrevendo a realidade de sua vida, de suas formas pessoais e sociais de viver e conviver, e sobretudo insistindo nas qualidades, nos valores nos costumes, nas relações e organizações. Em tudo mostram-se verdadeiros homens, à altura de dialogar com os colonizadores, sendo-lhes em muitos pontos eticamente superiores. Tal é o objetivo e o tecido dessa enciclopédia antropológica, a *Apologética História Sumária*. Mais do que os outros livros da trilogia básica de Las Casas, ela se dá como “apologética”, visando demonstrar a falsidade dos preconceitos contra os habitantes da América e exaltá-los na grandeza e na verdade do que eles são, fazem e vivem.” (2000, p. 90)

sendo uma delas, a troca das Leis de Burgos (1542), que incluía o *Requerimiento*³, pelas Leis Novas (1542-43).

Después de que todos los indios de la tierra desta isla fueron puestos en la servidumbre e calamidad de los de la Española, viéndose morir y perecer sin remedio, todos comenzaron a huir a los montes; otros, a ahorcarse de desesperados, y ahorcábanse maridos e mujeres, e consigo ahorcaban los hijos; y por las crueldades de un español muy tirano (que yo conocí) se ahorcaron más de doscientos indios. Pereció desta manera infinita gente (LAS CASAS, Brevísima Relación, 1992, p. 20).

Nela, o religioso retrata, de forma trágica, a violência com que os espanhóis submetiam as populações nativas. Dentre suas descrições, poderíamos citar soldados que testavam o fio das espadas partindo inocentes ao meio, assim como bebês que tinham suas cabeças arrebetadas nas pedras. Um manuscrito de divulgação, apresentando um “modus operandi” do colonizador espanhol, na qual não haveria qualquer forma de variação, independente do grupo indígena, de suas práticas e do espaço geográfico que se situava. Seu sucesso foi além da península ibérica quando, nos anos 1590, o gravurista huguenote Theodor de Bry fez uma série de imagens baseadas nesses relatos. Desde então, passaram a ilustrá-la, tornando-se, futuramente, a principal referência iconográfica sobre o modo como ibéricos católicos tratavam os indígenas⁴.

A “crise de consciência” das autoridades espanholas em justificar o poder no continente (SEED, 1999, p. 103) novamente tornavam Las Casas esperançoso a respeito de uma colonização pacífica. Neste mesmo ano, tornou-se bispo. Fora nomeado para a Cidade Real de Chiapas (no atual México), em 1545. Ao crescer dentro da hierarquia eclesiástica, passou a enfrentar mais àqueles que usufruíam do trabalho forçado indígena. A principal delas fora a suspensão da execução de sacramentos aos que viviam da *encomienda*, como também aos outros que não reconheciam a igualdade de direito entre ambos. Certamente essas medidas tornaram-se

³ Documento oficial lido em voz alta aos indígenas, o qual afirmava que aquelas terras pertenciam à Castela, e todos seus habitantes deveriam aceitar seu domínio, como também aceitar a superioridade do cristianismo sobre eles. Caso houvesse resistência, seria-lhes declarado guerra. Las Casas afirmava que não sabia se ria ou se chorava quando soube de seu conteúdo. (SEED, 1999, p. 103).

⁴ Freitas Neto (2003) destacara esta característica desse momento vivido por Las Casas da seguinte forma: “...Demonstrando apreço e submissão à Coroa, que contrastam com as ações do final de sua vida, Las Casas buscou, através da denúncia, a obtenção dos direitos indígenas reconhecendo a autoridade real (...) Sem nenhuma ingenuidade Las Casas conhece o jogo político, interfere e constrói um discurso eficiente.” (2003, p. 221)

impopulares porque grande parte do público de leigos e sacerdotes seculares da região lucrava com esse tipo de trabalho servil. A continuidade de seu bispado ficou ameaçada.

Acabou retornando à Espanha, nunca mais voltando ao Novo Mundo. Na Europa, entrara em contato com diversas discussões a respeito da natureza dos indígenas, como aquelas que julgavam ser válido ou não lhes ser aplicado o conceito aristotélico de barbárie. O padre Juan Ginés de Sepúlveda, autor de *Tratado de las Justas Causas de la Guerra Contra los Indios*” (SEPÚLVEDA, 1992), cujas idéias eram muito discordantes em relação às de Las Casas, tornou-se seu principal adversário. Quando a tese de ambos fora debatida na chamada “Controvérsia de Valladolid”, no início da década de 1550, a discussão acirrou-se ainda mais. O estudioso Edmundo O’Gorman destacou este último momento da vida pública de Las Casas da seguinte forma:

Llegamos así al año crucial de 1552, crucial porque inicia la etapa de escritor propiamente dicha en la vida de Las Casas (...) En desahogo de esa parte de su programa, el P. Las Casas escribió primero una descripción de la Isla Española dentro del libro primero de la Historia y casi seguramente en su final. Ahora bien, para explicar el siguiente paso debemos suponer que el autor reparó en que la descripción de las nuevas tierras no era asunto tan incidental al relato histórico como había pensado, ya que de ese modo se le proporcionaba al lector una idea del escenario donde se desarrollaron los acontecimientos. Sin embargo, para lo gran adecuadamente ese nuevo objetivo, la descripción geográfica ya no debería hacerse por regiones parciales intercaladas en el texto de la Historia, sino tendría que abarcar en conjunto todas las nuevas tierras. Por otra parte, el lugar indicado para insertar esa especie de introducción era inmediatamente después de haberse relatado el hallazgo de dichas tierras. Y en efecto, tanto el texto de la Historia como el de la Apologética muestran huellas de que ese fue el nuevo plan adoptado por el autor (1971, p. XIX).

O debate de Valladolid, onde as teses de Las Casas e Sepúlveda foram discutidas abertamente, tornou-se uma espécie de palco do grande conflito entre os dois autores. Porém, é importante ressaltar que essa característica conflituosa do debate provavelmente não acontecera. Antes de somente ser um tribunal que buscasse reconhecer ou não a capacidade intelectual do indígena, o debate de Valladolid era algo muito mais centrado na discussão filosófica e teológica da colonização. De certo modo distante da burocracia colonial implantada pela coroa espanhola do século XVI. Neste mesmo período, finalizara suas maiores obras: *Historia de las Indias* e *Apologética Historia Sumaria*.

Las Casas, durante mais de cinquenta anos, dedicou-se à defesa de uma colonização pacífica, acreditando na igualdade entre indígenas e europeus. A crença numa catequese gradual e

harmônica, sem *encomiendas*, e contrária ao conteúdo encontrado no *Requerimiento*, fora uma constante, pelo menos a partir de 1511. Uma vida longa, em que os períodos de grande mobilidade, dentro ou fora das Índias de Castela, conviveram paralelamente com os momentos de reclusão. Assim como seus objetivos, mesmo que sempre associados à defesa do indígena, foram distintos segundo as circunstâncias de cada momento.

Faleceu em 1566, e o restante de sua obra só fora publicado em 1875, incluindo a *Apologética* que, certamente, finalizou seus últimos argumentos sobre o indígena. O monarca espanhol Filipe II, influenciado pelo movimento de Contra-Reforma do Concílio de Trento (1545-1564), começara a proibir as publicações referentes aos indígenas. Uma tentativa de se evitar a disseminação das superstições contrárias à fé católica. Com isso, escritos de diversos cronistas do período não circularam mais pela Europa, e só passaram a ser publicados a partir do século XIX.

* * *

Como dito anteriormente, nosso principal objetivo é a exposição de determinados aspectos encontrados na *Apologética*, que permitem refletir sobre a composição do discurso lascasiano em suas fontes e enfoques.

O primeiro capítulo tem como tema uma breve discussão bibliográfica sobre Las Casas, com destaque para o sucesso editorial da *Brevísima Relación* frente ao restante de sua obra, responsável pela construção de uma determinada imagem do religioso, além da exposição de algumas interpretações realizadas, incluindo as que foram feitas no Brasil.

O segundo capítulo tem como tema a *natureza* do Novo Mundo e de seus respectivos habitantes, que por sua vez é a grande introdução da *Apologética*. Discutimos a forma como defendia a idéia de que aquele ambiente, por si só, tornava os indígenas preparados para receber a catequização, pelo fato de não ser degradado, ao contrário do que era defendido por parte de seus adversários.

Após realizar esta primeira exposição, Las Casas recorreu a uma série de fontes para demonstrar como eram organizadas as sociedades indígenas. De certa forma, este trabalho mais empírico estendeu-se até o final da *Apologética*, podendo ser definido como o *argumento humano*, enquanto o anterior seria o *físico*. O terceiro capítulo tem como tema a exposição de

parte dessas fontes, concentradas naquelas referentes à Nova Espanha, com uma reflexão sobre o modo como o religioso selecionava suas informações.

O quarto capítulo, relacionado a este pressuposto mais “humano”, tem como tema a “boa e ordenada república”, definição aristotélica utilizada nos debates sobre a capacidade dos indígenas. O frade discutiu tal conceito, tentando demonstrar que aquelas sociedades estavam adequadas a este modelo teórico, essencial como complemento de sua retórica.

No quinto capítulo, abordamos a religiosidade indígena, item igualmente importante em relação aos demais, recordando que idolatrias persistentes poderiam justificar colonizações mais repressoras. Não deixou de ser um tema integrado à discussão sobre a república bem ordenada, mas ao ser exposto numa longa sequência de páginas, conquistou sua independência e preponderância. Os escritos de Motolinía, autor cujos textos foram os mais utilizados pelo dominicano, foram trabalhados e discutidos neste capítulo também. Podemos refletir tanto no modo como ambos os religiosos concebiam aquelas crenças, quanto na maneira em que tais escritos foram manuseados.

Deste modo, pretendemos refletir sobre a *Apologética*, enfocando nossa análise no modo como ela fora escrita, como também no manuseio das fontes utilizadas na sua elaboração que poderiam nos ajudar a compreender um determinado desdobramento do argumento de defesa do indígena encontrado nesta obra.

CAPÍTULO 1

AS DIVERSAS FACES DO DEFENSOR DO INDÍGENA

“...advíertase que nuestra obligación ya no consiste en tratar de explicarlo, que esa y no la de juez es la misión propia al historiador...”

Edmundo O’Gorman, Prólogo de *Los indios de México y Nueva España – Antología*

A *Historia de las Indias* caracteriza-se por ser uma narração sobre os primeiros anos da conquista, incluindo informações autobiográficas. No entanto, haveria sua segunda parte, a qual se tornou uma obra independente: *Apologética Historia Sumaria*; seu trabalho mais extenso, e paradoxalmente pouco conhecido em comparação à curta *Brevísima Relación*, que ainda é a referência mais forte sobre sua retórica de defesa.

Las Casas tornou-se um sucesso editorial ao longo desses últimos séculos. Seus relatos sobre os primeiros anos da conquista espanhola são uma das fontes mais conhecidas, entretanto, o que foi mais difundido representa pouco em comparação ao restante de seus escritos. Os relatos encontrados na *Brevísima Relación* tiveram um movimento próprio, que contribuiu para uma determinada memória da conquista.

As crônicas sobre os primeiros anos de contato com o Novo Mundo, de um modo geral, foram recuperadas no século XIX, em paralelo ao surgimento das repúblicas americanas independentes.

Nos referimos muy especialmente al indigenismo que nació al tiempo de la emancipación de las colonias americanas, todavía hoy tan poderoso, y a su contraparte, el hispanismo añorante de pasadas glorias, no menos vigente (...) De la anterior breve reseña resulta que la ya secular polémica entorna al P. Las Casas no obedece al simple capricho de las pasiones, sino que es un reflejo de la gran pugna que provocó el adivinamiento de la modernidad (O’GORMAN, 1971, p. XV).

As crônicas encontravam-se “esquecidas” desde a segunda metade do século XVI, quando Felipe II proibira a publicação desses escritos, ao alegar que disseminavam superstições.

O restante da obra do dominicano foi também recuperado naquele momento, enquanto a *Brevísima Relación* já circulava há mais de trezentos anos. Certamente, as interpretações sobre o frade giram em torno desse texto até os dias de hoje.

Durante o século XX, tornou-se o cronista mais pesquisado, passando também a ser utilizado, por exemplo, pela esquerda latino-americana, direta ou indiretamente⁵. Diego Rivera, por exemplo, muralista mexicano e comunista, retratara o frade junto aos demais personagens da história mexicana no mural *La Conquista*, de 1930, encontrado no Palácio Nacional da Cidade do México. Las Casas encontra-se defendendo, com uma cruz, os indígenas da fúria de Hernán Cortés.

É possível afirmar que Las Casas seja um daqueles autores muito famosos que acabam sendo rotulados. Janice Theodoro destacara este distanciamento a respeito da obra de Las Casas devido a estas interpretações dualistas:

Bartolomé de Las Casas, um dos personagens da história da América (século XVI) mais citados. Grande parte dos estudos sobre sua obra encobre, ao realizar simplificações dualistas, uma leitura que não nos permite conhecer com mais profundidade a forma (retórica), o lugar, o tempo, e os objetivos de Las Casas (...) uma reflexão em torno de um tema que vem tocando os corações de muitos homens desde o século XVI até os dias de hoje: universalização de determinados conceitos que tornassem viável a comunicação entre os homens (2003, p. 11).

São definições que seriam conhecidas por muitos, mas que reduzem o conteúdo abordado. O mexicano Enrique Florescano, por exemplo, na sua obra *Memoria Mexicana*, não tinha como objetivo discutir Las Casas. Aliás, nem dedicou um capítulo para isso. Mas, para quem esmiuçou o passado mexicano, foi inevitável não esbarrar no frade. Dedicou algumas linhas a ele, principalmente quando expusera uma breve descrição sobre as “Controvérsias de Valladolid”. Florescano fizera o seguinte comentário sobre o frade:

se manifestó contra la conquista armada y la esclavización de los pueblos, y estableció las bases para la moderna teoría del derecho internacional, basada en la aceptación de una naturaleza humana común y en la igualdad de los derechos de cada individuo (2003, p. 313).

⁵ Indiretamente poderíamos recordar de Eduardo Galeano, autor de *Veias abertas da América Latina*, que não cita Las Casas como referência, mas usa um recurso narrativo muito semelhante a da *Brevísima*. Assim como também a Teologia da Libertação, movimento de esquerda católico muito forte na América Latina nas décadas de 1960 e 1970, no qual podemos encontrar apropriações deste modelo retórico lascasiano, mesmo ao não citá-lo.

Mesmo não sendo um especialista em Las Casas, o mexicano realizara uma interpretação semelhante a muitas, principalmente aquelas que enxergam na obra do religioso as futuras bases para o moderno direito internacional. Vidal Abril Castelló, um dos organizadores da *Apologética* publicada pela Alianza Editorial, em 1992, estendera esta definição:

Bartolomé de Las Casas sigue siendo ante la conciencia mundial de hoy en día el máximo exponente histórico en este redescubrimiento histórico, por parte la España del XVI, de los derechos básicos del hombre y de las comunidades menores, y él máximo defensor histórico de esos derechos ante cualquier instancia de poder político nacional, supranacional o mundial. Ha quedado convertido así (ante la conciencia humana global de su tiempo y de todos los tiempos) en el prototipo de 'Defensor de las minorías y de los pueblos oprimidos' y en el "Padre de los Derechos Humanos en la Historia de la Humanidad (1992, p. 180).

Certamente estas considerações foram além da *Brevísima*, realizadas sobre o conjunto de textos produzido pelo padre. Entretanto, a força da narrativa trágica daquele texto contribuiu para a consolidação da figura do defensor *sui generis* do indígena.

Há duas imagens consagradas, que não deixam de ser estereótipos quando realizadas em leituras mais parciais. A primeira é a do religioso compassivo, aquele que em pleno século XVI percebeu nitidamente o momento em que vivia, a ponto de denunciar todas as atrocidades cometidas contra os indígenas, sendo até mesmo “profético”, no sentido de prever que tamanha destruição seria responsável por muito dos problemas atuais do continente. Uma segunda visão seria uma crítica a esta primeira, a partir da idéia de que o frade exagerava nas suas denúncias, e que sua vida anterior de *encomendero* tornavam-no incoerente, além de pouco conhecer a realidade das comunidades indígenas.

Se a dualidade de interpretações facilita a localização de Las Casas neste embate historiográfico, parece-nos que devemos evitar as simplificações destas abordagens. Para o historiador: não há porque ser isso ou aquilo. Cada grupo tem seus interesses na defesa de seus legados.

Dentre as interpretações que apontaram as supostas incoerências do cronista, questionando até mesmo seu caráter estão Menéndez Pidal que afirmou que Las Casas “...*fue el hombre más admirador de sí mismo que ha existido, se pasó la vida alabando sus propias virtudes, su intelecto y sus grandes hechos*” (MENÉNDEZ-PIDAL: 1963, p. VII). Os críticos de Las Casas enxergaram em Sepúlveda, seu oponente em Valladolid, maiores qualidades.

Menéndez Pidal, autor de *El Padre Las Casas, su Doble Personalidad*, afirmava ainda: “...*Las Casas siente manifiesta repugnancia hacia el trato con el indígena, el indio para Las Casas no tiene otro interés que el de ser atropellado por el español...*” (ibid., p. 324). O intelectual espanhol, nesta mesma obra, chegou a apontar uma possível paranóia do religioso. A intensidade de suas atitudes demonstraria tal característica, a ponto de se tornar arbitrário e incoerente⁶.

Houve também outros estudos já influenciados pelos estudos etnológicos recentes, dentre os quais podemos citar Tzvetan Todorov, afirmando que “Las Casas ama os índios (...) E é cristão (...) Entretanto, essa solidariedade não é óbvia (...) justamente por ser cristão não via claramente os índios...” (1999, p. 165), em contraponto ao cronista Durán, cujo “conhecimento da cultura indígena é mais íntimo...” (ibid., p. 199), retirando de Las Casas a sua capacidade de conhecer o indígena. Janice Theodoro, analisando estas abordagens, destacou a não preocupação de Las Casas em conhecer a cultura dos indígenas ao nosso modo:

É importante notar que a obra de Las Casas expressa um apego extremo às convenções à *estilística* da época, resguardando-se de qualquer indagação à cultura índia. Não interessa para Las Casas descrever costumes da vida dos índios, ou procurar compreender seu universo ritual, ou ainda, o sentido dos mitos de fundação. Interessava a ele da retórica para derrotar seu interlocutor. O êxito obtido através da forma com que elabora sua argumentação transforma-o em herói. Não pelo que ele fez de generoso em seu trabalho missionário, mas pela sua capacidade de nos comover. Ou seja, preferimos navegar em meio a uma retórica conhecida, e acompanhar as emoções por ela sugeridas, a enfrentar o desconhecido, partindo em busca da compreensão de outros padrões cognitivos necessários à compreensão *parcial* das culturas americanas (...) Como nos lembra Robert Ricard, as atividades de Las Casas na América foram bem pouco missionárias. (1992, p. 90)

Sobre essa mesma idéia de conhecer, José Alves de Freitas Neto complementou tal constatação, historicizando a idéia de conhecer no século XVI, que seria distinta em relação à atual:

⁶ Menéndez-Pidal acrescentou em sua análise justificativas para que não lhe julgassem como um antilascasista puro e simples: “*Espero, pues, no se me juzgue como antilascasista, sino como criticista. Se califica Las Casas de gran pensador, y su pensamiento abunda en irracionales contradicciones y en varias fantasías se le hace Apóstol de las Indias, y no predicó a los indios; se le equipara a San Pablo, y además de no evangelizar, se pasó su vida pisoteando la caridad paulina. Observaciones así me llevaron a ver que debemos juzgar siempre a Las Casas desde el punto de vista de su estado eclesiástico. Él es un sacerdote nunca rebelde, nunca francamente atrevido; siempre se manifiesta fiel ortodoxo, manejando ideas cristianas corrientes. Pero las contradice cuando, por ejemplo, sus conceptos indianistas le llevan a tomar como base de su doctrina la condenación absoluta de todos los imperios históricos, aunque la Biblia y San Agustín los miren como providenciales; él es igualmente anticristiano en su conducta, por rebosar de continuo en una vanaloria megalómana que malea toda su virtud ascética; es muy anticristiano también en su sañuda maledicencia contra todos los conquistadores, lo mismo vivos que muertos, contra todos los cuales derrocha los falsos testimonios, con grave escándalo de los más imparciales historiadores eclesiásticos...*” (MENÉNDEZ-PIDAL, 1963, p. XIII-XIV).

Há uma distinta concepção de amor nas visões de Todorov e de Las Casas. O último, dentro da perspectiva cristã, reforça a questão da ação, o amor deve vir acompanhado de gestos e dedicação. O primeiro com uma concepção que associa amar e conhecer, em que atitude racionalista, cartesiana, seria determinante (2003, p. 159).

O’Gorman também destacou outros pontos baseado em questões contemporâneas do que aquelas do século XVI, e conseqüentemente os equívocos ocasionados por elas:

Se comprende fácilmente que un Royal o un Mier hayan izado al P. Las Casas en defensa, el uno de su humanismo deísta, el otro, de su indigenismo político, ambos impulsados por la fobia hacia lo que, para ellos, significaba la monarquía española: y se entiende que todavía un Llorente y un Menéndez y Pelayo enjuiciaran al P. Las Casas a la luz del liberalismo y del conservadorismo que, respectivamente, los tiene. Pero a nosotros nos parece que no en balde ha llovido tanto desde entonces en el campo de las especulaciones filosóficas para no haber despertado en nosotros una conciencia que nos apreneia a comprender el pasado dentro del ámbito cultural propio a la época de que se trate (1971, p.XV-XVI)

Las Casas foi objeto de reflexão de historiadores americanistas no Brasil. O pioneiro e o maior estudioso específico sobre o dominicano foi o chileno Héctor Bruit, professor da UNICAMP, autor de *Bartolomé de Las Casas: a simulação dos vencidos*. Bruit sempre frisou a qualidade do argumento lascasiano. É importante ressaltar que Las Casas foi interpretado por muitas leituras utilitaristas, mesmo aquelas que apontavam qualidades na sua retórica trágica de defesa. Bruit, nesta sua tese de livre docência, propôs-se a realizar um estudo bastante detalhado sobre os aspectos políticos do pensamento lascasiano e, mesmo sendo um defensor da existência de um tratado político para o Novo Mundo realizado pelo frade, não se deixou levar por uma leitura apaixonada de suas idéias. Mas também não se viu impedido de criticar aquelas leituras mais degrantantes sobre a figura de Las Casas.

Las Casas, campeão da evangelização, compreendeu com nitidez o processo histórico que viveu com tanta paixão e não se deixou iludir nem por suas idéias que parecem utópicas e até ingênuas” (1994, p. 90).

“...Tanto Menéndez Pidal como Todorov ignoravam voluntariamente uma obra fundamental do frade: *Apologética Historia de las Indias*⁷. Quase mil páginas relacionadas às culturas indígenas. Aqui o frei mostrou seu profundo conhecimento de geografia americana, seu saber etnológico e sua condição de humanista a toda prova. Todorov desqualifica a obra pelo título, isto é, uma apologia e não uma história (2003, p. 17-18).

⁷ Bruit cita a *Apologética Historia Sumaria* de outra forma também utilizada.

Sobre este tratado político lascasiano para a América, Bruit expusera as influências de Las Casas para a elaboração de sua tese. O pensamento escolástico, fortemente presente entre os intelectuais de sua ordem, tornaram-se as principais referências teóricas de seu pensamento. Curiosamente, estas mesmas referências eram utilizadas por parte de seus adversários, apesar do humanismo renascentista já se encontrar presente nessas outras análises e pouco em Las Casas. Mesmo que, aos nossos olhos, o discurso lascasiano pareça-nos mais progressista pelo fato de defender uma igualdade entre indígenas e europeus, na verdade, algo que Bruit expusera corretamente, era um discurso conservador naquele momento:

o pensamento político de Las Casas se nutriu dessas teorias, as da baixa Idade Média, como as formuladas na primeira metade do século XVI (...) Sem embargo, suas idéias sobre o nascimento da sociedade política e, especialmente, sobre o consenso como fórmula legitimadora do domínio superaram o pensamento de Vitoria e Suárez (...) Em resumo, os pensadores espanhóis em geral, e os da escola de Salamanca em particular, deram uma contribuição indiscutível ao conceito de igualdade de direitos e deveres entre os homens; à idéia da liberdade das pessoas para mobilizarem-se entre os diferentes territórios do mundo; ao conceito de liberdade política dos povos; ao princípio da origem popular do poder real. (1994, p. 98).

O fato de Las Casas nutrir-se dessas referências mais conservadoras, e menos pelo pensamento humanismo de seu tempo, reforçam ainda mais uma característica encontrada em sua obra, que muitas vezes não é recordada pelos seus críticos: Las Casas nunca defendeu a idéia de independência daqueles povos, mas sim uma aceitação voluntária da catequização e da soberania do monarca cristão espanhol por parte daquelas comunidades indígenas, sem o uso da violência.

A aceitação voluntária da fé, por parte dos índios, era o requisito básico e prévio para que se pudesse exercer sobre eles o domínio político. Em outras palavras, o poder político dos reis de Castela sobre a América devia ser consequência do domínio espiritual da Igreja, domínio este que também passava pelo consenso dos índios. Uma vez cristianizados, por ficar dentro da esfera da Igreja, os índios ficariam sob o poder político do rei espanhol (...) estabelecer o domínio político para logo propagar a fé, não era possível para Las Casas, porque não existiam razões plausíveis de qualquer natureza que justificassem esse ato, nem por parte dos índios, nem por parte dos cristãos. (ibid., p. 102).

Seu projeto de captação indígena era pacífico, assim como o processo de evangelização, que por sua vez seria a última etapa para que os indígenas fossem finalmente definidos como servos de Castela de fato. Segundo Bruit:

só depois de serem evangelizados, os nativos ficavam sob a jurisdição do rei espanhol. O reconhecimento dessa autoridade limitaria a jurisdição e liberdade dos índios, mas, em compensação, os benefícios desse reconhecimento eram maiores que as perdas. O rei cristão, cumprindo a missão evangelizadora, tiraria os índios da idolatria, reformaria algumas práticas que faziam defeituosos os governos americanos. A autoridade do príncipe cristão ‘conceder-lhes-ia mais liberdade do que eles tinham.’ (ibid., p. 104).

Portanto, estariam expostas as qualidades principais do argumento de defesa lascasiano de que o indígena seria apto para receber a nova religião e reconhecer a soberania do monarca espanhol. Mas o ponto mais importante do trabalho de Bruit, que segundo ele não foi plenamente compreendido, era o de que Las Casas denunciava não apenas os abusos contra os indígenas, mas principalmente que havia aparatos jurídicos na Coroa espanhola que não eram respeitados. Para Bruit, a noção de uma terra onde as leis são “conhecidas, mas não compreendidas” era o principal apelo de denúncia lascasiana. Desse modo, a elevação do indígena à condição de súdito e a observância desse pressuposto era primordial⁸.

Diferentemente de Bruit, Janice Theodoro não elaborou uma tese específica sobre Las Casas. Em seu trabalho, há uma abordagem mais ampla, relacionada a diversos temas referentes à História da América, não especificadas num só autor (apesar do próprio Bruit não ter utilizado apenas Las Casas ao elaborar sua tese). Dentre suas principais idéias, os primeiros comentários já demonstram um determinado olhar sobre a América:

Ocorre que existe uma América vivente que está ancorada no policulturalismo e que não perde sua identidade ao enfrentar o convívio intercultural. Portanto, esta América Latina, com forte ancestralidade índia, não precisa nutrir-se politicamente proclamando o que não é: independente. O processo de diferenciação cultural latino-americano de que somos fruto, ao mesmo tempo que garante aos diferentes povos especificidade, confere a cada um deles condições de responder aos desafios impostos pela modernidade (THEODORO, 1992, p. 6-7).

Suas considerações, mesmo não diretamente relacionadas a Las Casas, auxiliam-nos a compreender um conjunto de interpretações que seriam responsáveis por uma determinada imagem tanto do continente, quanto de seus habitantes, o qual também estaria presente nas análises a respeito do frade. Por que o sucesso da descrição trágica? Por que sua narrativa se encaixa num discurso anticolonial posterior?

⁸ Nas conversas informais em sala de aula e em suas últimas apresentações sobre Las Casas, o professor que faleceu em julho de 2007, reafirmava este postulado e a incompreensão deste ponto central de sua livre-docência.

A repercussão do texto lascasiano não foi pouca, e foi inevitável que Janice Theodoro pelo menos esbarrasse na *Brevísima Relación*:

Um dos textos mais utilizados nos livros que procuram elaborar um panorama da história da América é a *Brevísima relación da destruição das Índias* (...) Este texto, impresso pela primeira vez em 1552, fazendo parte dos *Tratados*, é o primeiro dentre os nove. Através deles, Las Casas torna pública a batalha escolástica travada em 1550 e 1551 com Juan Ginés de Sepúlveda, procurando provar que a proposição de Aristóteles, segundo a qual alguns homens eram escravos por natureza, não dizia respeito às populações índica da América (...) A força retórica do texto provocou indignação dos dois lados do Atlântico. Difundiu-se na Europa a lenda negra, sustentada pela idéia da destruição das culturas índias e de grande parte da população americana. O texto de Las Casas era de tal modo convincente que os outros relatos procuram ter importância menor (ibid., p. 88).

Autores religiosos brasileiros também estudaram Las Casas. Houve um trabalho mais restrito sobre a figura do defensor do indígena “de fato”, até mesmo tratado como um perfeito autor cristão de seu tempo. É o trabalho do frei Carlos Josaphat, que não economizou suas palavras para falar de Las Casas. Como o homem empenhado em “livrar e limpar a América, varrendo dela a idolatria do ouro, a ganância daninha e opressora” (JOSAPHAT, 2000, p. 11).

O autor ainda situa as qualidades, o surgimento do grande projeto antropológico de uma de suas obras, que seria a *Apologética*. Josaphat foi um dos poucos autores que dedicaram mais de uma página sobre esta obra nos últimos quatrocentos e cinquenta anos:

A formação dominicana de Las Casas realiza a plena harmonia de sua pessoa, de seus projetos e sobretudo do grande projeto que é sua vida. Sua audácia no plano intelectual é tão grande quanto no campo apostólico, missionário, bem como na luta dos direitos humanos. Ele planeja suas grandes obras de teologia, de teologia missionária, de teologia da história e da promoção humana. Elabora especialmente sua visão humana e evangélica da evangelização e da colonização, o *único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião*. E começa a gestação de sua teologia da história, o que será mais tarde a *História das Índias*, donde se desdobrará a dimensão etnológica: *A Apologética História Sumária*. (ibid., p. 84).

Outro trabalho é o de José Alves de Freitas Neto, *Bartolomé de Las Casas: a narrativa trágica, o amor cristão e a memória americana*. A tese de Freitas Neto, orientado por Janice Theodoro, destacou o componente trágico de sua retórica, relacionando-o com a referência cristã do dominicano, que também acompanhou a formação desta memória da conquista. Contudo, Freitas Neto ainda frisou outras características semelhantes às aquelas apontadas por Héctor Bruit: “...A obra do dominicano não mascara seu componente político, pelo contrário,

evidencia, ao proclamar os direitos que pretendem defender, polemizando com os oponentes e enfrentando as disputas, próprias desse universo...” (2003, p. 201).

A retórica inflamada também seria um componente político, ou seja, havia determinadas intenções ao utilizar aquele recurso narrativo, e não necessariamente esta opção significaria um desconhecimento sobre o Novo Mundo, ou mesmo paranóia, ou discurso político desvirtuado dos acontecimentos daquela época. Para Freitas Neto, Las Casas se preocupou em criar uma determinada ética da conquista, aos quais todos aqueles conquistadores deveriam seguir, sem desvirtuar os ensinamentos cristãos e, portanto, preservando a unidade discursiva entre meios e fins:

Ao abordar a questão indígena, com os ingredientes de seu Cristianismo, através da perspectiva do amor cristão, reproduzindo um modelo narrativo que enfatiza o trágico, Las Casas construiu um discurso político e religioso. Esse discurso não opõe meios e fins. Ao preservar uma unidade entre o que defendem, com objetivos finais para a colonização da América, e as denúncias do modo como a conquista se realizava, Las Casas pôde empreender um discurso de ampla repercussão e de fácil aceitação para os que compartilham de suas premissas (ibid., p. 217)

Outro estudo realizado recentemente, foi o de Marcelo Neves. Sua pesquisa de doutoramento, orientada por João Quartim de Moraes no Departamento de Filosofia da UNICAMP, abordou o tema da tolerância em Las Casas. Segundo suas próprias palavras, seria uma “tolerância dentro dos limites do cristianismo católico”, que por sua vez pelo fato de ser católico (universal) também seria tolerante, como também uma exigência eclesial. (NEVES, 2006, pp. 241-242). Neves também frisou a predominância de um aspecto mais teológico do discurso lascasiano, superior às demais características encontradas na retórica do religioso: “...Las Casas não foi, propriamente, nem um historiador nem um filósofo. Sua maior preocupação foi teológica e, com razão, pode ser chamado de teólogo. Pensamos que, inclusive os dados de sua vida pessoal, são a expressão da sua intenção de ler e julgar os fatos da conquista à luz da revelação cristã, entendida segundo a tradição católica...” (ibid., p. 243)

O trabalho não contemplava uma obra específica, mas privilegiava a existência de um conceito dentro da tradição cristã. Para Neves, a premissa de seres criados por Deus faria com que Las Casas visse a igualdade e a necessidade de se aplicar a “tolerância” em relação aos supostos pecados indígenas. O bispo de Chiapas, portanto, seria um precursor de noções que viria a ser consagradas na tradição filosófica em séculos posteriores.

* * *

Como pode ser observado, o debate ao redor de Las Casas não é pequeno. Apesar do grande número de estudos, a idéia do defensor do indígena, independentemente de sua coerência ou não, nunca foi questionada, tanto para a exaltação, quanto para as críticas em relação a sua falta de compreensão do universo indígena. Finalizada na década de 1550, a *Apologética* foi publicada, coincidentemente, também como uma grande resposta às críticas do humanista Juan Ginés de Sepúlveda. “...consiste en un abundante acopio de material sobre la cultura indígena... terminada (...) a tiempo para esgrimirla contra Sepúlveda en la controversia de Valladolid...” (HANKE, 1958, pp. 61-62).

Seu título por extenso; *Apologética Historia Sumaria quanto a las cualidades, dispusición, descripción, cielo y suelo destas tierras, y condiciones naturales, policías, repúblicas, maneras de vivir e costumbres de las gentes destas Indias occidentales y meridionales, cuyo imperio soberano pertenece a los reyes de Castilla*, auxiliam-nos a conceber conteúdo abordado, suas intenções principais, a partir das descrições sobre o continente e seus habitantes, como também a respeito de suas repúblicas, tendo como seu verdadeiro soberano o reino de Castela.

Las Casas cita o nome de alguns povos, aspectos de sua organização política e social, explicitando as qualidades daquela gente que povoava as Índias de Castela. Isto não ocorre na *Brevísima Relación*, na qual há um modelo de violência e atrocidades narradas, que é repetido em cada uma das regiões descritas. Antes de ser somente uma nova reafirmação a respeito das qualidades dos indígenas, a *Apologética* destacou-se por esta diferença de enfoque. O religioso apresentou um estudo mais específico sobre o mundo indígena, como um argumento favorável à crítica do conceito de “servos por natureza”, definição muito defendida em meados do século XVI. Devido a isto, não deixou de discutir, essencialmente no epílogo, o conceito de barbárie aristotélico e a sua utilidade para as Índias de Castela, construindo uma retórica muito rica em referências tanto européias quanto indígenas.

No estudo realizado por Barreda, há um total de 3030 referências feitas por Las Casas na *Apologética*. Muitos autores se repetem em relação a outros escritos como: *História de las Indias*, *De único vocationis modo*, *Apología*, cuja quantidade autores como Josaphat não

conseguem deixar de constatar⁹. A abundância desta documentação vem acompanhada de um domínio dos autores mais representativos das épocas que o precederam de sua própria. Há uns 220 autores, sem contar os das Sagradas Escrituras. “*Las fuentes bibliográficas da Apologética nos situán ante un Las Casas humanista, cultivador de la historia y la literatura clásica en su dimensión más universal*” (BARREDA, 1992, p. 215).

Mesmo trabalhando menos com ela do que Josaphat, Bruit acreditava que ao se excluir a *Apologética* dos estudos sobre Las Casas, surge um estudo incompleto (1994, p. 17-18). Lewis Hanke (1958), também ressaltou que a *Apologética* foi obra em que Las Casas mais se empenhou, tornando-se uma espécie de conclusão final de todos seus argumentos anteriores. Durante vinte anos, o dominicano reelaborou referências no intuito de reforçar sua tese. Abril Castelló expressou as características marcantes deste texto:

La experiencia acumulada por Las Casas (especialmente en cuanto colonizador, encomendero, agricultor y minero) y la reconversión moral que produjo en él proceso teológico-religioso de su primera conversión, suministraron al abogado Las Casas las primeras bases de hecho y de derecho para defender la causa emprendida. Junto a la vía de la conciliación, recurrió a poner en marcha verdaderos planes de formación profesional de sus clientes: campañas de capacitación humana, social, laboral e incluso empresarial de los indios (ABRIL CASTELLÓ, 1992, pp. 37-38).

Ao contrário do relato da violência, enfocou-se na análise da cultura indígena, como uma tentativa de se compreender o Novo Mundo e o seu papel para a coroa espanhola e para a Igreja Católica, sem desqualificar as características encontradas. O comentador Miguel J. Abril Stoffels destacou esta característica, ao indicar que Las Casas era um conhecedor das culturas indígenas, como também da legalidade vigente na Espanha, tanto no Novo Mundo quanto na metrópole. Outra característica seria o uso da chamada da “antropologia comparada”, presente na *Apologética*, capaz de desenvolver um ponto de vista mais indocêntrico do que eurocêntrico. (STOFFELS, 1992, pp. 198-199).

⁹ “...Desde sua primeira formação, frei Bartolomeu se mostrou animado pelo propósito de se lançar nos campos do que vem a ser hoje a antropologia cultural. Daí nascerá essa espécie de enciclopédia valiosa, embora desigual na qualidade de suas informações: A *Apologética História Sumária* surge como uma espécie de desdobramento da *História das Índias*. E ambas realizam a *O único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião*, que construir o primeiro núcleo da teologia de Frei Bartolomeu de Las Casas. Logo que se faz dominicano, ele assume e interioriza o projeto teológico de Tomás de Aquino, mas quer alargar a “Suma Teológica” trazida e atualizada para a América, enriquecendo-a com todos os dados de que dispõe, sobretudo de uma espécie de geografia humana, de elementos de antropologia cultural e religiosa, bem como de uma etnologia americana...” (JOSAPHAT, 2000, pp. 220-221)

Citando a interpretação desses autores, além de apontar características do próprio discurso lascasiano, notamos a existência de um grande debate a respeito dessa narrativa da América. Todavia, as discussões pouco incluíram a *Apologética*, estudo tão vasto e relativamente distinto, não só em relação a *Brevisima Relación*, como também em comparação aos outros textos escritos pelo frade.

Las Casas é um autor *muito citado*, porém a *Apologética* é *pouco citada*. A procura dos referenciais da elaboração da obra pode ser indicador da sua preparação intelectual, em que as mudanças de perspectivas ao longo de sua vida de intensa atuação política na defesa do indígena proporcionaram-lhe uma revisão do modelo de colonização. Por isso, podemos analisar os resultados desta investigação a partir de uma sistematização que auxilie interpretar e contrapor o silêncio sobre esta obra lascasiana e sobre a temática que ele se propôs, indagando sobre sua forma de selecionar, recortar e argumentar na *Apologética*.

Talvez a diferença que merece nossa atenção após todo este debate, mas agora referente a *Apologética*, é onde poderíamos encontrar os argumentos *de fato* para a defesa do indígena, assim como também os *de direito*, que não estariam somente presente em obras como a *Apología*.

Seguindo as observações dos estudiosos lascasistas pretendemos unir a perspectiva do argumento de defesa do indígena à composição de uma obra que enaltece práticas, costumes e hábitos do Novo Mundo. A proposta de Las Casas, desta forma, insere a *Apologética* não como uma obra díspare no conjunto de seus textos, mas antes, um apanhado de argumentação que orientou o frade desde sua conversão à “causa indígena”.

CAPÍTULO 2

O INDÍGENA E SEU CONTINENTE

“Os caracteres que definem o homem, como a racionalidade, a sociabilidade, a liberdade, o bem comum, estão submetidos ao desenvolvimento histórico, em que fatores diversos participam acelerando ou retardando esse desenvolvimento. Las Casas deu muita importância às questões geográficas para explicar as diferenças entre os povos, mas pôde romper o determinismo físico, em seu pensamento, por meio da educação, que considerou como o elemento motor na evolução dos povos. Para ele, nenhum povo estava excluído do processo geral da humanidade para uma etapa mais perfeita e mais civilizada, porque todos, por natureza, eram racionais, livres e sociáveis, e a educação era o instrumento mais eficaz para acelerar o processo civilizatório...”

Héctor Bruit, *Bartolomé de Las Casas: a simulação dos vencidos*.

O primeiro tema abordado na *Apologética* é a descrição física do ambiente encontrado além-mar. Las Casas compartilhava da idéia de que o meio teria uma relação direta com seus habitantes. Certamente, esta mesma constatação era utilizada pelos seus adversários, porém num sentido negativo, em que o Novo Mundo seria um continente degradado, interferindo até mesmo no intelecto dos indígenas. Os primeiros capítulos da *Apologética* foram dedicados a esta discussão, cujo tema essencial seria *natureza*, concentrada na descrição – praticamente única – da Ilha Hispaniola, território onde o frade permaneceu mais tempo fora da Espanha.

Não concordava que os indígenas estariam sujeitos a essa influência negativa. Por essa razão, a sua descrição sobre a Ilha Hispaniola, cujas qualidades se estendiam a todo Novo Mundo, configura um lugar privilegiado e quase paradisíaco em que confluíam as causas de tipo cosmológico. Ao relatar as características geográficas de um determinado continente, há também uma alusão à Criação encontrada no livro *Gênesis* da Bíblia, num processo narrativo muito semelhante. Logo, a América seria uma obra de Deus e seus habitantes também, um aspecto moral que estaria, por exemplo, acima das temperaturas elevadas do continente.

O dominicano realizara uma generalização a respeito das demais terras, com as justificativas teóricas sobre as qualidades do ambiente físico e sua relação com os indígenas,

sempre adequada às causas de ordem universal e particular. “...*Las Casas va a dedicar veintitantos capítulos de su ‘Apologética Historia’ a explicar el modo de influencia que estas causas pueden tener en el ser humano...*” (QUERALTÓ MORENO, 1976, p. 111). O modo como descreveu este território é diferenciado também, pois não fora necessário se basear nos escritos de outros autores, como foi realizado sobre as regiões continentais, em que esta relação homem-natureza nem mesmo aparece.

De certa forma, poderíamos afirmar que esta determinada abordagem fundamentada na Ilha Hispaniola já bastava tanto para o restante do Novo Mundo, quanto como o argumento físico de toda *Apologética*. Segundo suas referências escolásticas, havia uma grande importância neste destaque sobre a natureza do Novo Mundo, que teria uma relação muito direta com as sociedades que ali habitariam:

*[Tomás de Aquino] la naturaleza tiene su origen en Dios en la inteligencia divina, por ello, también todo lo natural, y el derecho natural por tanto, participa de esa ley eterna radicada en el Supremo Hacedor” (ibid., p. 19). E, “...Naturalmente, todo ello está encaminado a probar que los indios cumplen todas estas condiciones en sus tierras por las cuales es imposible devir que sean gente incapaces...” (ibid., p. 112). “...Tomás terá fornecido, assim as peças principais do dossiê jurídico-político discutido durante todo século XVI na escolástica espanhola. Trata-se, no essencial, de dois tratados conexos com a *Suma Teológica*: o tratado das leis (Ia, IIae qu.90-7) e o tratado de justiça (*de justitia et jure*, Ia, IIae qu. 57-79), aos quais convém acrescentar as questões relativas aos “infiéis” (IIa IIae, qu. 10 – *de infidelitate in communi* – e qu. 12 – *de apostasia*). (COURTINE, 1998, p. 295)*

Apesar das passagens estarem mais voltadas para as características físicas da ilha, e pouco sobre seus habitantes, o frade fizera menções sobre algumas práticas (principalmente aquelas que envolviam a relação do indígena com o ambiente como, por exemplo, a agricultura), além de breves referências a respeito da violência sofrida pelos indígenas, exemplos os quais nunca foram abandonados pelo religioso. Demonstrava ter conhecimento direto de muitos fatos ocorridos naquele local.

A tentativa principal desses textos, assim como no restante da *Apologética*, era demonstrar como o continente e seus povos eram equivalentes em vantagens e desvantagens em relação ao Velho Mundo. Consistia; primeiro, no estudo dessas causas essenciais da natureza pelas quais o homem teria disposição e habilidade natural para os atos do entendimento; segundo, no estudo de como o indígena estaria inserido nessas causas (O’GORMAN, 1967, p. XXXVIII). A partir desta unidade metafísica do homem, Las Casas fundamentará sua acentuada defesa do

gênero humano, e, poderíamos dizer, de todas as nações, independentemente do nível cultural e de seus costumes (QUERALTÓ MORENO, 1976, p. 23).

Las Casas esforçava-se para evitar o “desmoronamento humano” do Novo Mundo. A *Apologética* seria mais um instrumento de luta contra os abusos de poder cometidos pelos conquistadores, a partir de um aprimoramento discursivo. Muitos estudos apontaram a imagem de que o trabalho do frade centrava-se mais no campo do direito e da religião. Mas o debate lascasiano também supunha uma discussão que não só envolvia elementos religiosos, jurídicos, políticos e morais, como também culturais. (STOFFELS, 1992, p. 186)

Stoffels fizera outra definição que nos auxilia a compreender como comportavam alguns “teóricos” da colonização espanhola daquele período: havia o *bando oficialista* e o *bando indigenista*¹⁰, o primeiro encontrava-se constituído num “macrocosmo cultural-legal-jurídico” e com interesses econômico-estratégicos importantes, não cedendo a favor das imposições pró-indigenistas. Em meados do século XVI (quando Las Casas finalizara a *Apologética*), o lucro adquirido pelas *encomiendas* chegava ao seu auge, fazendo da Espanha a monarquia mais forte da Europa. Aos poucos, este bando ganhava mais força dentro do cenário colonial. O bispo de Chiapas precisava reagir novamente.

O argumento oficialista baseava-se na barbárie do indígena, muitas vezes na sua irracionalidade também, a qual exigia a tutela e a direção espanhola para terminar a missão civilizadora e evangelizadora. Sustentavam-se, segundo Stoffels, em dois princípios: *Determinismo Geográfico*, em que as sociedades, num diferente habitat geográfico, são necessariamente subdesenvolvidas desde o ponto de vista humano até cultural¹¹; e o *Determinismo Humano*, baseado na idéia de que as características físicas e as potencialidades aristotélicas (inteligência, habilidade, bondade) eram deficientes nos indígenas, ou seja, seriam quase-humanos e nunca homens com plenas capacidades. Outro argumento seria do ponto de vista social, devido à quase inexistência de sociedades mais complexas, algo que após a conquista do México passara a também ser questionado.

¹⁰ O primeiro refere-se àqueles que defendiam a servidão na América, sendo a *encomienda* o melhor exemplo, enquanto o segundo àqueles que eram contrários. Sepúlveda e Las Casas faziam parte de cada grupo respectivamente.

¹¹ Algo que para alguns estudiosos da época adequava-se à realidade do Novo Mundo que se conheceu primeiro, a antilhana. Mas a medida em que a conquista espanhola se expandia pela terra firme, a geografia, a latitude, climas e vegetações tornaram-se variadas, começou a perder qualidade.

Las Casas queria demolir esses pilares para construir um novo edifício colonial. A *Apologética* deveria demonstrar que o indígena não era um ser com capacidade racional quase nula, mas sim perfeitamente racional e social, capacitado para se organizar em sociedades tão complexas, completas e funcionais, e que as diferenças de costumes, religião e sociedade, sacrifícios, etc, não significavam necessariamente irracionalidade ou vida viciosa. Em muitos aspectos as formas de vida indígena poderiam ser melhores que as européias. “*Probado hasta aquí que estas indianas gentes son de su naturaleza de buenos entendimientos por causas naturales, de aquí adelante quiero probar y demostrar serlo asimismo por sus manifestos propios efectos...*”¹² (LAS CASAS, 1992, p. 463).

O debate foi se acirrando ao longo dos anos, e certamente a controvérsia de Valladolid foi um grande exemplo a respeito dos vários debates que eram realizados sobre esse tema. Para o bando oficialista, seu ponto de força no debate era a organização e assentamento dos espanhóis em grupos oligárquicos de fato. Para o bando indigenista, as armas para se utilizar no debate eram a religião, as tomadas de consciência, a lei, a excomunhão.

Apesar das suas propostas radicais: negação de sacramentos, excomunhões, a busca de áreas exclusivamente destinadas a religiosos regulares, restituição de tudo que fora considerado “roubado” dos indígenas, evidencia-se que paralelamente havia outras intenções do frade, ou seja, propostas para o estabelecimento da colonização no continente que respeitassem as comunidades indígenas. Mesmo que seu projeto de conquista pacífica tivesse sido um fracasso nos anos 1520, sua maturidade intelectual incorporava outros argumentos. Da mesma forma que o governo castelhano mudou várias vezes sua estratégia de conquista e colonização a partir de resultados medíocres ou nulos, o dominicano também fazia o mesmo na *Apologética*, tentando demonstrar que concepção de captação pacífica e religiosa do indígena funcionava e era perfeitamente viável.

2.1 ILHA HISPANIOLA: A NATUREZA E A CAPACIDADE RACIONAL DE SEUS RESPECTIVOS HABITANTES

Las Casas vivera muitos anos no monastério dominicano da ilha. Praticamente toda essa vivência é perceptível na leitura de suas descrições. Dentre os conteúdos encontrados, há

¹² É importante ressaltar que os editores da *Apologética* publicada pela Alianza Editorial preservaram algumas palavras do espanhol do século XVI, que atualmente são escritas de outra forma, como: *demonstrar*, *munchas*, *mill*, etc.

comentários sobre o relevo, a vegetação, o clima, como também sobre os alimentos mais comuns. Existiriam vales, grandes montanhas e pequenos morros, vários rios e arroios (os quais poderiam ser mais de trinta mil segundo o religioso), entre lagoas doces e salgadas. Quase todos os terrenos seriam muito férteis, assim como outros um pouco menos.

Nesta espécie de introdução de toda obra, o bispo separou, muitas vezes, o que descreve entre “o que viu”, e “o que somente ouviu dizer”. O período em que finalizara seu texto, algo que já foi frisado anteriormente, é posterior ao momento o qual de fato esteve na Hispaniola. “...No me acuerdo qué tanto durará de ancho y largo esta cumbre, porque ha más de cinquenta años que estuve en ella; llamase Haytí (...) de la cual se denominó y nombró toda esta islas y así la nombraban todas las gentes de las islas comarcanas...” (ibid., p. 312). Muitas vezes não se lembra de alguns nomes, ressaltando também que determinadas características não se encontravam mais da mesma forma como nos primeiros anos da conquista devido à violenta exploração dos primeiros anos, que até provocaram a escassez de ouro em muitas das minas. Estava mais ciente sobre muitos fatos ocorridos naquele território, ao contrário de outros que conhecia menos, ou somente ouviu dizer ou leu a respeito.

A *Vega Real*¹³, uma várzea que ocupa boa parte do território, é constantemente mencionada como os possíveis Campos Elísios terrenos:

tiene longura de mar a mar (ya va de oriente a poniente) ochenta grandes leguas, las cuales todas yo he andado por mis pies... esta asentada la ciudad de la Concepción, que también llaman la ciudad de la Vega, cabeza de obispado, y fue la cabeza de toda las islas los primeros años, pero después muertos los indios fuese despoblando de españoles, y por el trato y frecuencia de las navíos al puerto de Sancto Domingo prevaleció la población de aquella ciudad y así se hizo cabeza de la isla (ibid., p. 321). Digo verdad, que han sido munchas y más que munchas, que no las podría contar, las veces que he mirado esta Vega desde las sierras y otras alturas de donde gran parte della se señoreaba (...) no tenía por vano el viaje desde Castilla hasta acá del que, siendo filósofo, curiosos o christiano devoto, solamente para verla y después de vista considerada se óbviese de tornar (ibid., p. 323).

¹³ Sobre esta descrição sobre a Vega Real, Frei Josaphat destacou: “Mais talvez que em outros livros, Las Casas parece exceder-se em seu empenho não só de defender, mas de exaltar as Índias, o povo e a terra. O que ele chama de geografia e de cosmografia é iluminado e transfigurado por um olhar carinhoso e uns sopros amenos, diríamos de poesia. Chega a juntar, talvez com seu pouco de humor, uns bons argumentos para sustentar a candidatura dessas regiões equatoriais e subequatoriais a figurar como o lindo e aprazível paraíso de Deus. Em um gostoso momento de imaginação, sonhando com os primeiros encantos que saboreou ao desembarcar na América, sugere que Vega Real, bem poderia ser os Campos Elíseos que os romanos situavam nas Ilhas Afortunadas (...) Um ilustre historiador e mestre da cultura espanhola estranhou que um andaluzo tenha achado tanto a admirar nessas selvagens terras da Meso e Sul-América. Na ternura de Frei Bartolomeu pelo rolo e pelo crer, pelas planícies, pelos rios e até pelo vulcões deste Continente que ele adotou o que o adotou carinhosamente, vemos os prenúncios de uma ecologia, que nos há de levar a cuidar desta terra ao mesmo tempo que encontraremos a força e os meios de lutar pela felicidade de seu povo.” (JOSAPHAT, 2000, p. 223)

Mesmo que tivesse finalizado a *Apologética* nos anos 1550, deixando claro que haveria informações incompletas as quais já não se recordava com exatidão, citou o momento em que iniciara seus escritos: “*A tres leguas desta vega, al cabo lo oriente, está el puerto de Plata y junto a él la villa que así se llama, y encima della en un cerro hay un monasterio de la Orden de Sancto Domingo, donde se comenzó a escribir esta Historia el año de mill y quinientos y veinte y siete.*” (ibid., p. 295-296). No que seria posteriormente separado em *Apologética Historia Sumaria* e *Historia de las Indias*, havia escritos iniciados cerca de trinta anos antes.

O *cazabe*¹⁴ (ou *cazabi*, como escrito pelo frade), o pão feito da raiz *yuca*, tivera grande destaque nessas descrições. Sua produção era iniciada pelo corte das raízes, raspadas e depois raladas e deixadas para fermentar, formando um tipo de massa que dava origem ao pão, muito apreciado pelo padre. Las Casas dedicara o capítulo¹⁵ 11¹⁶ ao *cazabe*, que após a chegada dos espanhóis, foi produzido de modo compulsório pelos indígenas, e posteriormente substituídos pelos africanos. “*...Después de aquellos muertos (que mataron a los indios), sucedieron otros vecinos que hoy en esta isla hay, los cuales comenzaron a traer negros...*” (ibid., p. 336-337). Do *cazabi*, curiosamente, podia-se extrair um veneno, com o qual os índios se suicidavam para não mais trabalhar. Sua manufatura também seria muito mais produtiva do que o de pão de trigo comum.

¹⁴ Espécie de pão feito da raiz *cazabe* ralada ainda cultivado na atual República Dominicana, assim como na Venezuela.

¹⁵ Neste trabalho, utilizamos a numeração dos capítulos encontrada na edição publicada pela Alianza Editorial. É importante recordar que Las Casas não intitulou os capítulos da *Apologética*, assim como em outras edições a numeração é até mesmo diferente. (ABRIL CASTELLÓ, 1992, p. 11).

¹⁶ Dentre as passagens referentes a produção do *cazabe*, aqui se encontram alguns trechos: “*Queda por decir el cómo se amasa el pan cazabi, e cuán fácilmente y cuánto provecho sale dél, porque por entremeter todas las raíces domésticas de que la gente desta isla para su mantenimiento usaba, no ha tenido en el precedente capítulo esto su lugar...*” (...). “*Traídas estas raíces a casa, que comúnmente junto está la labranza, la cantidad dellas que quieren traer, con aquellas conchitas que dije como almejas, o las que llamamos en Castilla veneras, raspan aquella tez o hollejo que dije ser cuasi como leonada, y quedando la raíz como la nieve blanca...*” (...). “*Tienen luego un cedazo algo más espero que un harnero de los que ahechan el trigo en el Andalucía, que llamaban híbiz (la primera sílaba lengua), hecho de una cañitas de canizo muy delicadas, y allí desboronan aquella masa ya vuelta en otro forma...*” (...). “*Estos hornos son como unos suelos de lebrillos en que amasan y lavanlas mujeres del Andalucía...*” (...). “*Y esta es y hay sido, y no otra, la causa porque no hay en esta isla más trigo que en Sicilia ni en Italia ni en toda España...*” (...). “*...Tiene cada persona que comer en dos arrobas de aquel pan o de aquellas tortas un mes bueno en abundancia... constádoles la facilidad y ganancia deste pan, mientras le duraron en las minas y en los otros trabajos, no curaban más de hacer deste pan con que los indios les servisen...*” (...). “*...Después de aquellos muertos (que mataron a los indios), sucedieron otros vecinos que hoy en esta isla hay, los cuales comenzaron a traer negros...*” (...). “*Si en esta isla no hubiera pan, o no tal pan, más trigo y mejor pan hubiera dél que en todo lo poblado del mundo, y de no habello hoy ninguna otra ha sido la causa*” (...) (LAS CASAS, 1992, p. 335-337).

Além do *cazabe*, Las Casas também descreveu o consumo de animais como peixes, cobras não venenosas, mamíferos marinhos próprios do Caribe (*manatiés*), assim como outras raízes. Havia também as diferentes frutas, muitas já trazidas de outros lugares e plantadas por lá, assim como árvores ervas medicinais¹⁷, que poderiam servir como remédios e venenos¹⁸.

Neste início da *Apologética*, o frade também cita o nome das diferentes províncias da Ilha Hispaniola delimitadas pelos conquistadores: *Bainoa, Guahaba, Marién, Marcorix de Bajo, Marcorix de Arriba o Cubao, Ciguayos, Higuey, Cayacoa, Azúa, Yaquimo y Hanyguayagua, Iguamuco, Banique, Hatiey, Zahay, Xaraguá y Caiguaní, Cybao, Maguana, Bonaio, Maniey, Arbol Gordo, Vega Real, Macao, Canabocoa, Samaná y Maguá*. As descrições físicas deste local quase sempre foram separadas no limite de cada uma, ou seja, abordava uma por uma, destacando relevo, clima, rios, alimentos, animais, vegetação, o excesso de locais férteis, assim como também seus habitantes. O frade só não se recordava do nome de uma das províncias: “*El nombre que tenía puesto por los indios no miré preguntallo cuando pudiera muy sabellos [d]ellos, y aun tiempo que yo había comenzado a escribir esta Historia; y así quedó esto, como otras muchas cosas, por mi inadvertencia...*” (ibid., p. 295). A Vega Grande seria a região em comum entre a maioria destas províncias, os Campos Elísios daquela terra, segundo suas próprias palavras.

O princípio de uma origem única, inserida na tradição judaico-cristã da Criação, que igualaria todos os homens eram freqüentes na obra de Las Casas. O dominicano acreditava que características físicas lembravam muito a Índia, e certamente teriam feito parte dela no passado devido ao grande número de árvores semelhantes àquelas encontradas na Ásia. Além de fazer essa relação, Las Casas citou o nome também de alguns vegetais, muitos dos quais, provavelmente, seriam descendentes daqueles plantados por Noé.

Como já foi dito anteriormente, ao contrário das outras regiões que também citou na *Apologética*, a Ilha Hispaniola é o território o qual Las Casas conhecera melhor devido sua experiência pessoal. No restante da obra, podemos notar que o uso do trabalho de outros cronistas foi indispensável. Sem terminar de citar as demais características encontradas na ilha, e por sua

¹⁷ “...creo que de gran virtud medicinales porque son muy hermosas y pintadas, como con tijeras cortadas muchas dellas, que luego parece haberlas naturaleza por su virtud señalado...” (ibid., p. 351).

¹⁸ “[guao] ...La leche deste árbol es ponzoñosa y della y de otras cosas hacen los indios la yerba que ponen en las flechas con que matan” (ibid., p. 347). “Hay otro árbol de que se hace artificialmente el bálsamo (...) Yo lo he hecho hacer por este modo y salió mucho bueno y obra de un cuartillo o poco más que envié a Castilla a cierta persona, en el año de veinte [y] ocho o treinta (...) La experiencia que deste liquor se tiene hoy es que para cualquiera herida...” (ibid., p. 348). “Una yerba conozco yo (...) la cual el flujo de la sangre de las narices se estanca...” (ibid., p. 351).

vez as estendendo para regiões mais próximas, o frade levantou diversos questionamentos sobre o restante das Índias de Castela, como também sobre seus respectivos habitantes. Essas mesmas descrições referentes a um território específico serviam como uma justificativa equivalente a todas as outras terras, na defesa de seu argumento físico geral para todo o continente.

Portanto, a discussão sobre as causas favoráveis da ilha iriam se completar ao serem generalizadas a todas às Índias. Sobre essa mesma característica, O’Gorman destacara:

Pensamos que cuando Las Casas justifico por efectos de causas cósmicas la excelencia de la Isla Española, debió comprender que esa misma justificación le entregaba un irrefutable argumento a priori que demostraba la necesaria perfección orgánica y corporal de los habitantes naturales de esa isla, y por lo tanto, y esto es lo decisivo, su necesaria plenitud de capacidad racional. Y puesto que ese era el asunto central de todas sus preocupaciones a hacer la generalización que hizo respecto a todas las tierras de las Indias, porque de ese modo todos sus habitantes se beneficiaban de tan poderoso argumento; y ya engolosinado con esta perspectiva es natural que haya abandonado la brumosa tarea de proseguir con la descripción geográfica y dedicado de lleno a aprovechar la estupenda oportunidad que se le brindaba (O’GORMAN, 1971, p. XX).

Eram justificativas teóricas das qualidades, e, de certa forma, um pequeno tratado, o qual mostrava que a Hispaniola¹⁹ estaria adequada em relação às causas de ordem universal e particular, assim como o restante do Novo Mundo. Esse o conceito de causa universal teria seus desdobramentos. Segundo os critérios apresentados pelo frade, cinco características atrapalhariam a habitação de algumas regiões: excesso de terras alagadiças, a existência de terrenos estéreis, os bichos ruins em excesso, o número elevado de montanhas ou vales e a má qualidade do ar. A localização entre os céus também seria fundamental. Uma boa posição entre os astros era muito importante, assim como a influência das temperaturas, que não poderiam ser muito altas a ponto de afetar o intelecto, tornando-os inferiores àqueles que habitavam regiões mais frias.

De acordo com o seu raciocínio, influências negativas como essas não ocorriam no Novo Mundo. Haveria regiões quentes propícias ao homem e, além disso, outras vantagens encontradas no Novo Mundo contrabalançariam o problema relativo às altas temperaturas, sendo a Ilha Hispaniola um bom exemplo. Era como se, implicitamente, quisesse afirmar que lugares

¹⁹ Neste trabalho, optei pelo uso de *Hispaniola*, seu nome original. Apesar da tradução de “hispaniola” para o português ser “hispanica”, frei Carlos Josaphat referiu-se ao mesmo território como “Ilha Espanhola”, assim como o mexicano O’Gorman, que citou seu nome como *Isla Española*.

quentes teriam qualidades também, ou que, no caso específico desta ilha, haveria outras características que se sobreporiam às outras.

Existiam bons ares, pântanos, cobras, vales, montanhas, bons odores. Todas as estações eram ensolaradas. Ventos marinhos do oriente purificariam o ar, enquanto os do norte (frios) fechavam os poros do corpo, preservando o calor interno. Havia poucos piolhos e pulgas, e a maior parte teria vindo da Europa. Os indígenas eram pouco castigados, mesmo não usando calçados fechados (alpargatas). Os negros eram mais castigados pelas pulgas porque, segundo o frade, seriam mais sujos.

Apesar de ter destacado muito mais as qualidades encontradas na Hispaniola do que seus defeitos, o dominicano descrevera uma doença antiga que infeccionava os gânglios (*bubas*), provavelmente originária do Novo Mundo, que os assombrava. Mas ressaltara que, geralmente, seus povos eram muito mais saudáveis do que os europeus. Recordou o fato de um homem hidrópico curar-se sozinho, muito provavelmente por apresentar uma saúde superior.

O frade também afirmara que sua ilha era maior que a Inglaterra, Creta e Sicília (estava errado somente em relação à primeira²⁰), comentando que nas três existiriam menos qualidades em relação à Hispaniola. A quantidade de águas era algo que também engrandecia uma determinada região. A ilha estava repleta delas, podendo haver mais de trinta mil rios e córregos. Na extensão de suas comparações, descrevera regiões vizinhas, destacando as qualidades de Porto Rico, Cuba, Jamaica, Trinidad, Nicarágua e Paria, férteis e formosas como a primeira. Esta generalização das qualidades da ilha para todas as Índias Ocidentais seria, segundo Edmundo O’Gorman, um paradigma de todas as novas terras: admitia-se que haveria regiões onde o ambiente não seria tão privilegiado, e as poucas vantagens destas confirmariam a regra em relação às demais. (id., 1967, p. XXXVIII)

A cor dos indianos era mais negra do que a dos indígenas, logo estes teriam uma mais adequada, segundo Las Casas. O excesso de sol, que prejudicava a pele e o intelecto, era agravante. Mas os indígenas tinham mais vantagens neste sentido também porque a localização

²⁰ Assim como afirmara que quase não existiam pulgas no Novo Mundo, apesar de existirem muitas, Las Casas também exagerara na comparação da Hispaniola com outras regiões conhecidas na época. A Inglaterra (neste momento já unida ao País de Gales) era muito maior do que a ilha. Porém, como era comum entre os cronistas, surgem essas comparações, principalmente aquelas que falavam das imensidões. Era uma estratégia de engrandecimento do continente. “[Nota]... *Las Casas... comparaba ventajosamente con las tres islas más célebres del mundo antiguo, Inglaterra, Sicilia y Creta...*” (GERBI, 1978, p. 216).

celestial era melhor. Apresentando características naturais da ilha, depois as estendendo pelas regiões vizinhas, Las Casas utilizava boa parte dos argumentos de sua época para exaltar as qualidades do continente e de seus habitantes. Abordara uma por uma, inicialmente expondo afirmações as quais não concordava, e posteriormente refutando as mesmas, característica que se repete no decorrer de toda obra.

A partir do capítulo 23, aparece um esquema pontual e metódico do que seria a *Apologética* na sua versão definitiva. “...*Y de aquí es que según la capacidad del cuerpo se mide la capacidad del ánima, y así unos hombres tienen el ánima más perfecta o menos perfecta que otros...*” (LAS CASAS, 1992, p. 382). O tema de Las Casas passa a ser o “argumento humano”, no qual descreve que os indígenas têm formosura e proporções benéficas dados pela natureza.

Esta argumentação leva à comprovação da existência da capacidade de independência e de auto-suficiência das comunidades indígenas. Há uma grande exposição dos diferentes argumentos que aqueles chamados integrantes do bando oficialista deduziam como a incapacidade do índio nos planos racional, religioso e social; posteriormente refutados com argumentos contrários. Desta maneira, o frade examinara as justificativas discriminatórias, trocando-as pelas *suas* justificativas.

Para Las Casas, há seis causas naturais, essenciais para compreender as particularidades do Novo Mundo: a influência dos céus, a disposição e qualidades das terras, a composição dos membros e órgãos interiores, a clemência e temperança e suavidade dos tempos, e a idade dos pais e sanidade da alimentação.

A primeira delas, a *influencia de los cielos*, era importante para o corpo, e conseqüentemente também para a alma. “...*el sol o los planetas en el día de la concepción de cada uno; desde allí se comienza a tomar el indicio y, por el nacimiento de cada uno, de las condiciones e indicaciones del que nace...*” (ibid., p. 383). A localização entre os corpos celestes poderia afetar o intelecto das pessoas. De fato, motivaria diferenças no grau de perfeição e nobreza da alma e, portanto, na capacidade de entendimento. Em essência, as almas não seriam distintas, mas sua racionalidade só poderia se expressar através do corpo, sujeito à influência favorável dos céus.

A segunda causa estaria associada à idéia da disposição e qualidade das terras. O conceito de que lugares frios ou quentes influenciariam o intelecto era muito comum. Mas Las Casas já refutava tais afirmações na própria exposição destas idéias:

como la virtud celestial sea materia y corpórea y el entendimiento del hombre inmaterial y apartado de toda materia, y lo mismo la voluntad y con esto sea libre de donde depende que elecciones de los hombres son libres por lo cual ni el entendimiento ni la voluntad o influencias de las estrellas o cuerpos celestiales, sino accidental e indirectamente, como arriba fue dicho (ibid., p. 389).

A virtude celestial (dos corpos celestes) seria material e corpórea, enquanto o entendimento do homem seria imaterial e apartado de toda matéria. Logo, os homens seriam livres disso, ou melhor, mesmo sendo uma influência negativa, seria pequena frente à divina providência. “...*Y la naturaleza tiene que obrar así, porque es Dios quien actúa a través de ella, formando los hombres a su imagen y semejanza...*” (QUERALTÓ MORENO, 1976, p. 107).

A terceira causa, relacionada à composição corporal, era de igual importância em relação às demais. Las Casas ainda apontou quatro modos de se tratar o corpo: a moderação em beber e comer; a temperança em relação à sensualidade; a moderação e cuidado com as coisas temporais e mundanas; e a carência das perturbações de paixões como ira, prazer, medo, temor, tristeza, medo, e outros.

A quarta causa estava relacionada ao tempo. Variações excessivas de temperatura eram ruins. Regiões muito frias seriam consideradas boas por fecharem os póros e preservarem o calor interno, mas as muito frias seriam igualmente ruins, por ficarem longe do zodíaco, cujo verão era curto. A Ilha Hispaniola, assim como o restante das terras das Índias de Castela, seria mais harmônica neste sentido. Fizera também uma descrição sobre os costumes e hábitos de outros povos do mundo segundo esta quarta causa natural, destacando as qualidades indígenas frente a eles.

A quinta causa, referente à idade dos pais, era também importante. Os pais deveriam estar com uma idade ideal na hora de conceber um filho. Nunca muito jovens e nem muito idosos, lembrando que esta faixa etária era maior para os homens. Isto era uma qualidade fundamental, e o desrespeito em relação a esta causa poderia afetar profundamente o intelecto de seus filhos. Finalmente, haveria a sexta causa, em que o frade destacara a importância da alimentação. Delineou também uma relação entre o clima e algumas “*complxiones humanas*” como: melancolia (frio/seco), fleumática (frio/úmido), sangüínea (quente/úmido), colérica (quente/seco). Era clara a importância do meio como forma de interferência no intelecto, entretanto, eram conceitos que Las Casas sempre rebatia. Expunha para posteriormente refutar,

sendo um modelo de dissertação constante até o último capítulo da *Apologética*. Neste momento, podemos notar este primeiro objetivo da obra, ou talvez, a base em que fora estabelecida sua tese: um tratado sobre as relações entre o ambiente físico e os organismos vivos, com aplicação direta em relação aos indígenas, com o objetivo, já enunciado, de provar que são corporalmente perfeitos, portanto bons de entendimento.

Las Casas relacionou as seis causas naturais com o continente e seus habitantes. A influência dos céus atuava diretamente nos indígenas no melhor sentido, assim como a dos corpos celestiais também. Apesar de o clima ser quente na maior parte das terras, as qualidades intelectuais se encontravam preservadas. Era como se houvesse uma série de fatores que contribuíssem para o intelecto do indígena, predominantes sobre aqueles que atrapalhavam. Todas as regiões eram bem posicionadas abaixo dos astros.

Tinham corpos bem proporcionados. Na ótica do frade, apesar de morenos, tinham boa compostura. Geralmente as práticas culturais consideradas estranhas eram correlacionadas com outras do Velho Mundo, ou do Velho Testamento. Obviamente, nem todos seriam perfeitos, mas citando a importância do livre arbítrio, defendera a existência de uma determinada pluralidade de práticas.

Comiam bem, apesar dos rituais em que se embebedavam. Mas destacara a bebedeira de Noé como um contraponto, ou seja, não era exclusividade indígena. Tinham moderação nos atos venéreos, eram honestos com as mulheres e limpos. Havia injúrias, mas todas aceitáveis. A descrição de atitudes ruins semelhantes, ou mesmo piores, no Velho Mundo é frequente em toda *Apologética*.

Mesmo com os eventuais furacões, o clima era bom. Todos eram quase sempre alegres e teriam um sangue bom, porém, muitos padeciam de tristeza devido aos maus tratos dos espanhóis:

.conviene saber, el sufrimiento y paciencia que en los trabajos intolerables y nunca otros tantos ni tales, imaginados ni imaginables, que han de los españoles padecidos, como esta Historia con verdad delante de Dios, que es y será testigo y verdad de todo, testificará (...) las pestilencias que se han en algunas partes destas Indias engendrado, que es cierto proceder de la imaginación y de la tristeza de los males presentes y pasados (...) poca estima y menosprecio y abatimiento que los nuestros españoles destas domésticas y humanas gentes cobraron, no por más de por verlas tan mansas (...) debiéndolas de amar y agradar, honrar y estimar y consolar por las dichas mismas causas (LAS CASAS, 1992, pp. 451-452).

As cabeças tinham boas medidas, crânios adequados que não atrapalhavam o intelecto. Apesar de casarem muito cedo, “...*aunque los padres de los que nacieron de tanta edad como convernía, y, por conseqüiente, no por eso dejarán las gentes destas tierras de ser de buenos entendimientos para producir actos racionales e intelectuales...*” (ibid., p. 461), eram poucos os casos de problemas relacionados a isso. Mesmo, algumas vezes, não comendo muito bem, não sofriam de deficiência mental devido a isto. A idéia de uma boa dieta do frade é bastante associada à importância do consumo de proteína animal. “...*la mucha templanza y abstinencia que en sus comidas ordinarias... tienen, y otras muchas cualidades que, según por lo mucho que se ha referido, se puede colegir les favorecen...*” (ibid., p. 462).

Apontara também que pessoas que habitavam regiões quentes e úmidas viveriam mais do que aquelas que moravam em regiões muito frias. Estabelecera que o clima ideal para se viver seria o mais harmônico, e não necessariamente o menos quente, algo muito presente em todas as Índias de Castela. Sendo assim, estavam em condições perfeitas para que suas almas recebessem a fé cristã, assim como eram perfeitas no entendimento:

queda, si no me engaño, asaz evidente probado ser todas estas indianas gentes, sin sacar alguna, de su mismo natural, común y muy generalmente, de muy bien proporcionados para recibir en sí nobles ánimas y recibirlas con efecto de la divina bondad y certísima Providencia, y por conseqüiente, sin alguna duda, tener buenos y sotiles entendimientos, más o menos menores o mayores, según más o menos causas de las seis susodichas en la generación de los cuerpos humanos concurrieren (ibid., p. 462).

Segundo Queraltó Moreno: “*La afirmación primera de nuestro dominico, afirmación fundamentalísima, es la de la específica unidad del género humano. Para Las Casas todas las naciones y seres humanos – son hombres y pertenecen a un mismo género de seres creados...*” (1976, p. 98): todas suas constatações caminhavam para esta conclusão, o intelecto dos indígenas não estava prejudicado, e tudo aquilo que ainda não conheciam poderia ser ensinado sem maiores problemas. Portanto, não havia só a possibilidade de conversão dos indígenas, mas também de educação²¹.

²¹ “...*Establecida la unidad específica del género humano, Las Casas prosigue su analisis del hombre, y nos dice que esta fundamental unidad no excluye un conjunto de rasgos diferenciadores que ocasionan que unas culturas sean distintas de otras.*” (QUERALTÓ MORENO, 1976, p. 110) Sobre Queraltó Moreno Bruit frisara: “O estudioso espanhol Queraltó Moreno tem assinalado que, no pensamento lascasiano, cultura e religião são duas esferas inseparáveis e que sem a primeira, a segunda tornar-se-ia estéril. Em outras palavras, a aceitação do Evangelho passava primeiro e necessariamente por um ato de raciocínio dos homens, que os capacitava para discernir entre o

Além da capacidade racional como justificativa de defesa, Las Casas utilizara outras descrições referentes à organização social, o que lhe abriu a possibilidade de realizar uma detalhada argumentação sobre a cultura dos povos do Novo Mundo, mediante uma sistemática comparação com os povos antigos do Velho Mundo. Desta forma, surgia, segundo afirmou O’Gorman, um importante desdobramento dentro da *Apologética*, ou seja, definida a perfeita capacidade de intelecto dos habitantes do continente, o religioso precisava expor mais vantagens a partir dos feitos indígenas:

Este tan importante cambio de enfoque dio el impulso definitivo al proceso que veníamos rastreando, puesto que despertó en Las Casas la idea fundamental que inspira la Apologética o se ala de demostrar que los indios gozaban de plenitud de entendimiento, a base, primero, del vínculo necesario que existe entre la mayor o menor perfección de los hombres y las condiciones del ambiente físico en que se crían y segundo, a base de un estudio de su cultura como manifestación a posteriori de su capacidad racional. De ese modo, en efecto, mostraría que el indio no sólo era capaz por sus condiciones corporales, es decir, considerado como ente de naturaleza, sino por sus obras, es decir, considerado como ente moral o histórico (1971, p. XX).

2.2 AS PRUDÊNCIAS

Os objetivos de Las Casas rumaram a uma breve exposição mais teórica antes de adentrar sobre os feitos indígenas. Realizara uma exposição sobre o conceito de prudência, que seriam três: monástica, referente ao regime racional da vida do indivíduo; econômica (ou doméstica), referente ao regime racional da vida familiar; e política, referente ao regime racional da vida em sociedade (LAS CASAS, 1992, p. 463).

O uso do conceito das diferentes prudências era necessário para adequar melhor sua retórica de defesa ao discurso daquela época, no caso, aquele baseado no pensamento escolástico compartilhado tanto por Las Casas, quanto pelos seus principais adversários. Em outras palavras, o dominicano necessitava de um argumento mais teórico para justificar melhor suas considerações sobre o Novo Mundo expostas anteriormente.

verdadeiro e o falso, o justo e o injusto, o bem e o mal, que são, antes de tudo, valores culturais independentes de qualquer conteúdo religioso específico. É justamente nessa distinção que reside todo o significado que Las Casas deu ao ensino em geral. Repetiria, mais de uma vez, que todos os homens estavam capacitados para aprender; o aprendizado ‘é um modo comum a todos os homens do mundo, sem diferença nenhuma de seitas, erros ou corrupção de costumes’.” (BRUIT, 1994, p. 112).

A partir do capítulo 40, começou a desmontar o argumento humano-histórico, que sustentava a incapacidade racional do índio por suas obras e capacidades individuais. Os respectivos títulos são:

De cómo el hombre se inclina naturalmente al bien. Acerca de las tres especies de prudencia: monástica, económica y política; En el cual se continúa la materia de la prudencia, etc; En donde se prueba que estas indianas gentes tenían prudencia monástica; En donde se prueba que tenían prudencia económica; En el cual se prosigue la misma materia de cómo estas gentes tienen prudencia económica; Sobre la prudencia política en el hombre y de cómo los indios muestran tenerla (ibid., p. 459-492).

A noção de prudência supõe uma capacidade racional, e mostrar empiricamente que os indígenas eram *prudentes* seria demonstrar que eram racionalmente capazes.

Os nativos do Novo Mundo teriam todas essas prudências, citando as características que demonstravam isto. A partir do capítulo 46, iniciou a análise do índio como ser social, a medição de sua capacidade de formar *póleis* ordenadas e funcionais mediante elementos que compunham a sociedade. “*Manifestase, pues, y queda clara la suficiencia y perfección de las repúblicas, reinos y comunidades destas gentes...*” (ibid., p. 523). Os capítulos 46 ao 48 foram fruto dessa teoria lascasiana quanto uma possível doutrina antropológica, fundamentada na idéia de que a natureza não poderia criar monstros em todo continente porque deixaria de ser perfeita. “*...no parece que la Divina Providencia quiere permitir que la naturaleza yerre haciendo monstruos en la especie de tan excelentes criaturas...*” (ibid., p. 538).

A prudência política, tratada num extenso tratado de revisão da vida social das diversas nações, foi sempre comparada com o mundo antigo. De certa forma, é possível afirmar que ela se estende até o final da *Apologética* porque foi a prudência escolhida para ser trabalhada de fato no decorrer de sua tese. Tornou-se aquela que lhe serviu de modelo para que demonstrasse as qualidades dos indígenas a partir de seus atos.

Ao mesmo tempo em que a lógica argumentativa de Las Casas pressupõe a igualdade dos indígenas e, para tanto, aborda a capacidade de organização política, o dominicano centra sua argumentação no princípio da providência divina que tudo governa. Evidentemente, o argumento é próprio de um religioso do século XVI, mas não deixa de transparecer, ao nosso olhar, uma autonomia extremamente limitada das organizações indígenas.

Toda sociedade deveria ser constituída de seis grupos de cidadãos: lavradores, artesãos, guerreiros, homens ricos, sacerdotes, juízes e governantes. Para Las Casas esses grupos se congregariam em cidades. Como existiam comunidades muito pequenas, grupos dispersos e errantes, homens silvestres e solitários, Las Casas deveria explicar que essa condição da vivência na cidade não os atrapalhava. Para tanto utilizou muitos exemplos dos povos antigos. Desta explicação se deduz que todos os homens e nações, qualquer que fosse o estado de primitivismo social em que se encontravam, poderiam ser reduzidos à vida política. O’Gorman relembra:

El fundamento de la tesis lo proporciona Cicerón (De legibus, libro I) con la doctrina de que todas las naciones son de hombres y que todos son entes racionales y además, añade Las Casas, todos fueron creados a semejanza de Dios. Establecida así la igualdad esencial del género humano, el autor encuentra el sitio lógico para articular sus tesis de monstruosidad, frecuentemente utilizada por él en las polémicas con sus adversarios y ya enunciada en el “Argumento” de la obra. Se trata, en resumen, de que los hombres mentecatos o carentes de razón son yerros de la naturaleza y en ese sentido son monstruos, es decir, excepciones rarísimas; y de allí, lo absurdo – concluye Las Casas – en que incurren, por implicación, quienes sostienen la idea de la incapacidad contra el reparo que podría aducirse del hecho de que algunas naciones del Nuevo Mundo no viven en ciudades (1971, p. XXIII).

Além disso, Las Casas preenchia a lacuna aberta sobre o pouco número de núcleos urbanos, completando-a com Santo Agostinho: “...porque la verdadera ciudad son los hombres vivos si con amor, concordia y paz son coligados, no las paredes ni piedras muertas...” (LAS CASAS, 1992, p. 523). Utilizando-se do que seria a “verdadeira cidade cristã”, a *Cidade Deus*, que por sua vez não era a cidade terrena (mundana, satânica, absolutamente separada e eternamente punida nos fins dos tempos), retirava a necessidade de uma *pólis* física para perfeitos cidadãos. Aliás, nem mesmo esta definição aristotélica de *pólis* seria tão restrita a ponto de afirmar que todos aqueles que não habitavam a cidade seriam cidadãos, simplesmente porque ser cidadão não significava viver nela, mas sim participar dela²².

Portanto, o frade dera importância aos determinados grupos de cidadãos na composição da sociedade temporalmente perfeita que existia no Novo Mundo. Apesar do pouco número de núcleos urbanos e, mesmo que ainda houvesse habitantes mais rudes, isto poderia ser

²² “... Aristóteles não considera “cidadãos” todos aqueles que vivem em uma Cidade e sem os quais a Cidade não poderia existir. Para ser cidadão, é preciso participar da administração da coisa pública, ou seja, fazer parte das assembléias que legislam e governam a Cidade e administram a justiça...” (REALE & ANTISERI, 1970, p. 208).

mudado, principalmente porque a divina providência não permitiria que houvesse desvios tão marcantes.

Todas las naciones del mundo tienen entendimiento y voluntad y libre albedrío (...) tienen virtud y habilidad o capacidad e a lo bueno inclinación natural para ser doctrinados, persuadidas y atraídas a orden y razón y a leyes y a la virtud y a toda bondad...” (ibid., p. 537) ...no parece que la Divina Providencia quiere permitir que la naturaleza yerre haciendo monstruos en la especie de tan excelentes criaturas, tanto sino mucho menos más raras veces que en las demás (ibid., p. 538).

O mundo indígena estava completo para receber o cristianismo, e sua influência tomista contribuía para que seu discurso torna-se cada vez mais flexível, e uma das características do discurso lascasiano é sua capacidade de se adaptar segundo as circunstâncias. Certamente essa capacidade estava também fundamentada na sua influência escolástica.

Manuseando diversos argumentos como os anteriores, Las Casas também estabeleceu que a partir daquelas três prudências, a “boa e ordenada república” estaria presente entre os indígenas. Entretanto, teria ainda que expor mais argumentos favoráveis, utilizando descrições que iriam além da Ilha Hispaniola e de seus respectivos arredores, agora mais voltadas sobre seus feitos.

Portanto, Las Casas acrescentaria em seu discurso dados mais empíricos para justificar sua defesa, recorrendo a uma série de referências para poder demonstrar mais empiricamente como eram organizadas politicamente as sociedades indígenas. E estas características iriam além de uma discussão mais teórica, ao colocar a história indígena frente à história européia, igualando-as numa só: a história cristã²³.

²³ “El sentido argumental general de la obra es una exposición de los diferentes argumentos por los que los abanderados del bando oficialista deducen la incapacidad del indio en los planos racional, religioso y social. Uno a uno va examinando los diversos argumentos discriminatorios del indio y los va refutando con argumentos en contra. Pero la riqueza de la obra no se queda en eso. Las Casas, pensando que, a lo peor, aquella maniobra no era suficiente, incorpora del Viejo Mundo con las del Nuevo Mundo. Para esta segunda maniobra Las Casas parte de la idea de que la cultura del Nuevo Mundo no es irracional y salvaje ni antinatural, sino que las sociedades que encontramos en las Indias se encuentran sólo unos siglos retrasadas respecto a las del Nuevo Mundo. De ahí que la mayor parte de las comparaciones sean con las sociedades clásicas aunque Las Casas no se muerde la lengua a la hora de criticar y comparar costumbres presentes a ambas” (STOFFELS, 1992. p. 191-192).

2.3 A CAPACIDADE DOS ÍNDIOS PARA RECEBER O EVANGELHO E OS QUATRO TIPOS DE BARBÁRIE: APÊNDICE DA APOLOGÉTICA

O epílogo da *Apologética*, de certo modo, é uma recuperação da discussão sobre o intelecto dos indígenas encontrada nos primeiros capítulos. Nesta última parte, há suas considerações finais sobre toda obra, algo que alguns autores acrescentaram ter sido um adendo, escrito às vésperas da controvérsia de Valladolid. Para Gerbi, Las Casas “...renuncia ao ataque frontal e investe contra o raciocínio de Sepúlveda pelos dois extremos, ou seja: negando por um lado que os índios sejam fortes como escravos e, por outro, que os espanhóis sejam pios e justos como senhores desagregando assim todo o sistema de argumentos do Filósofo, renovado pelo apologista [Sepúlveda] da guerra justa contra os índios”. (1996, p. 69). O capítulo 263 é praticamente a conclusão do que pretendia expor desde o início.

O frade concluía sua segunda parte de demonstração da capacidade racional do indígena, fazendo uma recapitulação de todo o argumento da obra, declarando que demonstrou plenamente que os habitantes do Novo Mundo seriam dotados de entendimento. Mesmo admitindo que deveriam se distinguir, a esse respeito, diversos graus nas infinitas nações indígenas, não lhes faltava a razão. Muitos foram superiores às nações antigas do Velho Mundo, incluindo as consideradas mais cultas. O dominicano chegou até a questionar a capacidade dos espanhóis em realizar a colonização na América até aquele período, frisando que tanto eles quanto seus antepassados eram piores: “...*nosotros mismos, en nuestros antecesores, fuimos muy peores, así en irracionalidad y confusa policía como en vicios y costumbres brutales por toda la redondez desta nuestra España, según queda en munchas partes arriba mostrado...*” (1992, p. 1574).

Todo este exercício retórico culmina no reconhecimento de que os indígenas seriam capazes, como qualquer outra nação, de receber o Evangelho. Todas as descrições, comparações, e argumentos baseados na tradição filosófica da época reforçavam ainda mais o discurso lascasiano. Mas para de fato finalizar sua tese, Las Casas discutiu um tema certamente crucial naquele momento: o suposto caráter bárbaro do indígena.

Nesses quatro capítulos finais, evidentemente inseridos depois de terminada a obra como foi destacado anteriormente, o dominicano se propõe a declarar o sentido da palavra “bárbaro”. Distinguiu quatro acepções da palavra (capítulos 264-267 e no Epílogo) classificando

essas espécies, e tentara responder em quais poderiam estar inseridos os habitantes do Novo Mundo²⁴.

* * *

Esta discussão filosófica da parte final da obra é relativamente diferente em relação ao restante do texto, mas revela um aspecto mais circunstancial da *Apologética*. Mesmo que fosse um trabalho realizado ao longo de muitos anos, e inicialmente integrante da *Historia de las Indias*, o período de publicação da obra tinha um objetivo bastante marcado pelas circunstâncias dos anos 1550, em que este determinado tema sobre a barbárie era um dos mais debatidos.

Las Casas defendia uma igualdade das nações por natureza, e que a diferença entre elas não teria relação com as falhas ou carências naturais, mas sim às diferenças de cultura. Passara a exigir a colonização e a aculturação dos índios de maneira pacífica. Esta sua “antropologia comparada” não tinha como fundamento único comparar as culturas indígenas com as do Velho Mundo, mas também demonstrar a racionalidade e plena capacidade receptiva de

²⁴ “...*La Primera, tomando el término larga e impropriamente, por cualesquiera extrañas, ferocidad, desorden, exorbitancia, degeneración de razón, de justicia y de buenos costumbres y de humana benignidad, o también por alguna opinión confusa o acelerada, furiosa, tumultuosa o fuera de razón...*” (LAS CASAS, 1992, p. 1576). Argumento baseado no livro 1º., capítulo 2º. da *Política*, seria o nível mais baixo de barbárie. A princípio, uma definição muito ampla também. A segunda espécie seria composta por aqueles que careciam de letras: “...*La segunda manera o especie de bárbaros es algo más estrecha, y en ésta son aquellos que carecen de literal locución que responda a su lenguaje, como responde a la nuestra la lengua latina, finalmente, que carezcan de ejercicio y estudio de las letras...*” (ibid., p. 1577). Baseou suas idéias no Aristóteles de Tomás de Aquino (1º. da *Política*, lição 1ª.), e em Aristóteles propriamente dito (3º. da *Política*). Antes de dar sequência às outras três espécies de barbárie, Las Casas recordara que os gregos chamavam de bárbaros aqueles que tinham alguma estranheza e não falavam bem o grego. Os romanos usavam esta definição a respeito daqueles que habitavam fora do império. Logo, os indígenas poderiam chamar os espanhóis de bárbaros. A terceira espécie seria a dos bárbaros cuja aspereza e degeneração dos costumes era evidente. Bárbaros por <simpliciter>, os verdadeiros escravos por natureza. “*Es la tercera especie y manera de bárbaros, tomándose el término o vocablo estrecha y muy estrecha y propriamente, conviene a saber, los que por sus extrañas y ásperas y malas costumbres o por su mala y perversa inclinación salen crueles y feroces y extraños de los otros hombres y no se rigen por razón, antes son como estólidos o fantochados, ni tienen ni curan de ley ni derecho, ni de pueblo ni amistad ni conversión de otros hombres...*” (ibid., p. 1580). Encontrados na *Política* (capítulos 2º. e 5º.) eram considerados escravos por natureza, somente livres enquanto sozinhos. Poderiam ser até caçados como animais, conceito que se assemelha à primeira espécie, mas com um sentido mais simples, próprio e estrito. O dominicano também recorda a raridade desta classe de bárbaros. Para quarta espécie, Las Casas baseou-se na tradição cristã. Esses bárbaros seriam todos aqueles que não conheciam Cristo. “...*Es la cuarta manera o especie de bárbaros y que se puede colegir de las cosas arriba dichas que comprende todos aquellos que carecen de verdadera religión y fe cristiana, conviene a saber, todos los infieles, por muy sabios y prudentes filósofos y políticos que sean...*” (ibid., p. 1583). Aristóteles seria um deles também. Os indígenas seriam bárbaros da segunda e quarta espécie, fora aqueles que conheciam a escrita, que seriam bárbaros somente da quarta. A partir do momento em que todos estivessem cristianizados e letrados, a barbárie indígena estaria anulada.

cultura e religião, exigindo uma cristianização tranqüila e afetiva – “...*un abandono de posturas eurocéntricas o egocéntricas...*” (STOFFELS, 1992, p. 197).

Estabelecera determinados critérios para compreender que tipo de bárbaro o indígena seria, realizando uma releitura das idéias aristotélicas ao reaplicá-las no Novo Mundo. Os indígenas poderiam ser bárbaros quando ainda pagãos, algo que seria transformado após a catequização. Como também “não era em todos os casos de barbárie que a condição de bárbaro podia ser evocada para subjugá-los pela força...” (GUTIÉRREZ, 1994, p. 177).

Portanto, descreveu as diferentes espécies de barbárie que se conhecia, concluindo que os índios somente poderiam ser considerados bárbaros quando ainda não estavam cristianizados, mesmo assim dentro de um determinado “nível de barbárie”. A conversão desses nativos poderia ser realizada sem a aplicação da violência, também não servindo como justificativa para interpretá-los como “servos por natureza”.

CAPÍTULO 3

AS FONTES UTILIZADAS POR LAS CASAS SOBRE A NOVA ESPANHA

“...en la realidad la Apologética surgió como Eva, pero no de una costilla, sino de un costillar entero de la Historia de las Indias...”

Miguel J. Abril Stoffels, “La Apologética Historia Sumaria: claves para su interpretación”.

Para redigir a *Apologética*, Las Casas utilizou uma imensa quantidade de informações encontradas no texto de outros cronistas. Neste capítulo, há a exposição de diversos trechos coletados nesses escritos, especificamente sobre a Nova Espanha. A partir dessas fontes, o religioso preencheu seu argumento de dados empíricos para que sua retórica de defesa tornasse cada vez mais enfática sobre as diversas qualidades tanto no continente, quanto sobre os habitantes das Índias de Castela, tornando seu texto, aparentemente, menos característico de um “cronista de gabinete”²⁵. Certamente, podemos afirmar que havia a idéia de se demonstrar melhor o que já estava exposto de antemão, já que tinha uma conclusão pronta antes de recorrer a sua leitura:

Es decir, Las Casas no necesita recurrir a las fuentes citadas para demostrarse a sí mismo la racionalidad, la política o los derechos de los indios. Él nunca pone duda la humanidad del indio. Aduce testimonios históricos de forma abundante en su argumentación comparativa con la sola intención de convencer a quienes no admitían la racionalidad del indio o, simplemente, a quienes estaban obligados a dictaminar leyes para el comportamiento de los españoles de acuerdo con dicha racionalidad. Una vez más tenemos el caso, y no es el único, de un historiador que escribe para justificar

²⁵ O termo “cronista de gabinete” da América, neste caso, significa um tipo de autor cuja experiência junto aos indígenas era pouca ou mesmo nula. Pedro Mártir de Anglería, por exemplo, encaixa-se nesta definição pois nunca estivera no continente, utilizando-se do relato de terceiro para a elaboração de sua obra. Las Casas, apesar de ter vivido durante muitos anos na Ilha Hispaniola, não exerceu uma função de frade catequista como outros, assim como muito provavelmente não conhecia nenhum idioma indígena. Seria outro cronista de gabinete, voltado para as funções burocráticas de sua ordem ou da própria hierarquia eclesiástica, com pouca vivência direta junto às comunidades indígenas, ao contrário de Motolinía.

lo que él no cuestiona, ni filosófica ni teológicamente hablando; un historiador que escribe con dolor, porque el recurso a las fuentes es la manifestación, en este caso, de una caridad que lo intenta todo, con tal de poder convencer a las instancias donde la justicia podía ser atajada. Siendo una obra eminentemente histórica, la Apologética hace recurso a las fuentes historiográficas de todos los tiempos. El peso de estas fuentes, comparado con el de las jurídicas y teológicas, es manifiestamente mayor. Incluso cuando Las Casas recurre a algunos grandes teólogos – san Agustín, san Alberto Magno, santo Tomás, etc. –, es más por su relación con la antropología y la historia, que con la teología. (BARREDA, 1992, p. 216)

E Jesus-Ángel Barreda ainda complementa, realizando algumas reflexões sobre o modo como ele se informava naqueles escritos. Segundo o autor, Las Casas é um erudito e sua seleção de fontes, com o acúmulo de referências indica que o dominicano tem a preocupação de reunir a maior quantidade de fontes possíveis para defender seus argumentos. O modo de citar, porém, é impreciso pois algumas obras foram lidas por Las Casas e outras citadas apenas por relato de terceiros. Para o estudioso, porém, o modo de cotejar e indicar as fontes é um esmero do Las Casas historiador.

3.1 SOBRE AS FONTES UTILIZADAS POR LAS CASAS

Desde a sua entrada na ordem dominicana, em 1523, o frade voltou-se aos estudos, construindo diversos argumentos contrários à continuidade das *encomiendas*. Ao longo das páginas que posteriormente deram origem à *Apologética*, o padre descrevera diversos aspectos das culturas encontradas na América, baseando-se tanto na sua experiência pessoal, quanto na leitura de outros cronistas do período. Dentre eles, poderíamos citar: Hernán Cortés, López de Gómara, Francisco Hernández, Toribio de Benavente “Motolinía”, Cristóvão Colombo, Pedro Mártir [de Anglería], Cabeza de Vaca, capitão Hernando de Alarcón, o franciscano Marcos de Niza, frei Andrés de Alviz (talvez frei Andrés de Olmos), Torbilla, e outros. Uma quantidade de referências tão vasta como a própria obra. *Memoriales*, do franciscano Motolinía, assim como trechos da *Historia de la Nueva España*, também foram utilizadas na confecção da *Apologética*. Acredita-se que o bispo utilizara uma cópia completa de sua obra, diferente de todos os manuscritos conhecidos, e a maior parte dos trechos selecionados estariam nos *Memoriales*.

Ao construir o argumento humano da defesa indígena que abordaremos na sequência, além de destacar a organização político-social dos indígenas, o frade realizou também o manuseio de fontes referentes ao Novo Mundo. Enquanto no início da obra, ele utiliza sua

experiência pessoal e as referências teóricas de seu tempo, no decorrer de seu trabalho ele partiu também para as fontes da América, dando maior importância àquelas que considerava serem as mais “fiéis” à realidade do continente, ou seja, redigidas pelos religiosos que teriam maior compromisso com a veracidade.

Desta maneira, Las Casas destaca-se também como um historiador, recorrendo por escrito a toda informação que lhe era possível sobre a América e seus habitantes. Procurava comparar as sociedades americanas com as da Antiguidade do Velho Mundo, integrando todas as variedades da sociedade humana ao explicá-las a partir de um mesmo modelo analítico universal. Ao estender essas descrições, o religioso também realizava um trabalho distinto em relação aos demais.

“La experiencia y los conocimientos adquiridos mediante una correspondencia epistolar variadísima y el testimonio personal y los testimonios indirectos que le fueran comunicados a Las Casas de conocimientos y argumentos con los que redactar las páginas de esta obra” (STOFFELS, 1992, pp. 190-191). Há um Las Casas mais pesquisador, no que se refere ao estudo de diversas fontes, mesmo que selecionando aquelas que melhor se adequavam ao seu discurso, pois tudo o que era prejudicial ao indígena era justificado, ou até mesmo omitido. Entretanto, baseando-se nessas informações, utilizou-as como um acréscimo a sua retórica de defesa: existiriam vantagens na própria cultura dos indígenas, mesmo que ainda como pagãos²⁶, assim como essas mesmas vantagens eram próprias do desenvolvimento natural de todos os homens, sempre filhos de Deus e agora súditos do reino cristão de Castela.

3.1.1 MOTOLINÍA

Motolinía foi o autor mais utilizado por Las Casas. Nos capítulos 63 e 64, novamente recordando que esta numeração refere-se à edição da Alianza Editorial, apareceram as primeiras

²⁶ “Invalidado el fundamento natural de la tesis sobre su incapacidad, Las Casas procede a demostrar empíricamente cómo, a través de las obras del libre albedrío, los indios pusieron de manifiesto en el pasado ser plenamente capaces de organizar y regir sus vidas. Ya no se trata aquí de examinar al indio en tanto individuo y desde un punto de vista fisiológico, sino de considerarlo en tanto en ente social y en su dimensión moral o histórica. Con este fin emprende una revisión de las culturas indígenas, sometiéndolas en su descripción al mismo patrón aristotético por el que, implícita o explícitamente, las estaban midiendo quienes calificaban al indio de bárbaro e incapaz de gobernarse. Por otra parte y a mayor redundancia, las somete a una comparación sistemática con aquellas de las naciones antiguas del Viejo Mundo, incluyendo a griegos y romanos (auténticos paradigmas de la civilización), a fin de probar que en muchos aspectos los pueblos amerindios no sólo les igualaron, sino que incluso les aventajaron.” (QUEIJA, 1992, p. 209)

referências sobre seu texto, na descrição da festa de *Corpus Christi*. As páginas 61-63 da *Historia de los indios de la Nueva España* são correspondentes às páginas 597-601 da *Apologética*. Las Casas afirmou que realizara uma cópia muito próxima, ainda destacando que o autor seria um franciscano:

*Quiero aqui referir lo que me dio por escripto un religioso de los honrados y señalados de Sant Francisco, que a la sazón era guardián del monasterio de Sant Francisco, questá en la ciudad de Tascala, en aquella Nueva España; y pongo a la letra sin añadir ni quitar cosa alguna más ni menos de lo que él tenía escrito en un libro, que del aprovechamiento de aquellas gentes en nuestra religión cristiana por menudo había colegido.*²⁷ (LAS CASAS, 1992, p. 597).

Motolinía, e sua obra imensa, foi utilizada e copiada em 27 capítulos diferentes da *Apologética*. Las Casas chega a citar seu texto de forma explícita e, em nenhum caso menciona o nome do franciscano. Apesar do famoso conflito que houve entre ambos, várias das alusões indiretas que Las Casas faz têm um tom claramente elogioso. A obra de Motolinía parece ser o texto mais extenso e melhor organizado daqueles que dispunha o dominicano para compor sua obra (de fato serviu-lhe como referência organizativa para os materiais reunidos sobre outras culturas americanas).

Há uma importante diferença entre os manuscritos utilizados por Las Casas e a atual organização dos textos redigidos pelo franciscano. A primeira série, que consta de várias cópias

²⁷ A título de exemplificação, vejamos algumas citações de Las Casas e os trechos originais: “...Adviértase, por lo que se dirá adelante, que según el enunciado de este título, este capítulo solamente debería tratar de [a] las fiestas de Hábeas y de los de San Juan, ambas celebradas en Tlaxcala en 153 (...) Esta fecha es correcta (...) lo decimos porque, tanto en la versión del padre Las Casas (Apologética., Cap. 63) como en la de Torquemada (Monarquía, libro XVII, cap. 9) aparece equivocadamente el año 1536. Para el texto citado de Las Casas...” (O’GORMAN, 1967, p. 99). Sobre o capítulo 15, Tratado primeiro: *De las fiestas de Corpus Christi y San Juan que se celebraron en Tlaxcala en el año 1538*. “...Por la razón de índole calendárica que se hace valer adelante (...) puede afirmarse inequívocamente que esta fecha de año es la correcta (...) Le versión conservada por Las Casas en la Apologética, caps. 63 y 64 (...) y puede asegurarse que, con excepción de la fecha de año, corresponde al texto original de Motolinía...” (ibid., p. 61). Las Casas. sempre não citando o nome de Motolinía, finaliza comentando: “...Todo esto aquí, con lo demás que arriba en el precedente capítulo se ha dicho, son palabras formales de aquel padre que arriba alegué, sin quitar ni poner alguna...” (LAS CASAS, 1992, p. 601). Semelhanças “*Allegado este día de Corpus Christi del año de mill y quinientos y treinta y seis, hicieron aquí los tlaxcaltecas una tan solene fiesta que me pareció que no se debía pasar en silencio, y creo que si en ella se hallaran el summo Pontífice y el Emperador con sus Cortes, holgaran mucho de verla. Aunque no había que muchas joyas ni brocados, había otros atavíos tan de ver, en especial de flores y rosas que Dios viste y cría en los árboles y en el campo, que ni Salomón in omni gloria sua vestiebatur sicut unum ex istis*” (ibid., p. 597). “*Allegado este santo día del Corpus Christi del año de 1538, hicieron aquí los que tlaxcaltecas una tan solemne fiesta, que merece ser memorada, porque creo sin ella se hallara el papa y emperador con sus cortes, holgaron mucho de verla, y puesto que no había ricas joyas ni brocados, habría otros aderezos tan de ver, en especial de flores y rosas que Dios cría en los árboles y en el campo, que había bien en qué poner los ojos y notar cómo una gente que hasta ahora era tenida por bestial supiesen hacer tal cosa*” (MOTOLINÍA, 1971, p. 61).

diferentes, é geralmente conhecida como *Historia de los indios de la Nueva España* e aborda o tema da idolatria antiga e, sobretudo, da conversão dos indígenas à fé cristã. A segunda série, que consta num só manuscrito, é conhecida como *Memoriales* e, ainda que tenha amplas lacunas no texto referente à conversão, em compensação inclui materiais agregados a parte da idolatria antiga (não só os que dão esse aspecto de memórias ou rascunhos da obra), e, sobretudo, uma segunda parte completa sobre os costumes e leis antigas dos índios.

Os escritos de Motolinía foram a fonte principal para a “coleta de referências” realizada pelo dominicano. É possível realizar este tipo de aproximação entre o texto dos dois em diversas passagens. Curiosamente, Las Casas só se referiu a Toribio de Benavente como um “bom religioso franciscano”²⁸, seu nome nunca fora citado. No que se refere a idolatria indígena, tornou-se um tema delimitado dentro da *Apologética* a partir de uma sequência de capítulos dedicados a ela. Há a possibilidade de se fazer importantes reflexões, principalmente pelo fato do outro religioso ter realizado interpretações distintas a respeito de um mesmo assunto, que por sua vez era a própria idolatria. Isto será tema para o quinto capítulo.

O dominicano conheceu um manuscrito completo que incluía a parte etnográfica, hoje só conservada nos *Memoriales*, e também as partes da conversão hoje só conservadas na *Historia de los indios* (nos capítulos 63 e 64 de Las Casas, sobre Corpus Christi). Las Casas não utiliza nenhum dos manuscritos conhecidos atualmente dessa obra, incluindo *Memoriales*. A segunda crônica etnográfica utilizada pelo dominicano é muito menos conhecida, sobre os costumes dos antigos índios totonacas, na costa de Veracruz. Seu autor permanece no anonimato, uma obra perdida. (BUSTAMANTE GARCÍA, 1992)

3.1.2 MENDIETA E A “OBRA ANÔNIMA”

O texto regatado por Las Casas é muito singular e inclui um conjunto de informações únicas. Surpreendentemente parece ser uma obra desconhecida pelo resto dos cronistas mexicanos do século XVI, com exceção do franciscano Gerónimo de Mendieta, que também

²⁸ “...Foi confiado a Las Casas por uma “dos mais honrados e assinalados religiosos de São Franciscano”. Pois bem trata-se do próprio “guardião do mosteiro”, Frei Toribio Benavente Motolinía. Pelo menos olhando as coisas do lado de Las Casas, a ponte não foi rompida entre os dois, já que a *Apologética História Sumária* que menciona favoravelmente o relato e a figura de Motolinía, só será terminada após 1555 (...) No entanto, Motolinía foi uma das fontes históricas precisas mais utilizadas em todos os tempos pelos adversários de Las Casas.” (JOSAPHAT, 2000, p. 325).

reproduz alguns fragmentos dessa obra sem aludir a seu autor. Deve-se assinalar, como observou Bustamante García, que o que foi copiado por Mendieta são extratos dos textos mais amplos utilizados na *Apologética*, mas como não parece que conhecia essa obra de Las Casas e também parece que se baseia na *relação* original. Tudo nos conduz a supor que o franciscano o tomou de uma terceira crônica etnográfica, hoje perdida, que havia atuado como intermediária. Poderia ser, talvez, do frei Andrés de Olmos.

Isto nos leva precisamente à terceira das crônicas etnográficas utilizadas por Las Casas como documentação para o México, uma obra anônima e, aliás, com poucos elementos preciso para definir suas características (capítulos 122, 138, 139 e 212). É muito rica e, em muitos casos, única, refletindo um conhecimento profundo do náhuatl por parte de seu autor, o que sem dúvida foi unido a um sistema de representação ortográfica imprecisa e ainda vacilante a respeito das características sonoras do náhuatl. Temas muito variados, com deuses e mitos, com estrutura sacerdotal e educativa no templo, e com estrutura judicial. Num conjunto unitário, esses naturais aparecem como fragmentos extraídos de uma crônica de grande envergadura, pelo que surpreende não foi mais utilizada pelo dominicano.

A identificação dessa crônica etnográfica, fragmentária e anônima, é algo que parece possível mesmo que talvez não seja demonstrável com total certeza. Todas as características acima mencionadas encaixam bem com as que são atribuídas à obra perdida do frei Andrés de Olmos²⁹, que foi a primeira crônica etnográfica do México. Consta, inclusive, que os temas preciso aproveitados por Las Casas formavam parte do índice da obra; mais ainda, dois questionamentos completos – a interpretação evemerista³⁰ dos deuses mexicanos e referência aos cárceres em forma de jaulas – aparece também na obra de Alonso de Zorita e ali se diz

²⁹ “...O franciscano Andrés de Olmos atrai especialmente a atenção por sua simpatia, bem como por sua capacidade de aglutinar comunidades dentro desse ideal utópico, banhado por uma espécie de saudade esparançosa de um novo Pentecostes na América ou a partir da América. É um amigo de Las Casas. Têm em comum o mesmo amor aos índios, o mesmo gosto em estudar-lhes a vida e os costumes. Frei Andrés ajudou a Las Casas em suas canseiras etnológicas que estão na base da *Apologética História Sumária*. Recorre à intervenção do dominicano para obter auxílio e conseguir junto as autoridades condições mais favoráveis para seus índios, sobretudo isenções ou diminuições de cargas fiscais. Há um certo parentesco entre os projetos dos franciscanos e dos dominicanos, especialmente o projeto dominicano de Vera Paz. A audácia de Frei Andrés de Olmos brilha por sua confiança nos índios, uma vez que sejam abordados de todo recurso as armas e apoiando-se nos mesmos meios que Las Casas indica em *O único modo de atrair todos os povos à verdadeira religião*, já então difundido no México.” (JOSAPHAT, 200, p. 323)

³⁰ O evemerismo é uma teoria da interpretação dos mitos criada por Evêmero, no século IV a.C, na obra *Hiera anagrafe (História sagrada)*, e, segundo a qual, os deuses não são mais que personagens históricos de um passado obscuro, amplificados por uma tradição fantasiosa.

explicitamente que foram tomados da obra de Olmos. Cabe agregar ainda que do texto sobre os deuses começa com a interpretação também do frei Gerónimo de Mendieta, definido como “*fuelle de donde todos los arroyos que de esta matéria han tratado emanar*” (MENDIETA, 1997, p. 76).

De fato, é precisamente Mendieta quem conta a história dessa obra de Olmos. Esse “*cierto prelado obispo a quien no podía dejar de sostifacer*” que se conta entre as “*personas de autoridad en España*”. O dominicano, porém, não havia manuseado a grande crônica de Olmos, mas só um “epílogo ou suma”, a mesma usada por Mendieta e Zorita, o que poderia explicar sua utilização pontual e não sistemática.

Mendieta escreveu sua *Historia Eclesiástica Indiana* depois que Las Casas terminou a *Apologética*. Mas ambos usaram fontes semelhantes para escrever suas respectivas obras. No capítulo 121, Las Casas trabalhou com o tema dos deuses, especialmente com os da Nova Espanha. O frade usou um texto de Motolinía, o mesmo utilizado por Mendieta em descrição semelhante. “*Capítulo IX: De una celebrada diosa que tuvieron por mujer del sol, y del diferente culto con que queria ser servida*”. Sobre os totonacas, ou totonaques (como citados por Mendieta).

Era tenida esta diosa grande en reverencia y veneración, como el gran dios sol, aunque siempre llevaba el sol en ser venerado la ventaja. Obedecían lo que les mandaba como al mismo sol, y por cierto se tenía que aquel ídolo desta diosa les hablaba...” (LAS CASAS, 1992, p. 876). “Era tenida esta diosa en grande reverencia y veneración como el gran sol, aunque siempre llevaba el sol, en su venerado, la ventaja. Mas obedecían lo que les mandaba, al mismo sol; y por cierto se tenía que aquél ídolo de esta diosa les hablaba (MENDIETA, 1997, p. 89).

E depois no capítulo 122, sobre o mesmo tema. “*Capítulo X: De otros principales y particulares que cada provincia tenia por sí, en especial del dios de Cholula*” (ibid., p. 91), Las Casas e Mendieta usaram as mesmas fontes.

Afirman que estuvo veinte años con ellos, después de los cuales se tornó por el camino que había venido, llevando consigo cuatro mancebos principales virtuosos de la misma ciudad de Cholula, y desde Guazacualco, provincia distante de allí ciento y tantas leguas hacía la mar, de donde los tornó a enviar (LAS CASAS, 1992, p. 880). “Afirmaban de Quetzalcoatl, que estuvo veinte años en Cholula, y estos, pasados, se volvió por el camino por do había venido, llevando consigo cuatro mancebos principales virtuosos de la misma ciudad, y desde Guazacualco, provincia distante de allí ciento y cincuenta leguas hacia la mar (MENDIETA, 1997, p. 92-93).

No capítulo 138, um capítulo muito complexo, usa-se o mesmo informante anônimo sobre os totonacas do capítulo 121, aludindo-se genericamente como “*algunos de nuestros españoles que supieron bien la lengua de la gente que arriba (...) dejimos llamarse totonacas*” (LAS CASAS, 1992, p. 947). Parcialmente, esse texto também aparece em Mendieta, no capítulo IX da sua *Historia Eclesiástica*. Em segundo lugar, há um importante informante anônimo sobre o México Central que parecer ser o mesmo anônimo do capítulo 122.

Sobre os capítulos 175 e 176, cujo tema são os sacrifícios, cerimônias e ritos dos totonacas, Las Casas usa um anônimo informante, como ele próprio registrou: “*Otras muchas ceremonias y ritos em su religión tenían, que aquél que con ellos cuatro años <que> estuvo vido, de que para en particular referillas no tuvo memoria*” (ibid., p. 1187). Mendieta alude a algumas informações contidas no capítulo 176 da *Apologética*.

También se halló que en algunas provincias de esta Nueva España, como era en la Totonaca, esperaban la venida del Hijo del gran dios (que era el sol) al mundo, y decían que habia de venir para renovarlo y mejorarlo en todas las cosas...” (MENDIETA, 1997, p. 539). E, “*De lo dicho parece que como tenían por muy trabajosos y gravísimo sacrificar hombres, pues los que sacrificaban enviaban por mensajeros, principalmente el gran dios sol, para que les enviase su hijo que los librased aquella tan pesada obligación*” (LAS CASAS, 1992, p. 1186). “*...celebraban y ofrecían (...) hombres y mujeres (...) para pedirle y suplicarle tuviese por bien de enviarles a su Hijo para que los librarse de tantas miserias y angustias, mayormente de aquella obligación y captiverio que tenían de sacrificar hombres que (...) lo llevaban por terrible y pesada carga...”* (MENDIETA, 1967, p. 539). Informante também descrito como “*persona que siendo muchacho lo vido por sus ojos estando solo entre aquellas gentes, sin otro español alguno, al principio que en la Niueva España entraron cristianos (...) Este, después, siendo hombre de bien y tenido por buen christiano, me dio por escrito, por mí rogado, lo que diré tocante a la religión, ceremonias, sacrificios, leyes y costumbres de aquella provincia de totones o totonacas*” (LAS CASAS, 1992, p. 1179).

Muito provavelmente o mesmo informante dos capítulos 121, 138 e 139, foi utilizado pelos dois religiosos. Mendieta, porém é mais enfático ao reproduzir este mesmo trecho no capítulo capítulo XIX: “*De muchos gêneros y supersticiones que los indios tenían*”, Mendieta menciona Olmos, “*El santo varón Fr. Andrés de Olmos, prendió otro discípulo del sobredicho y teniéndolo en la cárcel, y diciendo el mismo indio al dicho padre, que su maestro se soltaba de la cárcel cuando quería, le dijo al Fr. Andrés, que se soltase él si pudiese...”* (MENDIETA, 1997, p. 109).

São indícios que parecem ser plenamente confirmados pelo próprio Las Casas por outra de suas fontes mexicanas. Trata-se de “*unas exhortaciones que un otro religioso de la orden de San Francisco [diferente de Motolinía] me envió de la nueva España, estando en España la vieja*” (LAS CASAS, 1992, p. 1398). Referência que de certo parece confirmar a alusão de Mendieta sobre esse prelado ao que foi enviado o “*epílogo o suma*” de Olmos. Por este princípio, o texto de Las Casas volta a se apresentar como um importante referente no momento de reconstruir obras perdidas ou mal conhecidas.

O “*epílogo o suma*” de Olmos, de acordo com Bustamante García, parece ter sido composto por vários escritos sucessivos, e entre eles é possível que se encontrava também a relação desse anônimo informante sobre os totonacas. Deve-se recordar também que Olmos não só esteve interessado na área náhuatl, mas que também foi o primeiro que fez arte e vocabulário da língua náhuatl.

3.1.3 OUTRA FONTE AMERICANA INCERTA

A última fonte mexicana utilizada por Las Casas na sua obra, trata-se de um documento reproduzido por completo, que se chama “*Estas son las leyes que tenían los indios de la Nueva España*”, e cujo autor é definido pelo dominicano como “*aquel religioso que fue el que más supo de la lengua mexicana y más la penetró*” (ibid., p. 1365). A expressão leva a que a identifiquemos, a princípio e novamente, com o frei Andrés de Olmos, e a supor que se trata de outro dos documentos que compunham o “*epílogo o suma*”, mas as coisas resultam ser, como veremos, muito mais complexas. Las Casas copia tão fielmente o manuscrito que até comenta que estava afirmando pela sua fonte, ainda que sem transcrever o nome. Afortunadamente, o documento em questão, com o título semelhante de “*Estas son leyes que tenían los Indios de Nueva España, Anahuac o México*”, atualmente se conserva dentro de um volume manuscrito de autores variados, que é o mesmo que contém precisamente a única cópia conhecida dos *Memoriales*, de Motolinía.

Bustamante García afirma que o cronista citado poderia ser frei Andrés de Alcobiz. Georges Baudot, investigador francês, apresenta a hipótese de que Alcobiz deveria ser simplesmente um copista que agregou seu próprio nome no lugar do frei Andrés de Olmos, supostamente o verdadeiro autor.

A atribuição a Olmos, que Baudot assinala como possível, parece se reforçar pelo fato de que o documento de “*Estas leyes...*” compõe-se de duas partes, a primeira das quais é uma cópia literal de um texto procedente de outro manuscrito, chamado “*Historia de los indios mexicanos por sus pinturas*”, atribuído tradicionalmente ao frei Andrés de Olmos e incluído no mesmo volume de “*estas son leys...*” e dos *Memoriales* de Motolinía.

Essa primeira parte que reproduz o texto da “*Historia de los mexicanos por sus pinturas*” é apresentado pelo copista como um texto inseguro, ainda quando diz que as leis ali reunidas “*no son auténticas, porque se sacaron de un librillo de indios no auténtico, como esotras que se siguen, las cuales son verdaderas*”. É muito provável que este “*librillo*” seja precisamente o original da “*historia de los mexicanos por sus pinturas*”, o texto atribuído a Olmos. Por sua parte, as leis que são apresentadas como verdadeiras, continuam e completam a segunda parte do documento que é uma contribuição original do suposto copista. Provavelmente, não por sua causalidade, algumas das leis dessa segunda parte aparecem também incluídas na relação geográfica de San Juan de Teotihuacán, de 1580. Entre os informantes aparece um indígena mexicano falante do náhuatl chamado Andrés Dalviz, um religioso a quem se deve uma adaptação e tradução ao náhuatl da “*Destruição de Jerusalém*”, cujo manuscrito não tem data, mas provavelmente do século XVII, cópia do primeiro do século XVI. Seu copista adaptou o sistema ortográfico muito primitivo empregado para representar o náhuatl no manuscrito original, para o sistema dominicano, mais sofisticado e que era usado no início do século XVII. Mas a adaptação não é total.

Frei Andrés Dalviz seria um dominicano que atuou entre os indígenas no México central, já na primeira metade do século XVI e que dominou o náhuatl. Poderia também ser “*aquel religioso, que fue el que más supo de la lengua mexicana y más la penetró*” e não Olmos.

3.1.4 PEDRO MÁRTIR DE ANGLERÍA E RAMÓN PANÉ

Las Casas teve contato com muitas referências, tanto clássicas quanto as referentes à América. Dentre elas, há “*Relación*” do frade Ramón Pané, realizada por ordem de Cristóvão Colombo, de 1498, como também cartas do próprio almirante. *Décadas*, do piemontês Pedro Mártir de Anglería, com muitas informações sobre a Tierra Firme e Yucatán, foi utilizada por Las Casas. Sobre a Nicarágua, Las Casas aproveitou sua experiência pessoal, além de outros informes

manuscritos como de frei Blas de Iñesta, Tobilla (pouco simpático a Las Casas), Gil González Dávila, frei Francisco de Bobadilla, Gonzalo Fernández de Oviedo.

As referências ao texto de Pedro Mártir de Anglería não foram muitas, porém importantes. É necessário frisar que este autor, ao contrário dos restantes aqui trabalhados, nunca pisara no Novo Mundo³¹. A primeira delas é sobre a 4ª. *Década*, mais precisamente no Capítulo I: “...*En el año que se terminaron mis libros, três españoles de los ciudadanos más antiguos de Cuba. Francisco Fernández de Córdoba, Lope de Ochoa Caicedo y Cristóbal Morantes, se propusieran buscas nuevas tierras...*” (MÁRTIR DE ANGLERÍA, 1989, p. 253).

.Se entraron con un territorio muy grande, desembarcaron y fueron recibidos con hospitalidad por los naturales. Los nuestros, por gestos y señales, preguntaron cuál era el nombre de toda la provincia, y ellos respondieron: Yucatán, que en su lengua significa ‘no os entiendo’. Los nuestros pensaron que Yucatán era el nombre de la provincia (...) Encontraron casas con torres, templos magníficos, caminos arreglados con orden, y plazas donde celebraban sus ferias. Las casas son de piedra o hecha de ladrillos y con cal arte e industria. Al primer paso de las casas y a las primeras habitaciones se sube por doce o diez escaleras, no sólo con tejas, sino también con pajas largas y tallos... Se hicieron mutuos regalos; los bárbaros dieron a los nuestros bolitas de oro y joyas hechas de oro, muy lindamente formadas y los nuestros les reglaron vestidos de seda y lana (...) Nuestros espejos los estimaban poco, porque ellos los tienen más brillantes, de ciertas piedras (...) Viven con leyes y negocian con suma fidelidad, pero haciendo cambios sin dinero. Los españoles vieron cruces, y preguntándoles por medio de intérpretes de donde habían tomado aquello, dijeron algunos que había pasado por allí un hombre hermosísimo, que les había dejado

³¹ “Pedro Mártir, sin embargo desprecia la plebe de España, este animado para con ellos de una más humana simpatía (lo cual, entre otras cosas, le valdrá la constante admiración de Las Casas). [que justamente la contrapone a la crítica desconfiada de Oviedo] Em la gran disputa si se les debe considerar libres o esclavos por naturaleza (o por su crueldad tiene siempre fastidiarlo y se excusa de las inevitables repeticiones en que incurre y de las digresiones que lo tienen. (GERBI, 1978, p. 43-74) “...El interés cognoscitivo, que antes y después de Las Casas fue siempre escaso en los soberanos y en su ministros, se encendió por el contrario en Cristóbal Colón desde la primera mirada que posó en las nuevas islas, y continuó en Pedro Mártir, y se difundió rapidísimamente por toda Europa. Lo que hizo Las Casas, viéndolo bien, fue desviar y concentrar este interés en el problema del indio, enderezado por conseqüente a la investigación exclusiva, descuidando o ignorado de plano la fauna, la flora, la física, la economía natural del nuevo continente.” (ibid., p. 142-143) “...Pedro Mártir non estuvo en las Indias, muy cierto, pero toda la mejor parte de su vida pasó en Castilla precisamente para poder tomar de las fuentes más directas los materiales de su historia, una obra de la cual esperaba inmortalidad. Y allí, en Castilla, vio muchas cosas de las Indias: salvajes, metales, frutas, etc. Él mismo lo dejó escrito: “In Castellae regnus, ubi aetatis meae vim omnem consupsi, ubique mihi ex novis orbibus ab Hispanis repertis vivendi apud posteros est praebita materia”. Y Las Casas admitió que, por esta asidua diligencia suya en lo tocante al descubrimiento y a los viajes de Colón, “de los que escribieron acerca de ciertas primeras cosas a ninguno se debe dar más fe que a Pedro Martir”, si bien en las parte siguientes las *Décadas* contienen “algunas falsedades.” (ibid., p. 219) “La inquietante peculiaridades de las terras es descrita también por Pedro Mártir y por el padre Las Casas. Escribe el primero “a la orilla de los ríos, otro árbol produce unas manzanas que, comiéndolas, provocan la orina y la fomentan hasta ponerla de color de sangre”. Y el segundo: “a los principios, cuando no sabemos qué era, la comieron algunos, no sin gran miedo creyendo que era sangre lo que salía, y que se habían de haber rompido todas las venas.” (ibid., p. 473)

aquella insignia en memoria suya; otros dijeron que en ella había muerto un hombre más reluciente que el sol. No sabe nada de cierto (ibid., p. 254)

As mesmas informações encontram-se nestas passagens da *Apologética*:

En el reino de Yucatán, cuando los nuetros lo descubrieron hallaron cruces, y una de cal y canto de altura de diez palmos, en medio de un patio o cercado muy lucido y almenado, junto a un muy solene templo y muy visitado de muncha gente devota, en la isla de Cozumel, que está junta a la tierra firme de Yucatán. A esta cruz se dice que tenían y adoraban por dios del agua lluvia, y cuando había falta de agua le sacrificaban codornices, como se dirá. Preguntados de dónde había habido noticia de aquel señal, respondieron que un hombre muy hermosohabía por allí pasado e les había dejado aquel señal, para que dél siempre se acordasen; otros diz que afirmaban que porque había muerto en ella un hombre más resplandeciente que el sol. Esto refiere Pedro Mártir en el capítulo 1º. de sua quarta Década (LAS CASAS, 1992, p. 882).

O uso do texto de Pedro Mártir reaparece no capítulo 205 da *Apologética*. Agora, Las Casas utiliza a 7ª. *Década*: “*Los lucayos arrancados de sus moradas, viven desesperados; muchos murieron en la inercia, abstiéndose de comer, ocultándose por valles intransitables*” (MÁRTIR DE ANGLERÍA, 1978, p. 421).

Tienen reyezuelos, y les obedecen con tanta reverencia que, si él mandara a alguno precipitarse de alta roca o de cualquier picacho, sin dar otra razón más que decirle: ‘mando que te tires’, sin tardanza cumplen la orden del cacique. Pero óigase la extensión que tiene la regia potestade. El rey no tiene ningún otro ciudadano más que sembrar, cazar y pescar. Todo lo que siembra, todo lo que se planta, o se pesca o se caza todo lo que hace por todas artes, se hace al arbitro del rey. El reparte a su arbitrio esos ejercicios a cada individuo. Recogido las cosechas, se juntan en los graneros del rey; de allí se reparten todo el año para uno del pueblo, según la familia de cada uno. Es pues, el cacique como el rey de las abejas, ecónomo y repartidor de su grey; estaban en la edad de oro, no había mío o tuyo, semillas de discordias. De fueros judiciales, de pleitos, disputas y riñas entre los vecinos, no se hacía mención; témase por ley el arbitrio del cacique. Lo mismo se observaba en las demás islas, y en todas se contentaban con poco...” (ibid., p. 423)

El oficio que tenían los reyes destos lucayos era com el de los reyes de las abejas, el cual no era otro sino tener cuidado de cada uno de los súbditos, como si fueran todos hijos de un padre; era mayordomo de todos, tenía cargo de mandar que hiciesen sus sementeras cuanto al pan, que fuesen a cazar y a pescar; traíanselo todo y él repartía a cada casa lo que había menester para sustentarse. Lo mismo hacía en todas las cosas que les eran necesarias, mandando a cada persona y personas lo que habían de hacer y en qué se habían de ocupar. Estos vocablos 'mio' ni 'tuyo' no sabían qué fuese ni qué querían decir. Con ninguna persona de otras islas tenían pendencia ni litigio. La palabra del rey tenían por ley, e toda su vida no era sino lo que se dice de la edad o siglo dorado. Todo esto refiere así Pedro Mártir, capítulo 1º., Sétima Década (ibid., p. 1319)

A última aparição do texto de Pedro Mártir acontece no capítulo 241 da *Apologética*, citando novamente a 4^a. *Década*, especificamente o 2º. Capítulo. Mesmo não sendo um cronista que esteve no Novo Mundo, Pedro Mártir (1455?-1526) era um erudito consagrado de sua época, e por sua vez mantinha contato com a alta nobreza espanhola, algo que Las Casas não dispensou para compor sua *Apologética*. O próprio humanista piemontês baseou-se em fontes semelhantes àquelas manuseadas pelo dominicano e, portanto, a importância da utilização das *Décadas* também seriam duas: uma maior quantidade de referências sobre a América, mesmo que indiretas, assim como a menção de um “autor respeitado” entre seus escritos. (KARNAL et al., 2004, p. 155)

As primeiras reverências sobre o frei Ramón Pané aparecem no capítulo 120 da *Apologética*, que trata sobre os deuses que os indígenas tiveram naquelas ilhas especialmente na Espanhola. As informações sobre esta ilha é também generalizada em relação às Antilhas, Terra Firme, Florida, Paria, etc, abrangendo toda a área do Caribe e Golfo do México. “*Este fray Ramón escudriño lo que pudo, según lo que alcanzó de las lenguas, que fueron tres las que había es este isla...*” (LAS CASAS, 1992, p. 870), “*Este fray Ramón mando el Almirante que saliese de aquella província de Macorix de Abajo, cuya lengua él sabía, por ser lengua que se extendía por poca tierra...*” (ibid., p. 871).

Neste capítulo, usa diversas informações dos escritos deste frade do início da conquista da América, e, além de realizar referências a Colombo, *el almirante*, cita bastante Pané. Afirma que também conhecia aquelas regiões. Estas informações descreviam basicamente as crenças dos índios *tahínos*. Há um longo comentário que Las Casas realiza que, segundo ele, buscara em Pané:

‘Yo soy siervo de Dios’ Y este se llamó Juan. Y desta manera de consultar, outro llamado Antón, que era su Hermano. Y así dice destos fray Ramón habe sido mártires, de lo cual ninguna duda puede quedar a algún cristiano si por la fe o por no dejar la fe o por otra virtud alguna los mataran. Pero no los mataban por aquello, por que nunca indios algunos tal desamaban, o porque quizá les hacían aquellos indios por mandado de los españoles algún daño, como habemos visto harto. Y en estos casos hata merced les hizo Dios si por confesar ser sus siervos se salvaron. La misma manera de religión de la desta isla Española estimados ni ofrecellos sacrificios, más de aquellos ayunos y de las mieses que cogían cierta parte, como abajo parecerá, cuando de los sacrificios mención hiciéremos, y no ceremonias otras, sino aquellas cohobas con que se embriagaban. Y los más limpios en este caso de todos fueron, según entendí siempre, la simplísima gente de los lucayos, los cuales munchas veces a los seres, nación felice, arriba he comparado. Destos ninguna señal de idolatría ni creencia mala ni figura o imagen exterior sentimos que tuviesen; antes creemos que con solo el cognoscimiento

universal y copnfuso de una primera causa, que es Dios y que moraba en los cielos, pasaban (ibid., p. 873).

No capítulo 130, ele comenta as informações adquiridas por Pané sobre os templos da Ilha Hispaniola.

Ya queda dicho que, en esta isla Española, y en estas comarcas y en muchas partes desta tierra firme, templo formado no tenían alguno. En esta isla apareció tener alguna manera de templo, no por más de que había una casa de las otras del pueblo algo apartada, según dijo fray Ramón, de quien arriba en el capítulo [120] dije algo, el cual vino a esta isla cuatro o cinco años antes que yo (ibid., p. 911).

Nos capítulos 166 e 167, que trata dos sacrifícios que se faziam no Novo Mundo, Pané reaparece. Segundo o comentador Jesús Bustamante García, as informações da Ilha Espanhola adquiridas através do texto de Pané são generalizadas para todo o Golfo do México. Las Casas até cita que aqueles povos eram vulgarmente chamados de índios. “*Ya dejimos arriba e en el capítulo [120] como en esta isla tenían ciertas estatuas, aunque raras. En éstas se cree que a los sacerdotes, que llamaban behicos, hablaba el diablo, ya también los señores o reyes cuando para ello se disponían, de manera que aquéllas eran sus oráculos*”(ibid., p. 1152) “*Todo esto refiere fray Ramón haber de los indios entendido*”(ibid., p. 1156).

Também, há experiência pessoal. Aparentemente, não há uma cópia quase literal da obra de Pané, pois Las Casas cruza diversas informações, e junta com sua experiência. Alguns comentários feitos por Pané ajudaram Las Casas no reforço de seus argumentos “*creen que está en cielo y es inmortal, y qye nadie puede verlo, y que tiene madre, mas no tiene principio y a éste llaman Yúcahu Bagua Maórocoiti.. y a su madre llaman Atabey, Yermao, guacar, Apito y zuimaco, que son cinco nombres...*” (PANÉ, 1974, p. 20)

Sobre dois índios mortos, Juan e Antón que, segundo Pané, seriam os primeiros mártires do continente Las Casas reinterpreta:

Algunas otras cosas dice confusas y de poca sustância, como persona simple y que no hablaba del todo bien nuestra lengua castellana lengua, como fuese catalán de nación, y por tanto es bien no referillas. Sólo quiero decir lo que afirma de un indio e indios que él tornó christianos, que matándolas otros indios por el un indio por el aborrecimiento que tenían a los españoles, decían a grandes voces: ‘Dios naboría daca, Dios naboría daca’, que quiere decir en la lengua más común y más universal desta isla: ‘yo soy sirviente y criado de dios’. Y éste se llamaba Juan. Y desta manera y com estas palabras murió otro llamado Antón, que era su hermano. (Naboría queria decir ‘sirviente’ o ‘criado’ y daca quiere decir ‘yo’). Y así dijo déstos fray Ramón habe sido

mártires; de lo cual ninguna duda puede quedar a algún cristiano si por la fe o por no dejar la fe o por otra virtud alguna los mataran. Pero no los mataban por este, porque nunca indios algunos jamás tal hicieron, sino porque vivían con los españoles o les loaban o defendían a quien todos tanto desamaban, o porque quizá les hacían aquellos indios por mandado de los españoles algún daño, como habemos visto desto asaz harto. Y en estos casos harta merced les hizo Dios si por confesar ser sus servientes y criados se salvaron, pero no por ser mártires (LAS CASAS, 1992, p. 1156-1157).

3.1.5 OUTROS CRONISTAS

Outras referências breves foram utilizadas por Las Casas. As crônicas escolhidas pelo dominicano referem-se a regiões que ele nunca esteve ou que, mesmo tendo conhecido, procura reforçar as informações em sua obra.

Francisco Hernández, por exemplo, é citado apenas uma vez, no capítulo 123, abordando, sobre os deuses do reino de Yucatán. Las Casas refere-se a ele, afirmando que tem entre seus escritos sua carta

Otra cosa refiere yo, harto nueva en todas las Indias y que hasta hoy en ninguna parte dellas se ha hallado, y ésta es que, como aquel reino entrase también por cercanía dentro de los límites de mi obispado de Chiapa, yo fuí allí a desembarcar, como a tierra y puerto muy sano. Hallé allí un clérigo bueno, de edad madura y honrado, que sabía la lengua de los indios por haber vivido en él algunos años (ibid., p. 882).

No que se refere a Florida e norte do México (Quivira, Cíbola, Sonora, etc.), pode-se dizer que Las Casas manuseara todas as informações disponíveis no momento. Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, Marcos de Niza, relacionada à expedição de Francisco Vasquez de Coronado (suas cartas de relação), e sobre a relação de Pedro de Castañeda de Nájera. Las Casas utiliza também a relação sobre a exploração pelo Golfo da Califórnia realizada por Francisco de Alarcón, ou de Francisco de Ulloa, ambas impressas em italiano por Giovanni Battista Ramusio na sua coleção de viagens.

Mas o número e qualidade das fontes utilizadas por Las Casas alcançavam sua máxima expressão em relação ao México propriamente dito, com sua própria experiência pessoal. *Cartas de Relación*, de Hernán Cortés, López de Gómara e *Hispania Victrix*, de 1553 são obras fundamentais. Las Casas utiliza muito mais a obra de López de Gómara do que as cartas de Cortés, mas só cita o último e até dá a entender que toma do conquistador o que está copiando de

López de Gómara. Uma atitude única na obra de Las Casas e surpreendente, já que a obra de López de Gómara fora proibida em novembro de 1553, enquanto as cartas de Cortés em 1527. Certamente, haveria um ambiente hostil na corte a respeito da obra de López de Gómara.

Cortés foi usado por Las Casas especificamente em quatro capítulos. Inicialmente, no capítulo 49, ao descrever as cidades da Nova Espanha, em que López de Gómara também foi utilizado. A Cidade do México é o grande destaque, com suas notáveis construções. Cita cidades como *Guaxocingo, Cholula, Tepeaca, Suchimilco, Tesaico* e confirma: *“las principales y grandes ciudades desta Nueva España, y así la llama Hernando Cortés en las relaciones que envió al emperador, de las cuales yo saqué todo lo más de lo que aquí digo tocante a las poblaciones de la Nueva España”* (ibid., p. 541). Neste capítulo, descreve os grandes aposentos do palácio de *“Motenzuma”*, onde se hospedou o conquistador. Há neste capítulo, uma referência explícita sobre Cortés. As cidades citadas por Las Casas foram descritas pelo conquistador na segunda carta.

Curiosamente, Las Casas faz praticamente uma cópia dos manuscritos de López de Gómara, mas a única fonte declarada é Cortés. No capítulo 70, quando o frade descreve os mercados da cidade do México, há evidências de sua experiência pessoal sua na cidade: *“...No tienen número las cosas que en aquellos mercados de la ciudad de México se venden, de que yo ya me acuerdo...”* (ibid., p. 631). Há semelhanças com as informações de Cortés: *“...entre ellos hay toda manera de buena orden y policía y es gente de toda razón y concierto...”* (CORTÉS, 2000, p. 104).

Hay calle de caza donde venden todos los linajes de aves que en la tierra, así como gallina (...) Venden conejos, liebres, venados, y perros pequeños, que crían para comer, castrados. Hay calle de herbolarios, donde hay todas las raíces y yerbas medicinales que en la tierra se hallan (ibid., p. 139).

Las Casas: *“...Hay todas las aves que andan por los aires y las que se crían en tierra (...) Vénde-se allí liebres, conejos, perrillos que no ladran, sino gruñen que son buenos – según dicen – de comer, venden venados...”* (LAS CASAS, 1992, p. 631).

Quando Las Casas descreve Montezuma, usa Cortés, além de López de Gómara. O frade cita o conquistador ao recordar que a grandeza das cerimônias que representavam a grande autoridade e majestade e sabedoria do grande rei Montezuma tinham sido descritas por ele, e ainda de que precisaria de muito papel para enumerar todas elas. No capítulo 211, o frade

descreve como se organizava aquela espécie de nobreza ao redor de Montezuma, os rituais, as relações de vassalagem, e até o modo como realizavam seus manjares. Possivelmente Cortés foi utilizado, e é também citado nas descrições:

Dícese que cuando los christianos primeros entraron en la tierra, preguntó Hernando Cortés, su capitán, a un señor de una provincia lejana de México se reconocía señorío a Montezuma, respondió: ‘¿Quién hay que no sea vasallo y esclavo de Moctezuma? ¿Quién tan gran como Moctezumací?’ (ibid., p. 1343-1344).

Mas, aparentemente, segue fielmente López de Gómara. No capítulo 49, a descrição do senhor de Iztacpalapa, irmão de Montezuma que recebeu Cortés em suas terras, aparece em López de Gómara. A descrição dos jardins é praticamente a mesma:

Tenían frescos jardines de flores y árboles olorosos (...) Tenían también una huerta muy hermosa de frutales y hortalizas, con una grande de cal y canto, que era de cuatrocientos pasos en madro, y mil seiscientos de contorno, y con escalones hasta el agua y aun hasta el suelo, por muchas partes, en la cual había toda clase de peces, y acuden a ellas garcetas, lavancos, gaviotas y otras aves que cubren as veces el agua (LÓPEZ DE GÓMARA, 2000, p. 168)

El edificio de las casas del señor de Iztacpalapa, hermano de Motezuma, cuyas dos partes de la ciudad estaban fundadas dentro del agua de la laguna, eran cosa de ver juntamente de admiración. Tenía grandes salas y aposentos altos y bajos, todos de cantería y carpentería, con las vigas de cedro blanco muy bien labradas, con sus patios y cuartos, donde cupieron y se aposentaron Cortés y cuatrocientos hombres con sus caballos e infinitos indios, que consigo llevaba servicio, y de los de Tascala y otras partes que le acompañaban y seguían. Tenía unos jardines fresquíssimos, llenos de árboles y flores odoríferos, con sus andenes de carrizo muy lindos; había sus estanques de agua dulce, una güerta grande llena de frutales y una alberca de cal y canto de cuatrocientos pasos en cuadra y mill y seiscientos en torno, con sus escalones hasta el agua y del agua hasta llegar al suelo, y esto por muchas partes; había en ella mucho pescado y acudían sobre ellos garcetas y otras aves (LAS CASAS, 1992, p. 541)

Há a afirmação de que Cholula era um santuário para os índios aparece, provável fonte para Las Casas afirmar que era “*la madre general de la religión*” (LÓPEZ DE GÓMARA, 2000, p. 161) “...*Tenía más de cuarenta mill vecinos, y es la madre general de la religión de toda la Nueva Espana...*” (LAS CASAS, 1992, p. 540). Neste capítulo da *Apologética*, Las Casas descreve algumas cidades da Nova Espanha. Já López de Gómara narra episódios da Conquista do México, e durante várias páginas cita informações sobre as mesmas cidades descritas por Las Casas. A forte semelhança entre os dois trechos acima indica que certamente o frade usou López de Gómara. No capítulo 50 também, quando descreve a Cidade do México. Usa das diversas

informações da descrição de “*México Tenuchtitlán*” de López de Gómara. Podemos citar outros trechos semelhantes:

Era México, cuando Cortés entró, un pueblo de sesenta mil casas. Las del rey, señores y cortesanos son grandes y buenas (...) Está fundado sobre agua, ni más ni menos que Venecia” (LÓPEZ DE GÓMARA, 2000, p. 187).

“Y dejados los edificios de las otras ciudades para después, quiero contar de los de la ciudad de México y señaladamente de las casas y palacios reales del gran rey Motenzuma. Aquella ciudad está fundada en el lago o laguna, como Venécia está en la mar. Tenía cuando los españoles primero entraron en ella, más de cincuenta mill casas y en cada una tres y cuatro y hasta diez vecinos – como arriba se ha dicho -, por manera que había más de doscientos mill vecinos y de gente más mucho de un millón; porque esto se debe tener por regla general en estas Indias, que donde quiera que hay cient vecinos casados se hallará haber quinientas y seiscentas personas. Las casas eran de adobes comúnmente y con sus terrados y azoteas muy bien hechos y encalados por encima, que no se pueden llover; las casas comunes no son mucho de ver, sino bajas y humildes, pero las de los caballeros y señores en gran manera eram muy complidas y bien edificadas y tenían altos y bajos. Las comunes tenían dos puertas; una sobre la calzada y otra que sale el agua (LAS CASAS, 1992, p. 542).

O capítulo 51, que continua descrevendo as coisas notáveis desta cidade, continua seguindo o texto de López de Gómara. Sobre as pirâmides:

Tienen este templo su sitio cuadrado (...) Cuando sale de tierra y comienza a crecer el montón, tienes unos grandes relejes. Cuanto más crece la obra, tanto más se estrecha la cepa y disminuyen los relejes, de manera que parece una pirámide como las de Egipto, sólo que no se remate en punta, sino en rellan (...) Y eran todas ellas ciento y trece o ciento catorce gradas para subir a lo alto (LÓPEZ DE GÓMARA, 2000, p. 194-195)
Feníase aquella angustura arriba, en el fin de la torre, en un llano o plaza de obra de setenta pies; y si no fuera por los relejes llevaba forma esta torre de pirámide, y si acabara lo de encima, digo lo postrero della, en punta y no en llano como acaba fuera propiamente toda. Por la parte de donde se pone el sol no llevaba relejes, sino gradas desde el suelo hasta lo alto arriba y eran ciento y trece gradas, cada una de un palmo bueno; eran de muy buena piedra labrada. En aquel llano alto o plazuela estaban dos altares grandes, apartados uno del outro, cuasi a la orilla de la torre, solamente quedaba un espacio para poder andar un hombre a su placer. Tenían de altor cinco palmos cada uno, y con sus paredes de piedra pintadas con las figuras que se le antojaban o por lo que con ellas querían significar. Encima tenían los altares sus capillas de madera muy bien labrada o entallada; cada capilla tenía sobre si tres sobrados, uno encima de otro, cada uno bien alto. Y así donde se vía toda la ciudad y la grande laguna con todos los pueblos y ciudades que en ella están edificadas. Vista era letísima y admirable. Desde la última grada hasta los altares había un buen espacio para que los sacerdotes aquellos dos ídolos pudiesen sus oficios ejercitar. En cada altar de aquellos dos estaba un ídolo de bulto, muy grande. Eran ambos como dos grande gigantes. (LAS CASAS, 1992, p. 546-547).

Sobre os mercados do México no capítulo 70, há outras semelhanças com a obra de López de Gómara, mesmo que também conhecesse esses mercados, não há uma aproximação do

texto dos dois tão direta, como nos casos anteriores, mas há no texto de ambos a descrição do uso da seda que, no caso de López de Gómara, tem o nome de *manta de metl* (LÓPEZ DE GÓMARA, 2000, p. 191). Las Casas comenta seu significado: “...Venden miel y arrope; la miel de abejas y el arrope de los magueyes, que dejamos arriba llamar ellos metl” (LAS CASAS, 1992, p. 631); e completa: “...Hay sededores que hacen y venden muchos y muy sotiles cordones y otras cosas de seda...” (ibid.).

No capítulo 112, Las Casas dedicou algumas linhas sobre o vulcão Masaya, na Nicarágua, como também sobre o restante desta província, que ele chegara a conhecer. Sua descrição aparece num momento em que o frade apontava características dos povos pagãos. Comparações com o Vesúvio, como também com o culto a vulcões, que existia no passado europeu, mas, aparentemente, segundo ele, não existia entre os indígenas, ocorrem. Mas além de ele provavelmente ter visto, como afirmara:

Todo lo que está dicho lo vemos desde arriba tan claro como si estuviésemos nos y ello en llano. Verdad es que, como aquella hondura sea tan grande y desde el abertura hasta abajo vayan las paredes cuasi por nivel tajadas, no sin gran miedo de caer y peligro a la vera del abertura, para vello, nos acercamos. Lo que de todo esto siento ser más admirable, sin duda es que, siendo aquel fuego o metal no llama, en brasa, y estando tan hondo, sólo el vaho y resplandor que dél sale se sube a las nubes encima por derecho y cincuenta leguas en la mar se vee y parece que es llama que arde. Para gozar bien de verlo y cuánta es su claridad conviene subir e dormir en lo alto de la sierra una noche, y así lo dice yo, porque con el sol, le día, no se vee cuánta es su claridad. Estuvimos toda una noche ciertos frailes, y creo que rezamos maitines sin otra lumbré más de la que nos comunicó al resplandor del volcán. Estimábamos que era tanta la lumbré que hacía cuanta el hace el día en las mañanas nubladas. Estando mi compañero y yo en un pueblo que llaman los indios Nindirí (la última sílaba aguda), legua y media del volcán, y adándonos paseando, juzgábamos que con nuestros cuerpos hacíamos tanta sombra de la parte contraria donde teníamos el resplandor del volcán como la hiciéramos si tuviéramos la luna de ocho días por aquella parte” (ibid., p. 834). “Podemos colegir de lo dicho que los volcanes de que hablaron los antiguos y hoy aún viven, como los de Sicília, tienen su fuego y metal o betumen de que se mantienen, como aquéste; salvo que como están cerrados y no tienen más de aquellas bocas estrechas, no se vee. Y así, este nos enseña, lo que em los otros se contiene también, no ser maravilla que críen aves y tengan sus nidos en las paredes del Etna, pues en éste las vimos volar tan crcanas del fuego. Cierto se debe tener aquéste por una de las maravillas del mundo que obra la naturaleza, y podemos también colegir, para confirmación de nuestra fe, un cristiano argumento: que pues la naturaleza obra un fuego así ten perpetuo que cosa es creedera haber fuego infernal para punición y tormento de los dañados, que sea eterno, constituido por la divina justicia e infalible Providencia. Deste argmento tracta Sant Agustin, libro 21, capítulo 4º. de La Ciudad de Dios (ibid., p. 837).

* * *

Como podemos observar, Las Casas recorreu a vários cronistas para compor o seu texto. A preocupação do dominicano era ampliar referências geográficas e humanas sobre o Novo Mundo.

Nas áreas em que não esteve, os textos, citados de forma explícita ou não, eram legitimadores do discurso que o bispo defendia. Interessa-nos afirmar, portanto, que a maneira do autor da *Apologética* registrar dados e coligir informações demonstra sua preocupação com múltiplos aspectos do universo dos povos americanos. De vulcões a rituais religiosos, Las Casas cercou-se das informações disponíveis para justificar a grandeza dos habitantes da América. Neste processo, evidentemente, trabalhou com os recortes que lhe eram convenientes. Mas antes de discutir suas intencionalidades, o que nos pareceu mais relevante nesta pesquisa foi observar o que era coincidente.

Estas coincidências, obviamente, não são acidentais. Elas servem para compor o que Las Casas escreveu e, mesmo desconhecidas por tanto tempo, reforça parte do que supomos ter sido o continente americano e seus povos nas primeiras décadas após a chegada dos espanhóis.

CAPÍTULO 4

A BOA E ORDENADA REPÚBLICA ENCONTRADA NAS ÍNDIAS

“La ley, (...) se convierte en el arma política fundamental para conseguir la paz y la armonía sociales, y a ella se han de someter todos los ciudadanos, tanto los gobernantes como los súbditos (...) Esta función de la ley será también ensalzada por Las Casas... el individuo pertenece al estado como la parte al todo y sólo se pueden dar auténticas leyes cuando se consideren a todos los individuos un plano de igualdad, puesto que el contenido de la ley es la justicia, y el de ésta la igualdad...”

Ramón Jesús Queralto Moreno, *El pensamiento filosófico-político de Bartolomé de Las Casas*

As fontes de Las Casas se entrelaçam em sua argumentação em prol da boa e ordenada república dos indígenas. Como pode ser visto no segundo capítulo, a relação entre o meio e os habitantes estava sempre interligada, tornando-se um importante argumento no intuito de defender a capacidade intelectual dos indígenas. Todavia, o frade precisava estender sua discussão a partir de uma descrição adequada ao conceito da “boa e ordenada república”. Isto lhe abriu a possibilidade de realizar uma detalhada argumentação sobre a cultura dos povos da América, mediante uma sistemática comparação com as sociedades antigas. Somente constatar teoricamente que tanto o continente, quanto seus habitantes, estavam naturalmente capacitados para receber o cristianismo era insuficiente, o padre precisava demonstrar as especificidades dessas vantagens.

Há, desta forma, o pressuposto do argumento humano, também associado ao uso das fontes, o qual Las Casas empreendera um estudo sobre as diferentes sociedades encontradas no continente, que teriam também características semelhantes em relação às do Velho Mundo. A existência da *pólis* era importante na defesa do indígena, e não poderia passar despercebida por Las Casas na sua tese:

El derecho natural lleva irreversiblemente a la necesidad de la existencia del estado y de la autoridad política. La necesidad de perfección en el hombre y su sociabilidad natural son los factores decisivos que originan los agrupamientos humanos, pues la perfección jamás podría ser conseguida en una vida aislada y solitaria (QUERALTÓ MORENO, 1976, pp.20-21).

A partir da noção de *pólis*, a idéia de boa e ordenada república fundamentava-se, servindo como condição de toda sociedade temporalmente perfeita. Mesmo que tenha inserido o conceito da “*pólis agostiniana*” como preenchimento da lacuna referente às sociedades não organizadas desta forma, não deixara de destacar a importância da cidade terrena como criação propriamente humana³², aspecto fundamental na construção do argumento humano da *Apologética*. Boa e ordenada república, a primeira vista, poderia nos parecer um conceito relativamente vago, mas era o que justificava o mundo indígena como pertencente ao mesmo mundo cristão, com os mesmos direitos. Na verdade era mais flexível do que vago, como um modelo a ser aplicado em todo continente.

O bispo de Chiapas dedicara uma seqüência de páginas aos núcleos urbanos encontrados na Nova Espanha e no Peru. Apesar de ter o objetivo de citar as mesmas vantagens sobre todo continente, houve um maior destaque para as *póles* melhores estruturadas. A idéia de uma *pólis* bem estruturada, que seria a base do argumento da boa e ordenada república, seria o principal item para definir os indígenas como não selvagens, e nesse sentido também quebrar a tese de que os espanhóis poderiam realizar contra eles a “guerra justa”.

A cidade celeste, que estaria presente em todo o Novo Mundo a partir do momento em todos se tornassem cristãos, ainda era superior àquelas encontradas no continente, porém tão insuficiente quanto à outra como argumento de defesa quando sozinhas. Ambas precisavam estar

³² Sobre esta característica, Héctor Bruit afirmou: “...Para os tomistas espanhóis, como Vitoria, Soto, Diego de Covarrubios, Melchor Cano, e os jesuítas Pedro de Ribadeneira, crítico implacável de Maquiavel, Gregório de Valência, Luis de Molina, Francisco Suárez e outros, era necessário demonstrar que a sociedade política era uma criação dos próprios homens, capazes de aplicar a lei natural intrínseca a eles mesmos.” (BRUIT, 1994, p. 96-97) “No desenvolvimento para um fim último, que é a perfeição da vida em sociedade, São Tomás estabeleceu uma hierarquia das leis: lei eterna, na qual atua o próprio Deus; lei divina, que Deus revela aos homens mediante as escrituras e sobre a qual se funda a Igreja; lei natural, que Deus implanta nos homens para que possam compreender seus desígnios; lei positiva, que os homens ordenam e põem em vigor para governar-se. A lei natural está conectada com a lei eterna e a divina por duas razões: primeira, porque é essencialmente justa e racional; segunda, porque exprime a vontade de Deus (...) Para os dominicanos do século XVI, especialmente Domingo de Soto – e é mais que segura que Las Casas o seguisse –, a lei natural, impressa nos espíritos por Deus, era um produto do intelecto, um ditame da razão justa (...) Las Casas usou essa idéia para legitimar a sociedade política dos indígenas, não apenas como algo natural, mas, por ser produto da vontade deles, como um resultado genuinamente humano, pois assim nascem todas as sociedades políticas, mascarando a perigosa tese de Francisco Vitoria de que a sociedade era criação da vontade divina, o que dava margem para que se considerasse a sociedade dos índios pré-política devido a seu desconhecimento de Deus”. (ibid., p. 91)

interligadas, tendo Las Casas que engrandecer os atributos humanos dos indígenas, responsáveis por esse desdobramento interno de sua obra.

4.1 AS CARACTERÍSTICAS ESSENCIAIS DA BOA E ORDENADA REPÚBLICA (OS ARGUMENTOS *A PRIORI*)

A primeira parte da república seriam os lavradores, algo encontrado em quase todas aquelas gentes. “*la primera parte de la ciudad y político ayuntamiento -según el Filósofo – los labradores y cultivadores de la tierra (...) Esta parte de ciudad tuvieron y tienen por todo este orbe las gentes naturales dél más que ninguna – según creo – nación del mundo*” (LAS CASAS, 1992, p. 578). A segunda parte seriam os artesãos, algo que também não faltava tanto na Nova Espanha – cuja habilidade era notória³³ – quanto ao redor. Realizou também uma distinção entre os lavradores que eram artesãos para suas necessidades, e os artesãos propriamente ditos.

Prosseguindo naquele mesmo tema, Las Casas descreveu também os ofícios em Yucatán, Guatemala, Nicarágua, Nova Granada, Venezuela e Peru. Segundo o religioso, alguns praticavam dessalinização da água, demonstrando um grande conhecimento. “*...Fue luego necesario que hobiese no poca industria humana y ésta no faltó en aquellas gentes que llaman muy bárbaras (...) Y certo esta industria no es de hombres mal ingeniosos o no muy bien racionales...*” (ibid., p. 606).

A terceira parte da república seria ter “gente de guerra”. Pela mansidão e pacifismo natural dos indígenas, não existiria um grupo guerreiro propriamente dito, sendo que a defesa da sociedade recaía sobre os lavradores. Mesmo que, aparentemente, não se encontrassem exércitos, certamente o motivo era a falta de necessidade porque sempre houvera meios para a formação de grupos armados fixos. Entretanto, nas terras de Nova Espanha e Peru existiam mais aparatos de guerra, afinal estavam organizados em sociedades mais complexas: “*...Tenían costumbre antigua*

³³“*...todos saben los oficios que les son necesarios y hacen de sus manos y con sus buenos ingenios cuando quieren (...) las causas universales y particulares, las naturales y accidentales, el cielo y el suelo, el continente próximo y remoto, las primeras y segundo estrellas, todo (...) para tener muy hábiles y aun excelentes ingenios le favorecen (...) Había oficiales en muchas partes de tierra firme; como habemos dicho de los desta isla, cada uno [hacía] lo que le era menester para su casa y para ayudar también su vecino...*” (LAS CASAS: 1992, p. 588), e com metais também. “*...Yo tengo en mi poder una carta que me enviaron de la Nueva España los indios, estando en la Corte, y la metí en el Consejo de las Indias para mostralla y, siendo las personas del Consejo de tanta sabiduría y prudencia dotadas, estuvieron mucho espacio de tiempo mirando y especulando letra por letra si era de molde o de mano, y, finalmente, del todo se determinaron unos de aquellos señores diciendo sí, otros que no, como en la verdad fuese ya hecha de mano de indio de la Nueva España...*” (ibid., p. 596).

en la Nueva España de armar caballeros cuasi cómo dándoles hábitos de caballería donde hiciesen profesión de defender la patria, que era dignidad entre ellos y llamaban la tecuitli...” (ibid., p. 616). Entre aqueles povos, também havia uma espécie de diplomacia de guerra que evitava que seus conflitos ocorressem sem um motivo claro. De um modo geral, o religioso não encontrara argumentos que discordassem da afirmação de que os habitantes do Novo Mundo cumpriam com o terceiro requisito de toda sociedade bem ordenada.

A quarta parte da boa e ordenada república seriam os homens ricos e o comércio. As guerras raramente aconteciam devido a este interesse. Peru e México eram casos a parte, onde havia um estado mais bem estruturado e, conseqüentemente, suas ambições políticas poderiam rumar para objetivos como tal, assim como o próprio objetivo da Espanha em relação ao Novo Mundo. Haveria, também, dois tipos de riqueza: a artificial, que é de metais preciosos, jóias e moedas; e a natural, que seriam os produtos úteis e de consumo. Nas Índias Ocidentais, predominava o segundo tipo, ainda que príncipes e senhores tivessem metais preciosos em grande abundância para seu consumo ou para a guerra. Moeda propriamente dita, o capital, existiria no México, no caso as sementes de cacau. Havia uma melhor perfeição social desse povo naquele reino. Da riqueza natural, os príncipes teriam grandes depósitos para o auxílio da sociedade e dos pobres. Sobre o comércio, nas ilhas não era muito organizado, mas isto não significava algo desfavorável, pois, por outro lado, revelava a auto-suficiência daqueles povoados (O’GORMAN, 1967, p. XLIV).

A quinta parte seria o sacerdócio e o sacrifício, a partir do conhecimento que o homem alcançava de Deus pela luz natural³⁴. Las Casas empreendera um estudo comparativo da religiosidade entre os povos do Velho e do Novo Mundo. Tão extenso e variado tema, que se considera desde o ponto de vista dos aspectos fundamentais. O primeiro, base do segundo, consistiria em examinar a possibilidade que tem o homem de conhecer naturalmente ao verdadeiro Deus. O segundo consistiria em estudar a idolatria, suas causas, os diferentes tipos e sua significação, tema o qual foi bem trabalhado em seus escritos posteriores (ibid., p. XLIV). A partir desta quinta parte da república, o frade adentra no tema da idolatria e, conseqüentemente, diversos temas correlacionados a ela, que serão trabalhados separadamente no capítulo seguinte.

No continente, havia governadores, juízes e justiças, que eram a sexta parte.

³⁴“...amó Dios a las criaturas racionales, que son los hombres, que su imagen y semejanza quiso criar (...) al instante de su creación, una lumbre natural intellectual y conocimiento por ella, puesto que confuso, y juntamente un ímpetu (...) inclinación natural de cognocerque hay Dios criador...” (ibid., p. 634)

“...la conjunción entre justicia y paz se puede ver a lo largo de toda la “Apologética Historia” donde, demostrando que los indios tuvieron todas las especies aristotélicas de justicia, concluye que debido a ello conocían continuamente la paz en su reino, de ahí que la perfección política de las comunidades indias para Las Casas fuera del todo manifiesta...” (QUERALTÓ MORENO, 1976, p. 307).

Relembrara também os três impedimentos que poderiam destruir o bem comum (natureza, a mortalidade, a possibilidade do fim). Todavia, os indígenas faziam sempre que houvesse a perpetuidade das suas sociedades, ou seja, sabiam evitar tais impedimentos. Para demonstrar que as nações indígenas cumpririam com este sexto requisito, o autor recorrera, em primeiro lugar, a uma prova *a priori* e, em segundo lugar, a uma prova *a posteriori*. Ou seja, Las Casas parte do pressuposto de que os indígenas teriam por princípio o conhecimento do que seria necessário para a construção da “boa e ordenada república” e, após sua experiência, ele comprova o funcionamento e a aplicação destes princípios na prática (*a posteriori*).

A própria existência das sociedades indígenas seria uma prova de que nelas se cumpriria o sexto requisito de toda sociedade temporalmente perfeita porque, se houvesse faltado juízes e governantes, não haveriam surgido como tal. De fato, sem justiça, ou seja, a virtude social por excelência e fundamento das demais virtudes, seria impossível, dizia Las Casas, que também se mantivessem como uma sociedade. As nações do Novo Mundo conheceram as diversas espécies de justiça e, portanto, tiveram um justo e racional governo, independente de ser monárquica, aristocrática ou republicana.

Os cidadãos deveriam estar constituídos em unidade por vínculo de paz, guiados até o bem comum, tendo o necessário para garantir a existência da vida social. Assim, a obrigação primordial do bom governante seria velar para que a sociedade se conservasse. Entretanto, ainda existiriam três ameaças a toda sociedade. A primeira vinda da natureza, consistindo na morte dos cidadãos; a segunda, procedente da conduta criminal de alguns de seus cidadãos, e a terceira, originada fora da sociedade, ou seja, a ameaça dos inimigos. O bom governante deveria, portanto, enfrentar esses perigos e vencê-los. Tal a origem das leis, e com uma legislação adequada se evitava os três perigos que as ameaçavam. Conseqüentemente, as nações indígenas não foram governadas tiranicamente, mas sim em proveito comum, com hierarquia boa e natural, como a do pai com o filho.

Os capítulos 197-262 continham a prova *a posteriori*, com o exame específico dos povos indígenas que conheceram a justiça, e tiveram governos legítimos. Para isto, descreveu cada região em separado, seguindo as divisões políticas das Índias de Castela, inserindo mais detalhes sobre aquelas sociedades.

4.2 OS ARGUMENTOS A *POSTERIORI* E OS DOIS MAIORES EXEMPLOS DE BOA E ORDENADA REPÚBLICA

Esta narrativa lascasiana era muito mais um tratado sobre como os habitantes do Novo Mundo estavam inseridos no modelo de república bem ordenada, do que na verdade um estudo sobre as diferentes culturas do continente. Há muitas informações sobre o mundo indígena, ricas em diversos detalhes, as quais o frade expusera ao longo de centenas de páginas. Entretanto, sua intenção de engrandecer os atributos vantajosos e diminuir, ou até mesmo omitir, tudo o que denegria, é algo muito marcante.

Contudo, Las Casas reconhecia a rudeza de alguns costumes, mesmo que sempre ressaltasse que havia iguais ou piores entre outros povos do Velho Mundo. Um dos mais graves problemas era o canibalismo, praticado em algumas ilhas. O dominicano os censurava, acreditando que se originara por acidente, e na alegação de que também haveria costumes como estes entre os antigos, ou seja, não era uma exclusividade do continente.

Suas descrições, agora separadas por regiões, se iniciaram pela Ilha Hispaniola, cuja maior parte das informações foram adquiridas pela sua própria experiência pessoal. Um dos aspectos ressaltados nestas passagens era o casamento que, segundo o frade, poderia ser entre parentes (até mesmo entre irmãos). Havia a poligamia entre os reis, mas também não seria tanta.

Já a partir do cap. 200 ele aborda “os costumes abomináveis que tiveram as populações gentias no que toca ao matrimônio”. E procura mostrar – também aqui – que os índios não são inferiores aos povos antigos. Fez o mesmo na análise e na apreciação da educação das crianças e dos jovens (por exemplo, a partir do cap. 219). (JOSAPHAT, 2000, p. 180).

Os antigos, referência constante nas suas comparações, eram mais pecaminosos neste sentido, citando como exemplo as mulheres comuns a todos.

Sacrifícios de mulheres e escravos durante funerais ocorriam, mas Las Casas sempre encontrava os paralelos da Antigüidade que justificavam sua existência. As mulheres que não sentiam dores de parto, a atitude de isolar enfermos muito doentes, dando-os somente o que beber e comer, também foram outros pontos que chamaram a atenção do religioso.

Dentre outras informações, ressaltou que aqueles povos alimentavam-se de algumas ervas, como também não contavam mais do que vinte (número dos dedos das mãos e dos pés) porque não havia necessidade de se contar mais. Havia também sociedades um pouco mais complexas, sendo uma delas o dos *lucayos*, que também eram canibais.

De aquestos principios y orígenes accidentales y raros se puede haber tan mala costumbre derivado y por las islas y partes de tierra firme, donde se dice aquel vicio usarse (...) finalmente se hobo entablado, multiplicado y corroborado; sin infamia de los cuerpos celestiales ni de la clemencia de los aires ni del sitio y disposición destas tierras, ni tampoco de las complixiones de las gentes (LAS CASAS, 1992, p. 1320).

Houve um exame semelhante a respeito da Florida, e também sobre todo o norte da Nova Espanha, incluindo a província de Jalisco, nos capítulos 206-210. Sobre a região de Cíbola, chegou a afirmar:

Creo que lo dicho basta por suficiente argumento y argumentos de que aquellos reinos, harto mayores que los de Toledo y León de nuestra España, tenían suficiencia y no cualquiera, sino de perfectas policías y repúblicas bien gobernadas, cuanto sin verdadero cognocimiento de dios pueden tener los hombres...” “Todas estas razones arriba, por relación de las personas que vieron con sus ojos lo que aquí afirmamos y a quien por su virtud debimos dar entera fe y crédito (LAS CASAS, 1992, p. 1335).

Mesmo que sua experiência pessoal fosse muito maior sobre a Ilha Hispaniola, como também sobre as outras ilhas, havia duas regiões as quais o frade precisava destacar melhor: Nova Espanha e Peru. Eram os dois maiores exemplos de boa e ordenada república e, imaginando que o tema sobre os quatro níveis de barbárie fosse um apêndice – voltado muito mais para as circunstâncias dos anos 1550 – poderíamos supor que fariam parte da conclusão de seu argumento de defesa na *Apologética*.

4.2.1 NOVA ESPANHA

A complexidade encontrada na Nova Espanha era relevante³⁵, onde a república bem ordenada era evidente, até mesmo pelo seu aspecto físico. Cada detalhe que lhe chamava a atenção era discutido, pois eram as sociedades mais organizadas, cujas características mais se aproximavam dos povos antigos, ou até mesmo dos reinos cristãos de seu tempo. Segundo seu discurso, havia uma série de equivalências, tanto em vantagens quanto em desvantagens, que unificavam os dois mundos. Defendia a idéia de que convinha ao bem da república que as leis não proibissem todos os pecados e vícios³⁶, encontrando nos mexicas esta característica:

Los vicios y pecados que con gran dificultad se pueden evitar, como los de fornicación simple (soltero con soltera) y hablar ociosamente, y los pensamientos malos, y otros que no son en perjuicio y escándolo de la república o de algún vecino della particular y los semejantes, todos éstos se han de pasar debajo de disimulación y sería malo e inicuo prohibido por leyes, porque causaría muchos escándolos y daños en la república (ibid., p. 1356).

Fundamentando sua afirmação em princípios de livre arbítrio cristão, como também de que o primordial para o bem da república seria de fato a justiça e a igualdade, Las Casas discutia até que ponto era viável extirpar das sociedades indígenas tudo o que era pecaminoso, algo que também ameaçava o próprio bem da república. Era uma forma de fortalecer seus argumentos de conversão pacífica, rebatendo a tese daqueles que tinham a ambição de catequizar rapidamente. Além disso, havia muitos pecadores nos reinos cristãos, e cada falta tinha seu nível de punição.

³⁵ Sobre a Nova Espanha, há um tratado sobre seu governo e costumes nos capítulos 211-213; neles estudando o tema na seguinte ordem: reis e magistrados (capítulos 211-212); legislação (capítulos 213-218); educação (capítulos 219-224), os governos de Tlaxcala, Cholula, Michoacán, Honduras e Nicarágua (225-226); os funerais (capítulos 227-233).

³⁶ “Según la regla de la recta razón, cuando nos enfrentamos con dos cosas a elegir que son ambas mala, tanto por lo que refiere a la culpa moral como al castigo, y no podemos evitar ambas, debemos elegir el menos mal, pues en comparación con el mayor mal, la elección del menor mal tiene cierta cualidad de bondad, según enseña Aristóteles (...) Se confirma ésta razón por las reglas que los doctores juristas dan sobre la tolerancia, la cual, en verdad, es aceptada cuando se permiten males y hasta graves pecados para evitar otros más graves en la república, o para no poner obstáculos al bien por el cual es reforzada la condición del estado... Tenemos un mandamiento negativo que dice: ‘No matarás’ (...) ‘No hagas morir al inocente y a injusto’ (capítulo 23 del Éxodo) (...) De aquí claramente se deduce que este mandamiento es sumamente estricto y que, por ningún argumento o circunstancias, puede ser jamás lícito, por ley humana o mandato de un príncipe, matar a personas inocentes y libres de culpa, a fin de que otros inocentes se liberen de la muerte, sobre todo, cuando éstos últimos que son injustamente matados son pocos, como ocurre en nuestro caso, y aquellos que tienen que ser matados, para librar a estos pocos, son muchos” (id., *Apología*, 1992, p. 369, 371-373, 375).

Portanto, aqueles indígenas que voltavam a praticar idolatria ou poligamia, por exemplo, não representavam o insucesso daquelas primeiras conversões.

De lo dicho, pues, parece la orden buena y política que aquellas gentes tenían en sus repúblicas por sus buenas leyes, unos delitos prohibiendo y castigando, conviene a saber, los que cognoscían su en daño del estado dellas; otros, los quitaron del todo sucedieron males mayores, disimulando y permitiendo. Que no hizo más alguna república de gente muy política, ni hace menos ni más hoy la christiana policía (ibid., p. 1359).

Prosseguindo nas suas descrições sobre a Nova Espanha, comentou sobre uma das leis que tornava escravo aquele que roubava comida, algo que seria válido porque aquele que roubava poderia deixar outro sem se alimentar, legitimando o rigor que era aplicado. Apesar de haver escravidão africana praticada pelos europeus naquele período, o fato de existirem escravos no Novo Mundo poderia ser um agravante se não houvesse um motivo válido para sua existência. O princípio de guerra justa era o argumento principal para justificá-la, porém Las Casas concebê-la de outra forma, não compartilhando do mesmo conceito.

Descreveu a sucessão do trono, que poderia ser para o filho mais velho, ou para aquele que o monarca escolhia em vida. Afirmara que o “sumo sacerdote” daqueles habitantes participava dessa coroação, ou seja, assim como nas monarquias católicas. Separavam filhos legítimos de ilegítimos, preservando corretamente a linhagem, da mesma forma como no Velho Mundo. No capítulo 211, o frade descreveu como se organizava a nobreza ao redor de Montezuma, os rituais, as relações de vassalagem, e até o modo como realizavam seus manjares. Até mesmo a relação das mulheres³⁷ frente aos homens era semelhante a dos europeus.

parece que, aunque infieles, obraban estas mujeres, lo primero, lo que tocaba al divino culto y honra de los que tenían por dioses, teniendo y buscando lo divino por principal, como Christo Nuestro Señor los dejó mandado (...) que la mujer esté debajo de la obediencia y poderío de su marido (ibid., p. 1386-1387).

³⁷ Mesmo considerando um certo anacronismo ao abordar uma questão de gênero, registramos a opinião do dominicano Josaphat: “...Assim no quadro geral de uma civilização grandemente patriarcal e que sem injúria se pode chamar machista, Las Casas não deixava de valorizar a mulher, ao exaltar os costumes e as instituições familiares e sociais vigentes na América, anteriormente à colonização. Nessa principal vem a ser a grande suma ou enciclopédica antropológica que é a *Apologética História Sumária*” (JOSAPHAT, 2000, p. 319)

Recordou algumas características da educação na Antigüidade como, por exemplo, o ato de não pintar coisas indignas de serem pensadas nas paredes, repreensão também encontrada entre os mexicas, que por sua vez teriam mais vantagens no que se refere a este tema: “... *aquestas nuestras gentes, no solamente no fueron postreras a todas las antiguas em la crianza buena e institución de sus hijos, pero que se igualaron y a algunas sobrepusieron en cosas sustanciales, aunque fueron tenias por bien políticas...*” (ibid., p. 1397).

Citou as exortações que pai fazia aos seus filhos, e uma senhora a sua rainha: *Exhortación que hacía un padre a su hijo; Respuesta del hijo; Una plática y exhortación que hacía una señora a la reina o señora suprema; Reagradecimiento de la reina por la buena exhortación*. Essas informações delas teriam sido adquiridas através dos escritos de algum informante religioso. São um total de quatro exortações diferentes, como suas respectivas respostas, que teriam sido agregadas como uma interpolação. Havia também a exortação de um pai a seu filho já casado:

reagradecimiento del hijo a su padre; exhortación de una madre a su hija, agradecimiento de la hija a la madre. “Son un total de cuatro exhortaciones, con sus respectivas respuestas, que han sido agregadas en este lugar como una interpolación. El texto procede de la bien conocida colección de discursos tradicionales indígenas o huehuetlatolli de Fray Andrés de Olmos, citados explícitamente. (BUSTAMANTE GARCÍA, 1992, p. 257)

Unas exhortaciones que otro religioso de la orden de San Francisco me envió de la Nueva España, estando yo en España la Vieja (...) como él dijo en un prologuillo que a las dichas pláticas y exhortaciones hizo (LAS CASAS, 1992, p. 1398)

Os governos da Cidade de *Cholula*, *Michoacán* e *Tlaxcala* foram também citados pelo religioso, e todos se arregimentavam politicamente segundo os princípios de uma boa e ordenada república:

Toda ésta es la gobernación que tiene la república de Tlaxcalla, y pidieron al Emperador que se le confirmase (...) y dello yo soy testigo, y todo lo que aquí refiero fue lo que los procuradores indios, que a la Corte la república de la dicha provincia de Tlaxcalla enviaron, presentaron en el Consejo. (ibid., p. 1420)

Sobre os enterros e funerais dos senhores, não omitiu a fato de existir também o sacrifício de escravos junto a essas cerimônias, mas também não deixou de destacar a existência de práticas semelhantes entre os antigos. “...*Cruel costumbre, cierto, era la que aquestas gentes tenían en los entierros de los señores y reyes, matando tantas personas en sus lamentables y*

luctuosas y detestables obsequias por la ceguedad y error en que estaban...” (ibid., p. 1426), ou seja, também não era um pecado exclusivo daqueles povos.

Outro ponto importante que Las Casas frisou foi a existência de livros na Nova Espanha:

Sólo esto queremos añadir para cumplir este capítulo, que no es también chico argumento de razón, conviene saber: dar noticia de las letras y libros que aquestas gentes tenían, por donde tan bien gobernaban. Había, pues, cinco libros de figuras y caracteres por las cuales, como nosotros nuestras letras, entendían, y por las figuras de los animales los egipcianos (ibid., p. 1448).

Demonstrava uma qualidade intelectual de seus habitantes, algo que um bárbaro passível de lhe ser aplicado o princípio da guerra justa não seria capaz.

4.2.2 DO SUL DA NOVA ESPANHA ATÉ O PERU

Após dissertar sobre a Nova Espanha, partiu para outro recorte geográfico, mais ao sul em direção ao Peru. Nos capítulos 234-247, tratara do governo e costumes dos indígenas nas regiões de Guatemala, Vera Paz, Yucatán, Honduras, Nicarágua, e províncias vizinhas; assim como também Paria e regiões próximas, até alcançar províncias limítrofes ao império dos Incas.

Sobre a Guatemala, com um texto muito rico em informações sobre esta área: “*Sección muy rica en información sobre el área guatemalteca, cuya fuente genérica son los misioneros dominicanos*” (BUSTAMANTE GARCÍA, 1992, 258). Assim como no México, esses indígenas também tinham seus livros, além de duas concepções de Criação³⁸, inferno, e dilúvio, sendo que logo após esta catástrofe teria surgido o primeiro reino³⁹. Essas semelhanças demonstravam que havia um conhecimento parcial da verdade cristã, algo que além de também unificar ambas as histórias numa só, também seriam vantagens para que se tornassem cristãos, afinal já conheciam parte daquelas crenças.

Prosseguindo nas suas descrições, destacou os costumes de Verapaz, sua organização política (onde a relação entre soberanos e súditos era semelhante à européia), como também os

³⁸ “[Sobre a Criação]... *lo primero hicieron los cielos y planetas, fuego, aire, agua y tierra; después que la tierra formaron al hombre y a la mujer. Los otros, que fueron soberbios presumiendo hacer criatura[s] contra voluntad de los padres, fueron en el infierno lanzados...*” (LAS CASAS: 1992, p. 1457).

³⁹ “...*Después que cesó el diluvio, dicen éstos que multiplicados los hombres hicieron pueblos y, viendo que tenían necesidad de cabeza y superior que los rigiese, tenían respecto a aquel de quien habían procedido, y así, a aquél obedecían en lo que les mandaba y teníanle toda reverencia...*” (ibid., p. 1459).

matrimônios, comuns entre as tribos, existindo alguns que eram consangüíneos. Assim como no Velho Mundo, mulheres adúlteras eram repudiadas, e sobre estas leis, encontrou semelhanças aos mandamentos divinos, e só afirmava que erravam no primeiro porque o Deus deles não era o verdadeiro.

Em geral, Las Casas lamentava a escassez de informação sobre Yucatán.

por mi gran inadvertencia, que cuando estuve en aquel reino – y fue parte de mi obispado – que pudiera ser informado muy de raíz de todo lo que de aquellas gentes quisiera saber, y aun después munchas veces, tractando con religiosos que allí habían estado y sabían la lengua, no caí en preguntarlo e informarme”. (LAS CASAS, 1992, p. 1479).

Mas destacou os indígenas que praticavam a circuncisão, fazendo com que muitos acreditassem que poderiam ser judeus. Las Casas discutiu esta possibilidade de parentesco, mas não concordava: “...*Parece, pues, como juzgarlos haber procedido de alguna gente porque concuerden en la voz, y aunque también concordasen en la significación con algunos de sus vocablos, errarse y haber en ello errado...*” (ibid., p. 1483). Esta prática não era exclusiva dos judeus porque outros povos antigos teriam realizado o mesmo ato, e esta associação seria um outro equívoco como aquelas sobre palavras indígenas, cuja sonoridade era semelhante ao castelhano, e por sua vez tinham seu significado igualado⁴⁰.

Ao partir para as descrições de Nicarágua, Honduras, Darién, e outras regiões vizinhas, comentou sobre os bailes e cantos, encontrando outras semelhanças com os povos pagãos antigos. Sobre as gentes de Paria, citou as artes mágicas que usavam para curar enfermos, seus oráculos e a participação do demônio em tudo isso, assim como nos oráculos de Apolo na Antigüidade. Essas comparações com os povos do passado demonstravam que se encontravam num estágio semelhante àqueles povos, com superstições equivalentes, que desapareceriam após as conversões.

Enfim, relatou um caso de morte de dois religiosos realizados por indígenas de Chribichí. A causa seria que anteriormente haviam sofrido com salteadores espanhóis do passado. “...*Podríamos afirmar com sincera verdad tener experiencia larga que ninguno, religioso ni*

⁴⁰ Las Casas destacara palavras cujo significado era trocado devido a som semelhante: “*Coca, por la yerba que traen para sustentarse en la boca y es un lugar de Castilla. Caro tienen por lejos; ama, por no; tío, por arena...*” (ibid., p. 1482).

clérigo e ni seglar, hizo ni dijo daño contra estos tristes indios, ni en algo los desfavoreció, que la divina justicia en esta vida, cuasi a ojo de todos, no los castigase...” (ibid., p. 1506).

Ao escrever sobre Peru, destacara uma atenção semelhante em relação à Nova Espanha, com uma seqüência de capítulos dedicados, certamente menor porque utilizou um número inferior de fontes. Las Casas não conheceu o Peru, mas engrandecia seus atributos da mesma forma em relação ao outro grande reino. Aliás, sobre o império dos incas, baseado na leitura de outros informantes religiosos, narrou parte daquela história, centrada na figura do inca Pachacutec.

O dominicano nutria grande admiração por esses povos do sul, assim como maiores esperanças, principalmente por ser uma conquista posterior, porque seria aquela em que os espanhóis poderiam evitar cometer os mesmos erros anteriores (CABRERA, 1992, p. 261). Nos capítulos 248-261, descreveu o governo dos antigos peruanos; a origem e sucessão dos incas, com descrição pormenorizada do governo de Pachacutec, de seus sucessores até Atahualpa. Iniciou suas passagens narrando a história local, anterior ao reinado dos imperadores chamados incas. Destacou seus costumes, os métodos de agricultura, tributos, casamentos e sepultamentos.

As descrições sobre época de Pachacutec ocupam várias passagens, mais precisamente a partir do capítulo 250. Inicialmente, destacou as atividades político-administrativas de seu reinado, além das estradas construídas por eles. *“Religiosos prudentes y letrados dicen que estos caminos eran cosa admirable y divina, y discreto seglares afirman que ni romanos ni otras gentes algunas en los edificios destes caminos no les hicieron ventaja.”* (LAS CASAS, 1992, p. 1533). Ressaltou as obras com magníficos efeitos hidráulicos, pontes, templos, casas reais, e até enfeites de cabeça, que Pachacutec mandou fazer para que diferenciassem uns dos outros:

Descendían las aguas por aquellas acequias para regar los llanos y valles donde nunca jamás llueve, con las cuales regaban sus heredades y sementeras, que todos aquellos valles no parecían sino unos vergeles hechos a mano, pintados todos de arboledas y yerbas por las hileras de las acequias, como si fueran cada uno paraíso de deleites. Y tanto los encarecen los nuestros, que afirman, en todo lo más de la redondez del mundo, más hermosos ni más bien labrados y adornados no se figurarían. (ibid., p. 1537).

Comentou sobre as deformações cranianas que os peruanos praticavam como forma de distinção, tendo Las Casas aludido a uma experiência pessoal (CABRERA, 1992, p. 279) ao afirmar que teria visto algum dos senhores dos incas:

Los señores tomaran para sí e para todo su linaje, que se llamaba ingas, tres diferencias de cabeza, puesto que después algunas dellas comunicaron a otros señores de algunas provincias, sin que fuesen del linaje de los ingas, por especial privilegio. La una era que acostumbraron a formar las cabezas que fuesen algo largas y no mucho, y muy delgadas e empinadas en lo alto dellas. Y lo que a mí parece, por haber visto alguno de los señores del linaje de los ingas, la forma dellas era ni más ni menos que la de un mortero (LAS CASAS, 1992, p. 1537).

Destacou a ordem de guerra que tinham, além de também descrever como administravam os gastos, e das diferenças encontradas na serra e nas planícies. “...naciones de los llanos tenían en gran veneración a los de las sierras, así señores como súbditos, así como un escudero tiene respecto a un grande. Y por el contrario, los de la sierra estimaban en poco a los de los llanos...” (ibid., p. 1550).

Sobre os tributos, realizara uma comparação, destacando como mudou o sistema de cobranças após o domínio espanhol, e criticava a exploração dos *encomenderos*. Para o dominicano a situação dos indígenas, segundo relatos dos habitantes mais antigos, deteriorara-se com a presença dos espanhóis. (ibid., p.1548)

Na seqüência aborda sobre costumes anteriores aos espanhóis e descreve costumes e leis estabelecidas pelo inca Pachacutec, como o costume de honrar os matrimônios e seus vassallos. As mulheres desse reino também seriam muitos honestas:

Y desto dan testimonio nuestros españoles seglares haber visto esta tan señalada obra de virtud de la honestidad y castidad, cuanto al principio, estando en su prosperidad aquellos reinos, en ellos entraron. Y ellos mismos testifican que en la ciudad del Cuzco vieran gran número de señoras muy principales, que tenían sus casas y sus asientos muy quietas y sosegadas, y vivían muy casta y honradamente (...) cada una con quince o veinte mujeres que tenían de servicio y compañía en sus casas (...) Estas son palabras de un buen seglar escriptas, que lo vido y notó sobrello dice cosas harto notables; y añade que cree haber entonces destas señoras principales en la ciudad de Cuzco y en sus comarcas más de seis mill, sin las de servicio que con ellas en vida honesta y virtuosa moraban, que pasaban de veinte mill, y todas éstas sin gran número de las mamaconas que, después de haber los españoles el templo del sol desbaratado y asolado, vivían siempre según solían en toda honestidad, como monjas ó beatas. Y Dios perdone – dice aquel buen cristiano – a quien de estragarse toda esta tanta y tan loable honestidad y bondad fue la causa (ibid., p. 1553).

Pachacutec também realizou a eleição de seu filho, Amaro Ingá, para sucedê-lo e depois a Topa Ingá Yupangui. Escrevera sobre outras leis que criara e, posteriormente, de sua morte.

Certifican nuestros religiosos haber visto señor que, al tiempo de su muerte, preguntado por ellos a quién de sus hijos quería dejar por sucesor del poco estado que le había quedado, respondió: “a fulano quisiera yo dejar, porque le quería mucho, pero no es bueno para gobernar, y por tanto, no quiero dejar sino a fulano, que sé que es para ello mejor”. Y así preferió el bien común de todo el pueblo a su afición particular. Y esto es así verdad, porque el mismo siervo de Dios que se halló presente me lo certificó. (ibid., p. 1556).

No capítulo 262, o frade conclui o quanto foi examinado tocante ao governo, legislação e costumes dos índios, o seja, a respeito da sexta classe de homens que deveria ter toda sociedade perfeita, afirmando que as sociedades indígenas estavam de acordo com as nações mais cultas da Antigüidade:

Las ventajas que aquestas nuestras naciones destos reinos Del Perú a muchas de las de mundo hechas (...) cerramos la prudencia política de todas las gentes destas Indias, y así, la sexta y última parte de las repúblicas por sí suficientes y bien ordenadas, por la gracia de Dios, concluimos (ibid., p. 1570).

* * *

Baseando-se na leitura de seus informantes, Las Casas igualava o Peru em grau de importância em relação à Nova Espanha. Certamente, a complexidade social desses dois locais servia como um forte argumento de defesa na luta do frade contra os seus opositores, mesmo sendo a *ciudad celeste* aquela que se sobrepunha, e todas as qualidades citadas completava uma constatação já enunciada, tendo somente que se basear em dados mais empíricos para reforçar seu argumento de defesa. Contudo, mesmo que sua conclusão já estivesse pronta, é possível apontar alguns aspectos na maneira como desenvolvera seu discurso.

Esta descrição lascasiana, sobre a boa e ordenada república tinha um grande objetivo implícito também: a demonstração de que havendo comunidades organizadas politicamente aos moldes do pensamento escolástico, todas aquelas justificativas sobre a guerra justa caíam por terra, pois não seriam servos por natureza. Las Casas ainda debatera a legitimidade da soberania dos espanhóis no Novo Mundo, a partir do princípio de consenso popular que ainda não havia entre os indígenas. “...uma das questões mais debatidas pelos pensadores espanhóis do século XVI (...) é o princípio do consenso popular como elemento explicativo da transição da sociedade pré-político à sociedade político, e como preceito legitimador do poder...” (BRUIT, 1994, p. 104-

105). Entretanto, acreditava que o poder do soberano prevaleceria sobre o poder da comunidade, no caso o reino cristão espanhol que, na verdade, apenas delegava a soberania, de tal forma que o rei não estava acima da comunidade, nem era proprietário do poder.

O pensamento lascasiano, muitas vezes interpretado como progressista devido a sua defesa dos direitos indígenas, na verdade manteria um diálogo com uma longa tradição que remonta à Antigüidade e ao medievo⁴¹. Nesta mesma direção temos a observação feita por Bruit:

Em síntese, o pensamento político lascasiano, aparentemente muito ortodoxo no sentido das fontes que o inspiraram, notadamente Aristóteles e São Tomás, rompeu, em muitos casos, essa ortodoxia procurando certas teorias nos escolásticos italianos do século XIII e XIV, defensores da independência e liberdades republicanas do norte da Itália. É mais provável que, por intermédio de Bartolo, conhecesse o mais importante desses pensadores, Marcilio de Padua. Por outro lado, não foi apenas Aristóteles que o influenciou desde a Antigüidade, mas também Catão e Cícero, freqüentemente citados, defensores das liberdades cívicas republicanas (...) As preocupações de Las Casas com as liberdades públicas e individuais, com os fundamentos jurídicos da sociedade que se organizava, com o desejo de ver na América uma sociedade de direito e justiça social, de respeito aos direitos humanos, configuram sua visão dos destinos do continente... (1994, p. 109).

Nosso frade sempre fora um defensor do escolasticismo da Baixa Idade Média, e um crítico do humanismo de Maquiavel, muito presente nos escritos de Sepúlveda. Todavia, suas teses de legitimidade do poder político, como também sobre como se deveria se realizar uma conquista é muito distinto, ainda mais pela sua capacidade de manuseio de fontes e teses que tornaram seu discurso muito flexível. A *Apologética* seria um reforço retórico complementar, também fundamentada nesta seqüência de exemplos que tornavam sua dissertação mais completa no que se refere às evidências de que se cumpriria este requisito básico da boa e ordenada república.

⁴¹ “...Las Casas era un hombre de la Edad Media, latinamente erudito, cristiano combativo e intransigente, fanático en su defensa de los indios e indiferente, a sordo; mejor, a la razón de Estado y a las exigencias políticas de uno de los primeros imperios colonialistas por las tropelías efectivamente cometidas, pero arrastado por el espíritu de acusación y denuncia y de amplificación oratoria a una letanía de escandalosas revelaciones y a una idealización forense de las puras inocentes, patéticas, víctimas de de tan criminales excesos.” (GERBI, 1978, p. 417-418)

CAPÍTULO 5

A RELIGIOSIDADE INDÍGENA E O MANUSEIO DA OBRA DE *MOTOLINÍA*

“O natural constitui a essência das coisas, é uma propriedade universal, única, imutável, que não se altera nem ao menos pelo pecado. O natural, para Tomás, é comum a todos os homens e confere unidade essencial ao gênero humano. Nessa idéia Las Casas fundamentou o princípio da igualdade entre todos os homens, independentemente do grau civilizatório. O pecado da idolatria, dos sacrifícios humanos não tiram nem alteram a essência humana dos nativos”

Héctor Bruit, *Bartolomé de Las Casas: A simulação dos vencidos*

A religião dos indígenas foi outro tema que Las Casas discutiu na *Apologética*. Apresentado, inicialmente, como a quinta parte da boa e ordenada república, desdobrou-se num estudo específico sobre a idolatria, tornando-se preponderante em relação ao restante do argumento humano. Certamente, era um tema que precisava ser exposto, principalmente pelo fato de originar muitas polêmicas em torno do indígena.

A leitura de outros cronistas foi essencial neste estudo, sendo a obra do irmão menor Toribio de Benavente “Motolinía” a principal delas, apesar das aparentes diferenças na interpretação de ambos sobre o mesmo assunto. Seus escritos foram fundamentais⁴², havendo trechos muito semelhantes nos dois trabalhos. Las Casas compartilhava da idéia de que, mesmo sendo aquelas crenças incorretas, havia nelas aspectos positivos, que demonstravam um

⁴² “Motolinía foi usado por Las Casas simplesmente como fonte de informação. Não houve, por parte do dominicano, o interesse em desqualificar os dados ou questioná-los (...) A *Historia de los indios* é os “olhos” e o registro da experiência missionária que Las Casas não teve na Nova Espanha. O bispo de Chiapas usou os relatos de Motolinía, que tinham um sentido próprio e bastante prático, para compor de forma mais elaborada sua *Apologética Historia Sumaria*. Apesar das inúmeras informações a respeito do território, natureza e gentes da Nova Espanha (o que Bustamante García qualifica de “*el texto etnográfico más extenso y mejor organizado de los que dispuso el dominico*”), o texto de Motolinía tem um sentido mais amplo, de caráter político e teológico. Essa dimensão é desprezada (sem a conotação pejorativa) em proveito de detalhes descritivos. E isso ganha relevância à medida que sabemos das divergências políticas e teológicas entre dominicanos e franciscanos na Nova Espanha. Ou seja, Las Casas leu em Motolinía aquilo que lhe interessava, fazendo vistas grossas aos aspectos que ele possivelmente não concordava, como: a teoria da conversão, as visões das práticas idolátricas e os matizes indóceis e diabólicos dos costumes indígenas” (REIS, 2007, p. 20-21).

conhecimento primitivo de Deus. Dentre as diferenças de pensamento dos dois religiosos, esta era uma delas, senão a principal.

Motolinía foi um frade muito mais dedicado ao ofício da catequese, convivendo muito tempo junto aos índios, ao contrário do “cronista de gabinete”. Las Casas necessitou de dados coletados por terceiros para confecção de seu texto. Mesmo que esta reapropriação fosse mais uma necessidade de expor mais informações sobre o mundo indígena, é possível notar a construção do discurso sobre como o dominicano concebia aquelas idolatrias. A obra *Memoriales*, utilizada por Las Casas na escrita da *Apologética*, mereceu uma atenção fundamental na tentativa de se compreender também até que ponto a discordância entre os dois religiosos seria divergente, posto que entre eles houve um antagonismo, principalmente por parte de Motolinía que, na Carta ao Imperador, criticou nominalmente o dominicano e seus métodos de denúncia, desqualificando a defesa lascasiana. Las Casas não se pronunciou sobre este documento, mas mesmo assim, trabalhou com as fontes compiladas pelo franciscano.

A presença de trechos selecionados a partir do trabalho de outros autores já pôde ser visto no terceiro capítulo. Entretanto, nesta comparação com a obra do franciscano, podemos analisar melhor a maneira como manuseava suas fontes, as quais teriam que ser, segundo seu julgamento, mais fiéis à realidade do continente, que no caso seriam aquelas produzidas por frades. Certamente, o fato de o franciscano ser um religioso tornava sua obra mais relevante para a confecção da *Apologética*.

Como foi dito anteriormente, Las Casas destaca-se também como um pesquisador, recorrendo por escrito a toda informação que lhe era possível, estabelecendo seus critérios metodológicos sobre quais seriam as mais importantes. Procurava comparar as sociedades americanas com as da Antigüidade ao explicá-las a partir de um mesmo modelo analítico universal. “*Se trata, por tanto, de uma obra novedosa para su tiempo y, de hecho, puede ser considerada como el primer programa sistemático de una etnología comparada*” (BUSTAMANTE GARCÍA, 1992, p. 235).

5.1 LAS CASAS E MOTOLINÍA

O debate sobre o modo como os espanhóis deveriam catequizar os indígenas acirrava-se cada vez mais ao longo daqueles anos. O uso da força para persuadi-los era defendido por

muitos – tendo como exemplo o próprio Sepúlveda – enquanto outros acreditavam numa outra forma de apostolado, sem o uso da violência física.

Os partidários do uso da força, ou da sujeição política prévia, como condição necessária para evangelizar, formavam a maioria. Aqui não só se enquadravam teólogos e juristas, mas autoridades e colonizadores residentes na América. Entre eles, temos figuras importantes como o jesuíta José de Acosta, que considerava a sujeição política prévia necessária nos casos de povos pouco civilizados, embora admitisse que nos casos opostos, talvez a evangelização pudesse ser feita sem recorrer à força. E também os franciscanos Toríbio de Benavente e João Focher, este último professor no colégio de Tlatelolco, o jurista e teólogo João Ginés de Sepúlveda (BRUIT, 1994, p. 100)

No que se refere à questão dos sacrifícios humanos, o dominicano dedicou muitas linhas na *Apologética* ao abordar a quinta parte da república, ou seja, ao tratar do sacerdócio e do sacrifício. A existência do sacrifício era algo delicado, pois violava a noção de direito natural, como também seria uma blasfêmia segundo a moral cristã. Para o franciscano Motolinía, sua prática era diretamente associada ao demônio.

Motolinía engradece os horrores desses rituais do mesmo modo que outros cronistas, seus contemporâneos, que viam com total desaprovação àquele ‘culto aos demônios’ que astuciosamente assumiam a forma de ídolos, como o deus da guerra ou da chuva. Com efeito, não se tratavam de falsos ídolos, pedaços de madeira ou pedra, mas de demônios de grande poder e que estavam levando os indígenas à corrupção. Diante dessa situação Motolinía tinha a convicção de que era necessário que se instaurasse nessas terras corrompidas o Reino de Deus (FERNANDES et al., 2004, p. 88).

Assim como Sepúlveda tornou-se o rival de Las Casas num debate mais filosófico e jurídico, poderíamos afirmar que o franciscano seria seu outro rival no que se refere ao tema da idolatria, mesmo que não fosse o único a defender tais idéias⁴³:

Cuanto a los corazones de los que sacrificaban, digo: que en sacando el corazón a el sacrificado, aquel sacerdote del demonio tomaba el corazón en la mano, y levantábale como quien le muestra a el sol, y luego volvía a hacer otro tanto a el ídolo, y poníale delante de un vaso de palo pintado, mayor que una escudilla, y en otro vaso cogía la sangre y daban de ella como a comer a el principal ídolo, untándole los labios, y después a los otros ídolos y figuras del demonio. En esta fiesta sacrificaban de los

⁴³ “...A leitura de Motolinía não foi única e nem comum a todos os missionários ou leigos envolvidos no processo. A Nova Espanha apresentou um cenário vasto para que os cronistas pudessem discorrer sobre as práticas idolátricas. Desde cedo, o processo de conquista e cristianização da América ofereceu muitas possibilidades de reflexões em torno da idolatria, em sua dimensão teológica e política. Desde a chegada de Cristóvão Colombo as questões sobre a legitimidade da conquista passavam pela condição dos indígenas, que era dada à medida que eram observados seus costumes...” (ibid., p. 128)

tomados en guerra o esclavos, porque casi siempre eran de éstos los que sacrificaban, según el pueblo, en unas veinte, en otros treinta, en otros cuarenta, y hasta cincuenta y sesenta; en México sacrificaban ciento, y de ahí arriba (MOTOLINÍA, 1995, p. 32-33)

O sacrifício humano servia como um dos principais reforços argumentativos àqueles que defendiam uma cristianização mais repressora. Motolinía chegara a defender uma conversão à força no intuito de evitar que continuassem a realizar tais rituais. Uma catequização pacífica – da forma como Las Casas defendia – estaria descartada, e poderia significar também uma negligência. Afinal, se morressem sem ser batizados, todo o esforço inicial cairia por terra, assim como a tentativa de tentar torná-los cristãos, mesmo através do uso da violência, era entendido como um ato de caridade.

O processo de evangelização, segundo o franciscano, poderia se basear no uso justo da força, porém sem a generalização da crueldade, ou seja, não defendia a extrapolação desses atos, nem justificativas como aquelas que estas práticas tornavam-nos inferiores por natureza. De um modo geral, considerava um benefício maior a salvação de suas almas, mesmo que involuntariamente, à permanência como pagãos.

O milenarismo é um dos aspectos que explica a prática missionária franciscana no Novo Mundo. Pensando na hipótese de fim dos tempos o trabalho dos missionários deveria ser marcado pelo batismo rápido, sem um processo de catequização, em vistas à proximidade do apocalipse. Outros grupos de missionários, como dominicanos e agostinianos, não trabalhavam com esta mesma perspectiva.

A defesa do princípio da guerra justa, também influenciado pelo pensamento aristotélico-tomista, mantinha sua presença. Pensamento que também era o mais presente no discurso lascasiano, visto que citara constantemente a existência da “boa e ordenada república” encontrada nas Índias, algo que seus opositores discordavam. Portanto, cada um utilizava as mesmas referências aristotélico-tomistas para teses distintas.

Sepúlveda via o indígena como um bárbaro e, conseqüentemente, um servo por natureza, e que nem a partir do momento em que se convertessem deixariam de sê-lo. Mas Las Casas, adentrando numa questão bastante polêmica, aventurou-se em transformar essas mesmas práticas como reforço argumentativo numa tese contrária. Precisava afirmar que havia qualidades na crença daqueles povos, tanto como exemplos de devoção semelhante aquelas do

cristianismo, quanto como demonstração de perfeita racionalidade, dedicando diversos capítulos da *Apologética* a essas questões.

Las creencias y prácticas que para los europeos resultaban pacaminosas, antihumanas y degeneradas, para los indígenas resultan pruebas fehacientes y concluyentes de su racionalidad, prudencia y predisposición a Dios. La intención de Las Casas es demostrar que los diferentes argumentos que sustentaron la cuasihumanidad del indio servían perfectamente para demostrar lo mismo con los europeos (STOFFELS, 1992, p. 196-197).

Las Casas, assim como outros autores, acompanhava um determinado processo de conceitualização das idolatrias indígenas, mesmo que realizasse conclusões relativamente distintas. O bispo, porém, de Chiapas invocava também sua experiência americana, o convívio de muitos anos com os índios e colonizadores, sua intimidade com as coisas da América, que seu interlocutor Sepúlveda, nunca teve. (BRUIT, 1994, p. 139). Todavia, toda esta experiência seria complementada a partir da leitura de Motolínia.

Entretanto, o fato do dominicano não ter citado seu nome sequer uma vez em toda a *Apologética*, ou, no máximo, definindo-o como “um bom frade franciscano”, é algo que nos chama a atenção. O ato de citar ou não citar nomes (lembrando que o dominicano citou o nome de boa parte dos autores que utilizara) demonstraria um determinado posicionamento, e quando de forma diferenciada segundo as circunstâncias – no caso de Cortés, um dos vilões da *Brevísima* – reflete outra intenção ao novamente escrever sobre a América. Las Casas não tivera como objetivo principal ressaltar a existência dos assassinos e de suas respectivas vítimas na *Apologética*.

Mesmo numa época em que não existia a preocupação de se mencionar a origem das fontes (além do comentário do próprio franciscano sobre a divulgação de seus escritos), o fato de um autor religioso não citar certos nomes poderia ter uma determinada intenção. Para a tradição judaico-cristã, o nome é fundamental, como também um novo nome: Deus mudara Abrão para Abraão, assim como Jesus renomeara Simão e Levi como Pedro e Mateus, respectivamente. Portanto, a omissão do nome de Toribio de Benavente já denotaria que mesmo ao não expor as divergências de ambos, Las Casas tratara-o somente como um tal “bom religioso franciscano”, ao lado de muitos que também escreveram sobre a Nova Espanha, apesar de ter sido um desejo do franciscano. Mesmo que esta fosse a sua principal fonte para a confecção de toda a *Apologética*, o

dominicano tornou seu nome irrelevante. Bustamante García realizara a seguinte constatação que merece nossa atenção:

El silencio guardado por Las Casas se basa más bien en la voluntad de respetar el propio deseo del franciscano quien, al final de la carta proemial que está al frente de su obra, había escrito: 'Si esta relación de mano de vuestra señoría saliere, dos cosas le suplico en limosna por amor de Dios: la una, que el hombre del autor se diga ser un fraile menor, y no otro nombre (BUSTAMANTE GARCÍA, 1992, p. 243).

Ou seja, o irmão menor Toribio de Benavente fizera um pedido que Las Casas, propositalmente ou não, atendeu.

Mesmo que, aos primeiros olhos, seu uso estivesse associado aos seus dados empíricos, ou seja, uma reprodução mais fria das informações escritas pelo franciscano, é possível encontrar semelhanças, repetições e diferenças quando colocamos os respectivos textos lado a lado. Diretamente, Las Casas não realizara nenhuma discussão no que se refere a questionamentos da obra de Motolinía, como Ânderson do Reis notara:

preocupou-se exclusivamente com as informações apresentadas no texto de Motolinía, sem se ocupar com as referências e citações ao frade franciscano, ou mesmo, em discutir juízos de ordem política e religiosa. Las Casas viu no texto do frei Toribio um grande número de dados que poderiam lhe servir na elaboração de sua *Apologética* (REIS, 2007, p. 27).

Mas quando aproximamos os trechos em que o dominicano coletara as informações escritas pelo outro religioso, podemos realizar uma reflexão sobre o modo como Las Casas manuseara essas informações, e a partir dela estabeleceria suas teses sobre a idolatria indígena, que tinha suas diferenças em relação a Motolinía.

É necessário destacar que a obra de Motolinía parecia também ser o texto mais extenso e melhor organizado daqueles que dispunha o dominicano para compor sua obra, e de fato, serviu-lhe como referência organizativa para os materiais reunidos sobre outras culturas americanas. Sua identificação não oferece problema algum, pois Las Casas reproduzira literalmente, ou quase literalmente, grande parte da obra, também descrita como: “*un libro que del aprovechamiento de aquellas gentes en nuestra religión cristiana por menudo había colegido*” (LAS CASAS, 1992, p. 597).

Sendo assim, podemos realizar a aproximação entre esses dois autores, identificando a composição da retórica lascasiana e o uso da crônica de Motolinía como fonte. Evidentemente, não se trata de um simples exercício de reprodução do texto, posto que há incongruências entre os dois cronistas a partir de um mesmo relato originário. Desta forma, as semelhanças e diferenças entre os religiosos são indicativos da reapropriação de Las Casas e de suas intenções na composição de uma narrativa favorável aos indígenas.

5.2 A QUINTA PARTE DA BOA E ORDENADA REPÚBLICA

Las Casas partira para esta longa discussão da boa e ordenada república, buscando também uma série de referências a partir dos antigos para discutir tal tema. O objetivo principal seria demonstrar a existência de um conhecimento inato de Deus, como também descrever diversas práticas idólatras gerais. “...*todos los hombres pueden conocer a Dios en una primera aproximación por la sola luz de su entendimiento. Este conocimiento natural es para Las Casas el fundamento de la fe, pues ésta recibe para acrecentar este conocer natural, pero, de ello ya nos ocuparemos convenientemente...*” (QUERALTÓ MORENO, 1976, p. 132-133). Todos os homens, por bárbaros que fossem, teriam, pela luz natural, um conhecimento de Deus. O fundamento desta tese consistiria em que, originalmente, as almas foram dotadas de uma luz de inteligência suficiente como um estímulo para alcançá-Lo. Trata-se, sem dúvida, de um conhecimento que é, na verdade, um sentimento da existência de Deus e de sua necessidade, na lógica lascasiana.

Os indígenas faziam o mesmo que os povos antigos que inicialmente resistiram às primeiras catequizações, mas que depois se tornaram cristãos. Para Las Casas todos os homens seriam naturalmente religiosos, mas quando lhes faltava a graça e a doutrina, a adoração que naturalmente se tributava a Deus (chamada latria) praticavam a idolatria⁴⁴. Reis realizou as seguintes definições que nos auxiliam neste momento:

Desse modo, o padre dominicano desenvolveu um raciocínio lógico e elaborou sua teoria para compreender a idolatria. O primeiro passo foi dado ao reconhecer que a alma é dotada de três potências: racional, concupiscível e irascível. Ou seja, o homem é

⁴⁴“...*la idolatría, supuesta la corrupción de la naturaleza humana sin tener guía de doctrina o de gracia de Dios, es natural, porque aquello que todas las gentes o la mayor parte dellas sin ser enseñadas usan y hacen...*” (LAS CASAS, 1992, p. 644).

dotado de razão, de um desejo e colocá-lo a serviço da própria razão. Se seguirmos esse raciocínio, temos de aceitar que a razão, necessariamente, não pode permanecer sem ter uma opinião (desejar algo) ou crença qualquer, seja falsa ou verdadeira. (REIS, 2007, p. 129-130)

Assim o fenômeno da crença – que é o que importa a Las Casas – pode ser localizado e analisado de forma lógica. Se potência da razão encontra Deus e o conhecimento da Verdade, as demais potências são ajustadas e contribuem para reforçar o conhecimento. Isso é o que Las Casas denominaria *latria*. Se, pelo contrário, a potência da razão se perde – por conta da ignorância ou corrupção – e dirige-se a outros “objetos” que não Deus (para onde ela estava naturalmente orientada), as demais potências se embaralham e se desviam dos caminhos, levando à perdição e às confusões. Isso é o que Las Casas conceitua como *idolatria* (...) Com esse resultado bipartido, o bispo de Chiapas consegue explicar logicamente sua tese inicial de que a religião, ou melhor, o sentimento religioso, é um fato universal e perpétuo. Todos acreditam ou já acreditaram em algo, em virtude dessa conformação natural da alma. Por um pensamento lógico que busca as causas e analogias (em especial com o mundo antigo), Las Casas conclui que a separação entre idolatria e *latria* na direção e no objeto de veneração, mas que seus mecanismos são os mesmos. O indígena é idólatra porque é ignorante, mas esse não é seu estado natural (e aqui reside parte do argumento que Las Casas usou no Debate de Valladolid, em 1550-1551), contra as proposições de Juan Ginés de Sepúlveda). A idolatria é o resultado dessa ignorância e não o contrário, ponto esse que ele concorda integralmente com Motolinía (ibid., p. 130).

Certamente, o que poderia ser feito no Novo Mundo seria mais fácil do que com os antigos porque, quase sempre, a idolatria deles superava a dos indígenas. Seria uma expressão natural, ainda que desencaminhada, da religiosidade humana. Sua origem também estaria na natureza, e não, por exemplo, na intervenção do demônio. Contudo o que poderia acontecer seria este tirar proveito, tanto para impedir que o homem acabasse por reconhecer a assistência do verdadeiro Deus, quanto para satisfazer a ânsia dos espíritos malignos de serem adorados. Esta intervenção consistiria, por exemplo, em se passar por deuses. Em relação a este ponto, não realizava uma interpretação tão diferente em relação a Motolinía, as diferenças estariam no grau dessa participação.

Estabelecida assim a índole natural e não sobrenatural ou demoníaca da idolatria, Las Casas avançava em mais demonstrações para seu argumento de defesa. Satanás, assim como no restante do mundo, tivera participação nos acontecimentos ocorridos no Novo Mundo como: no hábito de comer carne humana, nos feitiços e nas mensagens falsas dos oráculos. Acreditava na existência desses diversos artifícios, mas ressaltava a importância da divina providência, sempre acima do poder diabólico.

5.2.1 DEUSES, TEMPLOS, SACERDOTES

Las Casas iniciou suas descrições sobre a quinta parte da boa e ordenada república destacando os deuses dos indígenas. Comentou sobre o vulcão *Masaya*, na Nicarágua, nos capítulos dos 110 aos 112, e realizara um breve comentário sobre o culto a vulcões, algo que, aparentemente, não existia no Novo Mundo. Descrições mais extensas a respeito do Velho Mundo do que sobre o Novo Mundo, como uma espécie de contraponto, são muito mais comuns nestas passagens da *Apologética* do que no restante da obra, reforçando mais a idolatria dos antigos.

Desta forma, o dominicano também destacou a veneração de outros deuses na Antigüidade, tendo como um de seus exemplos o sacrifício de virgens da deusa Vesta. No capítulo 120, citou o culto direcionado aos deuses da Ilha Hispaniola, como também de outras ilhas: “...*en lo cual su grosísima ceguedad se ha bien mostrada, tiempo es de aquí adelante dar noticia de los dioses que aquestas nuestras indianas gentes o que de aquellos antiguos idólatras recibieron y heredaron...* [sobre Ilha Hispaniola, Cuba, Jamaica]” (LAS CASAS, 1992, p. 869). Las Casas reitera que muitas das idolatrias cometidas pelos indígenas teriam sua origem no próprio paganismo do Velho Mundo. Desta maneira, fazia uma importante ligação entre os dois universos, ou seja, todos teriam um passado pagão em comum. Prosseguindo nessas considerações, frisara que a quantidade de ídolos não era tanta, assim como também recorda que o demônio tinha sua influência naqueles atos.

No tenían ídolos, sino raros, y éstos no para los adorar por dioses, sino por imaginación que les ponían por sus ministros el demonio...” (LAS CASAS, 1992, p. 869).

La gente desta isla Española tenía cierta fe y conocimiento de un verdadero y solo Dios, el cual era inmortal e invisible, que ninguno lo puede ver...” (ibid., pp. 869-870).

Para esta descrição sobre os deuses dos indígenas, o autor também realizara um recorte geográfico: no capítulo 120, as ilhas e especialmente a Hispaniola; nos capítulos 121-122, as regiões da Nova Espanha e especialmente os deuses dos mexicanos; capítulo 123, os deuses dos maias; no capítulo 124 Guatemala, Nicarágua, Honduras, Jalisco, Colima, Culiacán, Cíbola, Rio Grande e Florida, Paria, Brasil e Rio da Prata; no capítulo 125, América Central, Nova Granada e Venezuela; capítulo 126, os deuses no Peru. Considerava também que os habitantes das outras

províncias e regiões das Índias Ocidentais, mesmo não ainda explorados, deveriam ter religiões semelhantes às aquelas (O'GORMAN, 1967, p. XLVI).

Como foi dito anteriormente, o uso do texto de Motolinía, assim como as restantes, fora imprescindível nessas passagens da *Apologética*, fundamentalmente aquelas referentes à Nova Espanha. Las Casas afirmava que, anteriormente, acreditavam num Deus único, mas depois passaram a acreditar em vários deuses⁴⁵, algo que também não seria uma exclusividade daquelas gentes, já que o politeísmo era praticado por gregos e romanos.

Las Casas fiou-se nas informações contidas no texto do franciscano, só que dispensara a consideração sobre aqueles que permaneciam idólatras após as conversões. São essas omissões as características mais fortes sobre o manuseio do dominicano a respeito da obra do outro religioso. É importante também recordar que ambos tinham objetivos distintos na redação de cada obra, além de Las Casas realizar uma discussão mais teórica sobre a idolatria, enquanto Motolinía estava preocupado em mostrar o grau de idolatria em que estavam os indígenas, no intuito de reforçar que as catequizações deveriam ser mais persuasivas para que não retornassem a praticar tais atos, como o sacrifício humano. Devido a isto, a frequência de referências sobre o demônio era incisiva:

Dios manda a este propósito en el Deuteronomio, capítulo 7 y 12, y en otras partes de la Escritura; y esta caritativa diligencia fue bien menester, así para estorbar que la gloria y honra que a Dios sólo pertenece, no se diese al demonio y a sus ídolos, cómo para guarecer a muchos del sacrificio cruel y homicidio, que muchos morían, o en los montes o de noche, o por otras vías y maneras, porque en esta costumbre estaban muy encarnizados, que ya que no mataban y sacrificaban como solían, todavía, instigándoles el demonio, buscaban tiempo y lugar de sacrificar, porque según presto se dirá, los sacrificios y crueldades de esta gente y tierra sobrepujaron a todas las del mundo, según leemos y las que aquí se explicarán (MOTOLINÍA, 1971, p. 42-43).

⁴⁵ “Y primero que descendamos a la multitud de los dioses, se ha de saber que antes que el capital enemigo de los hombres y usurpador de la reverencia que a la verdadera deidad es debida corrompiese los corazones humanos, en muchas partes de la tierra firme tenían cognoscimiento particular del verdadero Dios, teniendo creencia que había criado el mundo y era Señor dél y lo gobernaba, y a él acudían con sus sacrificios y cultu y veneración y con sus necesidades. Y en las provincias del Perú le llamaban Viracocha, que quiere decir Criador y Hacedor y Señor y Dios de todo. En las provincias de Vera Paz, que es cerca de la de Guatimala, así lo han hallado y entendido los religiosos y tiene noticia lo mismo haber sido en la Nueva España. Pero los tiempos andando, faltando gracia y doctrina y añadiendo los hombres pecados a pecados, por justo juicio de Dios fueron aquellas gentes dejadas ir por los caminos errados que el demonio les mostraba, como acaeció a toda la masa del linaje humano, poquitos sacadas – como arriba en algunos capítulos se ha declarado –, de donde nació el engaño de admitir la multitud de los dioses” (ibid., p. 874).

Lúcifer influenciava a idolatria indígena segundo Las Casas, mas suas considerações sobre a divina providência são tão freqüentes que o tornam pouco relevante no que se refere a atitude desses atos. Aliás, o dominicano sempre ressalta que haveria muitos atos nobres em tais práticas como, cultuar um deus que não desejava como oferenda sacrifícios humanos e que, por incrível que pareça, os defendia do próprio demônio, o qual também tinham um conhecimento confuso⁴⁶.

Prosseguindo nesses mesmos exercícios de aproximação entre universos indígena e europeu, Las Casas destacou alguns deuses em Yucatán, incluindo um que se dividia em Pai, Filho e Espírito Santo. Esta característica era muito relevante nas suas argumentações de equivalência entre ambos mundos, assim como quando comentou, mesmo que discretamente, sobre a grande terra do Brasil, ao citar as suposições de que o apóstolo Tomé havia peregrinado pelo continente: “...*Así lo escriben los religiosos de la Compañía de Jesús, que fueron a predicar y predicar en aquella parte, y deste nombre Tupana usan para darles cognocimiento del verdadero Dios*” (LAS CASAS, 1992, p. 886), ou seja, *Tupana* talvez poderia ter sido identificado como Tomé. Esta suspeita era muito corrente nesta época, muitas vezes servia como um pretexto àqueles que afirmavam que os indígenas já haviam ouvido a palavra de Deus anteriormente, mas tinham ignorado. Todavia, quando Las Casas fizera questão de frisar tal suposição, talvez estivesse determinado a afirmar que muitas daquelas semelhanças com os ritos cristãos poderiam ter vindo a partir deste contato com Tomé. Ou seja, já teria havido um primeiro momento - mesmo que incompleto - de cristianização. Se eles já teriam assimilado alguns ensinamentos cristãos no passado, a segunda etapa poderia ter mais sucesso em relação à primeira.

Segundo o frade, não lhes faltava conhecimento de Deus, que é natural a todos os homens, e tinham menos erros na sua idolatria que os antigos. Mostravam mais razão, discrição e honestidade na eleição dos deuses, e menos dificuldade na conversão à fé cristã do que outros

⁴⁶ “*La causa de tenella en gran estima y serle muy devotos y servidores era porque no quería sacrificio de muertes de hombres, antes lo aborrecía y prohibía. Los sacrificios que ella amaba y de que se agradaba y les pedía y mandaba ofrecer eran tórtolas y pájaros y conejos, los cuales le degollaban delante. Teníanla por abogada ante el gran dios, porque les decía que le hablaba y rogaba por ellos. Tenían gran esperanza en ella, que por su intercesión les había de enviar el sol a su hijo, para librarlos de aquella dura servidumbre que los otros dioses les pedían de sacrificarles hombres, porque lo tenían por gran tormento y solamente lo hacían por el gran temor que tenían al demonio, por las amenazas que les hacía y daños que dél recibían. A esta diosa trataban con gran reverencia y reverenciaban sus respuestas como de oráculo divino, y más que otros señalado, los sumos pontífices o papas y todos los sacerdotes*” (ibid., p. 876).

povos. Avantajavam-se em relação às nações gentias do passado, e não se podia afirmar que eram menos prudentes e racionais.

Las Casas comparara o momento em que vivia, ou seja, o da expansão cristã no Novo Mundo, com a da Antigüidade tardia, além de também supor uma possível presença anterior da predicação evangélica naquele continente. A presença cristã na América deveria se estender e se consolidar da mesma forma como na Europa pagã. Os indígenas tinham diversas qualidades frente aos povos antigos, e por sua vez se inseririam no mundo cristão ao abandonar as práticas pagãs, sem o uso da conquista violenta.

Sobre os templos, Las Casas ressalta as grandiosidades das construções⁴⁷. Novamente utilizara informações dos escritos de Motolinía⁴⁸, mais especificamente aqueles encontrados no México. Não mostravam inferioridade em relação aos antigos, como também revelavam superioridade sobre muitas daquelas nações.

Las Casas reproduzira também uma passagem sobre um templo construído pelos religiosos de São Francisco, cuja cruz fora atingida pelos raios durante três vezes. O motivo seria devido aos ídolos enterrados que, após a sua retirada, não ocasionaram novamente a vinda desses raios. O diabo teria participação direta nesses atos, mas o dominicano fizera questão de ressaltar a permissão de Deus para que esses fatos ocorressem⁴⁹. É importante notar como Las Casas

⁴⁷ “En los más de aquellos grandes patios había un otro templo que, después de levantada aquella cepa o torre, sacaban una pared redonda y alta y cubierta con su chapitel, y éste era el templo del dios del aire que –según algunos dicen– llamaban Quetzalcóatl. Y éste es aquel amado y reverenciado dios de la ciudad de Cholula, de que en el capítulo [122] largo hablamos. Destos templos del aire había muchos allí en Cholula y Tlascala y Guaxocingo. La razón por qué hacían estos redondos, arriba, en el capítulo [51] declaramos”(ibid., p. 913). Um certo comentário de Motolinía fora dispensado pelo bispo: “Los de Chololla comenzaron uno extremadísimo de grande, que sólo la cepa (...) Éstos quisieron hacer otra locura semejante a los edificadores de la torre de Babilonia...” (MOTOLINÍA, 1971, p. 84).

⁴⁸ O dominicano utilizara dois capítulos atualmente encontrados nos *Memoriales*. Novamente o modo como o conteúdo é enunciado já chama atenção: “Cap. 30 – De la forma y manera que en esta tierra fueron los templos del demonio” (ibid., p. 83). “Cap. 31 – De la muchedumbre y diversidad de los teucates y en especial de uno de Cholulla” (ibid., p. 86).

⁴⁹ “En lo alto deste edificio estaba un templo viejo, pequeño, el cual desbarataron los religiosos de Sanct Francisco que en la ciudad misma de Cholula tienen casa, en cuyo lugar pusieron una bien alta cruz. Y cuentan una cosa no indigna de considerar, que conviene a saber: que, puesta la cruz, el demonio de rabia que destruyese aquel templo, donde debía algo ganar, tomó (cómo es de creer, permitiéndoselo Dios o por voluntad de Dios, que no quería que allí estuviese su cruz por lo que se dirá), fulminó un rayo y hizo pedazos de la cruz; aquélla quebrada, pusieron otra y cayó otro rayo y asimismo la quebró; pusieron la tercera y lo mismo acaeció. Y esto fue el año de mil y quinientos y treinta y cinco. Cosa, cierto, bien de notar. Los religiosos, desto espantados, cavarán tres buenos estados, donde hallaron algunos ídolos enterrados y otras cosas allí ofrecidas a los ídolos o al demonio, con las cuales avergonzaban después a los indios diciéndoles que, porque se descubriesen aquéllas sus idolatrías, permitía Dios que cayesen aquellos rayos. Finalmente, puesta otra cruz, permaneció” (LAS CASAS, 1992, p. 914). “...Andan en él como conejos y hartas víboras; en lo alto de este edificio estaba un teucal viejo pequeño, y desbaratándole los frailes, y pusieron en su lugar una alta cruz, que un rayo quebró, y puesta otra y otra tercera, acaeció lo mismo, que

constrói seus argumentos, com considerações diferentes em relação a Motolinía, descrições semelhantes com adjetivos distintos:

Porque todas aquellas gentes de todas aquellas provincias eran en gran manera, en sus ritos y religión supersticiosa, religiosísimas. Lo mismo eran los del reino de Guatemala y de las provincias de Honduras, donde hobo harta devoción a los que tenían por dioses (ibid., p. 915).

Mientras más miro y me acuerdo la muchedumbre y grandeza de los templos que el demonio en esta tierra tenía, y el señorío e idolatrías que le hacían y gran servicio, me pone más espanto y admiración, porque bien mirado no se contentó de ser adorado como dios sobre la tierra, pero también se mostraba ser señor de los elementos pues en todos cuatro les ofrecían sacrificios (MOTOLINÍA, p. 85-86).

Las Casas prosseguia na sua descrição da quinta parte da república, agora ressaltando os sacerdotes do “*orbe indiano*”. Notava que existiam sacerdotisas, assim como casas semelhantes a monastérios. Destacou também a administração que havia na Nova Espanha e Peru para a manutenção de templos e ministros, fazendo comparações entre os sacerdotes indígenas em relação aos sacerdotes antigos, além de destacar o interessante calendário mexica, sinal de uma capacidade indígena que deveria ser destacada tanto pela complexidade intelectual ali aplicada, quanto pela sua semelhança com o mundo cristão. Ou seja, eles também tinham um calendário⁵⁰.

O religioso sempre faz questão de ressaltar as semelhanças estruturais daqueles grupos religiosos com aqueles encontrados no mundo cristão. Um ordenamento em comum que demonstrava que havia uma organização social tornava aqueles reinos equivalentes aos europeus. Foram também informações encontradas nos escritos de Motolinía, e novamente o papel do

yo fui presente a la tercera, que moraba en aquella casa, y fue el año pasado de mil quinientos y treinta y cinco, por lo cual desbaratamos de lo alto y cavamos de tres estados, o do hallamos algunos ídolos pequeños, y otras cosas allí ofrecidas al demonio, y por ello confundíamos a los indios, diciéndoles que por aquellas idolatrías eviaba Dios sus rayos...” (MOTOLINÍA, 1971, pp. 84-85)

⁵⁰ Há outras referências sobre o calendário dos mexicas no capítulo 142 da Apologética, também encontrados nos textos de Motolinía: “*Del tiempo y movimiento de las cosas variables del año, mes, semana, &c, e cómo comienzan el año unas naciones diferentes de otras. De los hombres de la semana y de los nombres [de los] meses y días [y] de los años, de en cuatro en cuatro años y de trece, y de cincuenta y dos en cincuenta y dos, y de la cerimonia y fiesta que hacían en fin de los cincuenta y dos años*” (ibid., p. 43). O texto de Motolinía é muito mais descritivo, comparando o calendário mexica ao dos judeus, romanos e cristãos. Las Casas expõe brevemente as mesmas informações: “*Ya se dijo también arriba, en el fin de capítulo [138], cómo la muerte de alguno de los capellanes Del templo era entrellos señal de muchos infortunios aquel año. De creer es que tenían otros infinitos modos de agorerías y supersticiosa señales con que los sacerdotes y profetas o adivinos y maestros de aquel oficio, y así en los negocios de las repúblicas y que a toda comunidad tocaban como en los de las personas particulares, denunciaban, profetizaban, adivinaban e interpretaban*” (LAS CASAS, 1992, p. 966). E, o dominicano também usa uma consideração do franciscano. “*...declararse el calendario o tabla de la estrella Esper, y en lengua de indios uei[ci]tlalin o totonametl*” (ibid., p. 966)

demônio nos ritos realizados é visto por Las Casas de uma forma mais tênue. Aliás, o dominicano sempre encontra qualidades na realização, na leitura de que seriam penitência ou mortificação, mesmas características que futuramente poderiam ser utilizadas quando se tornassem cristãos⁵¹.

Ao escrever o capítulo 140 da *Apologética*, Las Casas usou o Capítulo 26 de *Memoriales*, “*De cómo guardaban las cabezas de los tomados en guerra, y de como se pintaban para bailar y para salir a la guerra, y de las mujeres prometidas o que hacían voto, y del servicio que hacían a los ídolos en los templos...*” (ibid., p. 74). O dominicano nem cita o hábito de cortar cabeças, dando maior atenção às supostas monjas, que por sua vez também não estariam isentas da constante presença de Satanás⁵².

Las Casas procurava omitir a palavra demônio, apesar de também acreditar na sua influência, construindo uma narrativa voltada para as qualidades da vida em monastério. Certamente, essas características eram próximas àquelas encontradas nos mosteiros do Velho Mundo como os votos de pobreza, obediência e castidade. Essas, perfeitamente, poderiam entrar em alguma ordem religiosa feminina cristã, a partir do momento em que compreendessem a

⁵¹ “*Su ocupación era estar siempre velando las noches, cantando a sus dioses diversos cantares; debían ser, por ventura, sus alabanzas y hazañas que habían hecho, si eran las figuras de hombres. Para velar las noches repartíanse de dos en dos y así velaban una noche dos y dormían los otros dos, y la otra noche, los que habían dormido; velaban toda la noche, sin dormir sueño alguno; de ciertas en ciertas horas ofrecían sacrificios de sí mismos, como abajo se dirá. Éstos eran dignos, por estos ayunos y vigílias y penitencia en que vivían, que les apareciese el demonio o ellos lo fingían, y decían al pueblo lo que el demonio les decía o lo que ellos invetaban, diciendo que lo mandaban los dioses. Lo que afirmaban que vían comúnmente una cabeza era con largos cabellos. “Y es bien que aquí digamos, porque munchas veces se há tocado arriba de que vían estas gentes al demonio o los sacerdotes se jataban dello, de que los españoles por falta de saber las cosas antiguas hacen mucho espanto y siempre lo dicen para infamia destas naciones, que entre los gentiles antiguos era cosa comunísima y a cada paso aparecerles los demonios en los templos, y aquéstos eran los oráculos – como arriba largamente se ha visto –, porque por esta vía e industria los tenía el demonio más ciertos por suyos y más atraillados”* (ibid., p. 950) “...Tenían el demonio em ciertos pueblos y parroquias de la provincia de Tehuacan, capellares perpetuos, que siempre velaban y se ocupaban en oraciones, ayunos e sacrificios...” (MOTOLINÍA: 1971, p. 72). “*Velaban una noche los dos, y dormían los otros dos; y la otra noche los que habían dormido, velaban toda la noche en peso, sin dormir sueño ninguno. Ocupándose cantando al demonio muchos cantares, y a tiempos sacrificándose sangre de diversas partes del cuerpo, que ofrecían al demonio (...)* A éstos les parecía muchas veces el demonio, o ellos lo fingían y decían al pueblo lo que el demonio les decía, o a ellos se les antojaba, y lo que querían y mandaban los dioses y lo que más veces decían que veían era una cabeza con largos cabellos...” (ibid., p. 73).

⁵² “*A las espaldas de los principales templos había una sala a su parte de mujeres, y no cerradas (...) pero honestas y muy guardadas...*” (ibid., p. 74).

“*Si alguna cometía algún pecado de la carne secretamente, tenían que sus carnes se habían de podreecer, y hacían penitencia porque el demonio encubriese su pecado, y no fuese disfamada. En algunas fiestas bailaban por sí ante los ídolos. A éstos los españoles llamaban ‘monjas’*” (ibid., p. 75).

existência do verdadeiro Deus. A fé não era a mesma ainda, mas as práticas já seriam semelhantes⁵³.

Novamente Lúcifer tem muito mais papel de destaque naquelas descrições de sobre os sacerdotes indígenas ao se passarem por aqueles ídolos⁵⁴. O dominicano preferia destacar a excelente burocracia sacerdotal que havia, algo que futuramente também poderia ser transformado numa organização eclesiástica católica devido as semelhanças⁵⁵, mesmo fazendo suas ressalvas quando estes cultos estavam muito arraigados.). De um modo geral, a religião cristã tinha uma capacidade muito forte de se adaptar, e por sua vez algo que não justificava um domínio político que tornasse os indígenas servos por natureza. Na *Historia de las Indias* Las Casas realizara uma constatação interessantes sobre esta sua opinião, (LAS CASAS, 1967, vol. III, p. 343).

5.2.2 SACRIFÍCIOS

Os sacrifícios humanos eram um dos principais exemplos utilizados pelos defensores do princípio de guerra justa, ou somente de uma conversão mais persuasiva.

⁵³ “Había asimismo en la Nueva Espana outro gênero de ministros, sin los dichos, y éstos eran mujeres monjas y sacerdotisas, que tenían sus aposentos a las espaldas de los principales templos, en una sala grande, no cerrada, porque nunca los indios usaron puertas, al menos en muchas partes destas Indias. Y esto es señal de su común vivir en pobreza y de su fidelidad general, que era causa de haber pocos ladrones entre ellos. Éstas no parece que eran ordinarias, puestas de propósito perpetuas, sino las que hacían votos y por su devoción se ofrecían a servir en los templos. Unas prometían de estar un año en aquel lugar o monasterio; algunas, dos; otras, más; según lo que cada una quería. Y hacían estos votos por diversas causas: o porque estaban enfermas y porque los dioses les diesen salud o porque les diesen buen marido y hijos, y por otras quizá que no han llegado a nuestra noticia. Todas estas eran vírgenes por la mayor parte, puesto que también había entre ellas viejas que por su devoción querían servir a los dioses en aquel estado toda su vida. Había entre todas ciertas viejas que de dentro las velaban y guardaban, y de fuera viejos muy honrados que eran también sus guardas. Eran de todos muy estimadas y reverenciadas por estar en aquel monasterio y recogimiento, en servicio de los dioses, y por la religiosa y honesta y devota vida que hacían” (LAS CASAS: 1992, p. 956) “Pretendían estas mujeres diversos fines de su entrada y vivienda en aquella religión; algunas, por ser buenas y virtuosas, porque les parecía naturalmente ser digna de amarse y proseguirse la virtud; otras, por ser ricas; otras, porque los dioses les diesen larga vida, y otras, como dejamos, movidas por su devoción. Si alguna cometía pecado alguno secreto en violación de la castidad temía que sus carnes habían de podrearse, por lo cual hacía gran penitencia porque los dioses le encubriesen su pecado y no fuese disfamada; pero si era público, averiguada la verdad, mataban a entrambos” (ibid., p. 957).

⁵⁴ “No se contentaba, el demonio, enemigo antiguo, con el servicio que éstos le hacían en los ídolos, adorándole cuasi en todas las criaturas visibles y haciéndole de ellas ídolos...” (MOTOLINÍA, 1971, p. 152).

⁵⁵ “Con algunas naciones se igualaron y a otras sobrepujaron éstas en la distinción y grados que habemos arriba nombrado que tenían, como sumo sacerdote y obispo y dignidades y otros sacerdotes y ministros inferiores; porque no se lee de munchas que tuviesen tantos ni tales grados, y éstas fue con otras nuestra España” (LAS CASAS, 1992, p. 964).

“...Se a análise feita por Las Casas sobre o conceito de bárbaro em Aristóteles pôde surpreender Sepúlveda, este, por sua vez, pôde insistir na condição de barbárie dos índios, com dois argumentos poderosos: idolatria e os sacrifícios humanos, que em sua opinião, justificavam de longe, as guerras de conquista. A guerra foi o outro ponto de confronto entre os debatedores...” (BRUIT, 1994, p. 132).

Certamente Motolinía estava mais voltado para uma catequese mais forte, frisando o papel do demônio e gravidade daqueles atos justamente para ressaltar a necessidade de conversões mais urgentes e obrigatórias. A permanência de tais práticas poderia demonstrar que o projeto cristão para o continente não estava completo, e se continuasse a persistir desta forma, revelar-se-ia um fracasso.

Las Casas nunca defendeu cristianizações à força. Sempre especificou sua concepção de catequização pacífica – mesmo que esta tivesse se revelado um fracasso quando fora realizada na *Tierra Firme* – mas ainda afirmava que a propagação da fé poderia ser mais persuasiva no sentido de atrair mais o interesse dos gentios⁵⁶, que por sua vez iria justificar o domínio político dos reis de Castela. Portanto, seu discurso de defesa prosseguia na *Apologética*, discordando das interpretações tanto de Sepúlveda, quanto de Motolinía, seu grande “colaborador”.

O bispo de Chiapas lembrou que a razão humana, a princípio, mandaria oferecer sacrifícios a Deus: “...es de suponer que aunque ofrecer sacrificio a dios sea de ley natural, pero las cosas en qué se deba ofrecer no es de ley natural, sino déjase a la determinación de los hombres de toda la comunidad o de aquél que la rige...” (LAS CASAS, 1992, p. 969), utilizando como exemplo os antigos, e várias características desses rituais durante vinte e três capítulos.

Antes de iniciar seus comentários sobre esta prática polêmica encontrada nas Índias de Castela, o dominicano fez considerações gerais sobre as oferendas e os sacrifícios realizados às divindades. Estes seriam práticas de lei natural, porque a razão a mandaria, sendo que o homem teria conhecimento natural de Deus e sabia, conseqüentemente, que deveria oferecer o que estimava mais, já que a Ele se devia tudo. Avançando em seu conhecimento sobre os hábitos indígenas e a especificidade de suas culturas, Las Casas recupera a tradição por ele conhecida de que não seria de lei natural, mas sim de lei positiva e de costume, a determinação do que deveria se oferecer.

⁵⁶ O dominicano faz menção a essa sua opinião na obra *De unico vocationis modo*: “Única, sola e idéntica para todo el mundo y para todos los tiempos fue la norma establecida por la divina Providencia para enseñar a los hombres la verdadera religión, a saber: persuasiva del entendimiento con razones y suavemente atractiva y exhortativa de la voluntad. Y debe ser común a todos los hombres del mundo, sin discriminación alguna de sectas, errores o costumbres depravadas” (id., *De Único Vocationis Modo*, 1992, p. 17).

Os sacrifícios, em sua origem natural, eram mais simples. Porém, pouco a pouco, e também devido à participação do diabo, introduziu-se o derramamento de sangue. “...*Dos maneras tenían los demonios de persuadir en los oráculos a las gentes que les matasen y sacrificasen hombres, una, prometiendo bienes y que les tenían propicios, y otra, para excusar los males que a los pueblos procuraban...*” (ibid., p. 1123). Entre os capítulos 145 e 165 há uma extensa dissertação sobre os sacrifícios, ritos e cerimônias que praticaram os povos antigos. Dedicando especial atenção aos sacrifícios humanos, tivera o intuito de ressaltar que seriam práticas antigas e quase universais. Advertia também que até os judeus teriam recorrido a ela, apesar de conhecerem o verdadeiro Deus. (O’GORMAN, 1967, p. XLVII)

A partir do capítulo 166, iniciou a discussão sobre os sacrifícios realizados no Novo Mundo, com uma ampla dissertação também sobre seus rituais. Prosseguiu com aquele mesmo método de realizar um recorte geográfico para analisar cada caso. Iniciara pela Ilha Hispaniola, afirmando o princípio de que ao menor grau de religiosidade e idolatria, menor o aparato de cerimônias e sacrifícios. Devido a isto que tanto naquela ilha, quanto nas outras ilhas ao redor os sacrifícios eram poucos e nunca de homens (capítulos 166-168). Na Hispaniola, por exemplo, restringiam-se basicamente às frutas, além de seus ídolos serem poucos.

Nova Espanha era o maior palco dos sacrifícios humanos, e por sua vez a maior parte das informações recolhidas pelo dominicano encontrava-se nas descrições de Motolinía sobre aquelas regiões. Portanto, Las Casas precisava definir sua interpretação a respeito dessas práticas indígenas, buscando justificativas, que mantivessem aquelas terras ainda como um grande exemplo de ordenada república, apesar dos sacrifícios existentes. Como era o tema mais delicado sobre a idolatria indígena, as comparações entre os trechos dos dois religiosos sobre tal discussão demonstram-nos as maiores divergências de pensamento de ambos.

Las Casas transcreveu as descrições do texto de Motolinía, mas sempre justificava todas as atitudes, como também não deixou de omitir alguns detalhes. A constatação freqüente realizada pelo franciscano era a idéia de que seriam “festas demoníacas”⁵⁷, associação que não ocorria na narrativa lascasiana, que por sua vez encontrava naquelas práticas semelhanças com as

⁵⁷ Um dos capítulos dos *Memoriales* utilizado por Las Casas é o “*De muchas y diversas fiestas que en esta tierra tenían, en las cuales se declara muchas idolatrías, y cómo para las destruir estuvo en nuestro favor el sol y la luna, esto es, Christo, sol de justicia y su muy preciosa madre y Señora Nuestra*” (MOTOLINÍA: 1971, p. 38), considerada “...una fiesta al demonio...” (ibid., p. 39).

penitências e mortificações da religião cristã⁵⁸. Portanto, tamanha devoção seria reutilizada após as conversões, eram exemplos fortes do conhecimento inato e mesmo confuso de Deus. Quando o Satanás aparece, sempre o dominicano faz suas ressalvas de que estaria agindo sob a obediência da divina providência, mas nunca como um mentor direto daqueles atos, ao contrário das interpretações de Motolinía⁵⁹.

Dentre outros exemplos, há o capítulo “*De muy grandes crueldades e nunca oídas, que hacían en las fiestas del dios del fuego*”⁶⁰ (MOTOLINÍA, 1967, p. 64), cujas informações também se encontram na *Apologética*. Las Casas reproduz as mesmas descrições, mas não usa termos como crueldades. Aliás, afirmara que havia locais em que isso era maior, que por sua vez seria um centro de devoção, da mesma forma como Roma. O dominicano expunha outra semelhança com o Velho Mundo, ou seja, de que também concebiam a importância de uma hierarquia centralizada num determinado local para propagação da fé, assim como para realização de indulgências⁶¹.

Las Casas trabalhou com as informações sobre as festas de *Tlaxcala* ao deus *Camaxtle*. O capítulo de *Memoriales* que Las Casas utilizou tem um título característico das interpretações da Motolinía: “*De una gran fista que hacían en Tlaxcalla, de muchas ceremonias*

⁵⁸ “Fue tanta y tal la religión y el cielo della y devoción a sus dioses, y con tanta observancia y tan rigurosa, celebrada y conservada con ritos y sacrificios tales y tan costosos y ásperos, aunque con summa alegría y promptísima voluntad ejecutados y complidos, sin que hobiese, por mínima que fuese, alguna falta, la que hobo en la Nueva España que consideralla es cosa para espantar y también para poner temor a los que somos christianos, quando no agradeceriéremos a Dios habernos benignamente dado religión y ley tan suave y sacrificio tan sin costa, tan fácil, tan digno, sancto, puro, limpio y deleitable, con cuya cotidiana y ligera oblación cada hora se nos aplaca y por los méritos del cordero sin mácula que le sacrificamos nos concede remisión de nuestros grandes pecados...” (LAS CASAS, 1992, p. 1162).

⁵⁹ No capítulo “*Cómo los señores y principales salían una vez en el año a los montes a cazar cuantas cosas podían, para allá los sacrificar al demonio*”, Motolinía afirmou como um de seus muito exemplos que “...salían los señores y principales, y los tlanamacaque o verdugos del demonio al campo para sacrificar en los templos del demonio que había en los montes: en todas partes trabaja el demonio que óbviese su cultu y servicio...” (MOTOLINÍA, 1971, p. 69).

⁶⁰ “...el día de la fista por la mañana tomaban algunos esclavos y otros cautivos que tenían de guerra, y traíanlos atados de pies y manos, y echábanlos en un gran fuego que para esta crueldad tenían aparejado; y no bien acabado de quemar, sacábanlo del fuego no por piedad que de él habían, más por darle otros dos tormentos o muertes, que luego se seguía la segunda, que era sacrificarlos, sacándoles los corazones, y a la tarde echaban en palo en tierra, y trabajaban mucho por haber parte de aquel ídolo...” (ibid., p. 64).

⁶¹ “Celebrábase aquesta fiesta y sacrificio del dios huego en aquel pueblo Quahutitlán de quatro en quatro años. En las provincias de Tlascala y Guaxocingo y Cholola, el principal santuario, como Roma (y eran señorías por sí, las cuales adoraban un dios por principal, como arriba quando hablábamos de los dioses se vido), hacían munchas y grandes fiestas y en ellas sacrificios muy frecuentes y muy costosos, generales y particulares, como se verá abajo” (LAS CASAS, 1992, p. 1169).

y homicídios” (ibid., p. 75). Las Casas já interpretava como: “*En ésta hacían en sacrificio una penitencia extraña y dolorosísima*” (LAS CASAS, 1992, p. 1170).

O dominicano reproduziu as mesmas descrições feitas pelo franciscano, não omitindo a existência dos sacrifícios – que por sua vez teriam um motivo para ocorrerem entre os indígenas – assim como fez outras considerações que justificam tais atos. Antes de acontecer o ritual, havia dias de vigília. Las Casas identificava-os como uma espécie de quaresma, seguida da páscoa. É importante destacar, neste caso, que Las Casas realiza uma aproximação entre o seu universo conhecido (o cristão) com o desconhecido (indígena). Esta operação pode ser lida por pelo menos dois ângulos: o primeiro e mais imediato, por uma analogia que ele realiza entre suas referências; o segundo, ao promover os rituais indígenas como semelhantes aos cristãos, ele justifica a aproximação deste com a tradição cristã, e portanto, sendo mais um ponto de defesa dos indígenas.

As festas da cidade de *Cholulla* ao deus *Quetzalcóatl*⁶² também foram reproduzidas pelo bispo. Nestas passagens, há menções sobre crueldades, que também não foram totalmente anuladas pela sua narrativa ao descrever como torturavam aqueles que adormeciam durante as vigílias, assim como as amputações (ibid., p. 1169). Mesmo assim, havia qualidades em tamanha devoção para que tomassem tais atitudes, e não por isso teriam maiores pecados do que os próprios espanhóis.

Las Casas seguia com o mesmo tema discorrendo sobre o restante das cidades da Nova Espanha, tendo como fonte quase que exclusiva os escritos de Motolinía. Enquanto o franciscano insistia com termos como “homicídios”, Las Casas usava bastante “penitências”. O sacrifício humano certamente era a maior blasfêmia encontrada no mundo indígena. Mas Las Casas expunha seus argumentos para defendê-los, ao invés de evitar discutir tal tema. Escrevera sobre algumas cerimônias especiais de culto a alguns deuses. Esta descrição compreendia Tlaxcala, Cholula, os totonacas e a províncias de Guatemala, a América Central, Nova Granada, Trinidad, Brasil e Rio da Prata (capítulos 175-181). Ao final, tratou do Peru, recordando a distinção que já havia feito de duas épocas distintas; a primeira, anterior aos domínios dos Incas;

⁶² O capítulo utilizado pelo bispo foi “*De la fiesta principal que hacían lo choltecas a su demonio y del gran trabajo con que le ayunaban*” (MOTOLINÍA, 1971, p. 80). E Motolinía afirmava: “...*basta en este cruel modo de ayunar, el quebramiento y trabajo que el demonio les daba, en especial en tener los ansí sentado[s] sin tomar la necesidad del sueño, tan necesaria a vida humana*” (ibid.).

e a segunda, o tempo em que foram os soberanos. Durante a segunda época, as cerimônias, ritos e sacrifícios agravaram-se quando houve o costume de se sacrificar crianças e moças.

No intuito de defender a tese de que a existência desses sacrifícios aproximava muito mais o indígena do europeu, do que o distanciava, o frade fizera mais comparações. Citara inclusive a semelhanças do calendário com festas cristãs no que se refere ao momento em que eram realizados esses atos, uma maneira semelhante de separar os dias das celebrações, como também afirmara que muitos sacrifícios eram praticados de forma semelhante às mortificações feitas pelos cristãos durante a quaresma. (ibid., p. 1189)

Las Casas descreveu detalhes sobre os sacrifícios de escravos, que poderiam até ser seguidos de antropofagia. Como também quando pediam perdão pelos pecados e flagelavam-se como uma penitência. Após as conversões, essa mesma devoção para praticar tais atos serviria como vantagens.

Havia referências a sacrifícios humanos na Bíblia (Juízes), e de diversos animais. Descrevera também sobre a Guatemala, Honduras e Nicarágua, locais pouco documentados e sem fontes identificadas. O sacrifício, sua idéia, já seria um avanço em relação a um provável conceito inato (mesmo que confuso) de Deus. Logo, muitos povos não tinham atingido tal estágio. As nações mais religiosas seriam aquelas que ofereceram sacrifícios a Deus mais excelentes⁶³.

Las Casas dedicou os capítulos 183 e 184 a umas considerações gerais que lhe serviriam de fundamento para a conclusão sobre a idolatria. Havia três premissas: primeira, recordara que pela razão natural o homem sabia que devia fazer oferendas e sacrifícios a divindade; segunda, que no tempo antigo não havia lei positiva que obrigava os sacrifícios e, terceira; que em relação ao sentimento de estar obrigado a se sacrificar à divindade, é diferente para se julgar o ato, se o Deus é verdadeiro ou falso. Destas premissas o autor deduziu o princípio

⁶³ “...no resta para cumplir con la quinta parte quel Philótopho trae requ[er]isse a la ciudad o policía que ha de ser por sí suficiente y bien ordenada, que es el divino cultu, templos, sacricios y sacerdocio, sino cotejar y comparar los sacrificios, ritos y ceremonias de los antiguos a éstos de agora, o estos modernos a aquéllos de entonces, para que se muestre qué gentes, aquellas o estas (...) fueron en sus desvaríos más cercanas o desviadas de razón...” (ibid., p. 1215) “...las naciones que a sus dioses ofrecían en sacrificio hombres, por la misma razón, mejor concepto formaron y más noble y digna estimación tuvieron de la excelencia y deidad y merecimiento (puesto que idólatras engañados) de sus dioses y, por consiguiente, mejor consideración naturalmente y más cierto discurso y juicio de razón y mejor usaron de los actos del entendimiento que todas las otras, y a todas las dichas hicieron ventaja como más religiosas y sobre todos los del mundo se aventajaron los que por bien de sus pueblos ofrecían en sacrificios sus propios hijos...” (ibid., p. 1217).

de que o homem ou povo que oferece e sacrifica coisas de maior excelência e o faz com maior cuidado, revela ter maior entendimento, já que desse modo mostra ter um conceito mais alto e nobre de Deus e maior estimacão de o que Lhe deve. Deste princípio conclui que o sacrifício de homens revelava precisamente isso, porque é o mais precioso que pode se sacrificar. Deixa assim surpreendentemente dignificada essa espécie de sacrifícios, porém, só deste ponto de vista meramente natural, chegando ao extremo de afirmar que o mais alto grau de excelência de si mesmo e de seus filhos. A conclusão geral é que as sociedades que ordenaram sacrifícios humanos trabalharam, segundo a razão natural, com mais prudência que as que não fizeram ou a proibiram. (O’GORMAN, 1967, p. XLVIII).

No Capítulo 185, há uma comparação das práticas religiosas e sacrifícios dos povos antigos do Velho Mundo entre si, e nos seguintes (capítulos 186-187) com as nações do Novo Mundo. Para realizá-lo, o autor lançara uma larga exposição sobre o que pode se designar como o estado inicial primitivo da religiosidade em que o conhecimento e estímulo de Deus estão como potência. A tal estado pertencem muitas nações do Novo Mundo, e deveriam ser comparadas com os povos do Velho Mundo e em iguais condições (ibid., p. XLIX).

A observância religiosa para as repúblicas era muito proveitosa, e também os infortúnios e as calamidades que poderiam surgir da impiedade. O sacrifício humano era entendido como um sacrifício máximo frente a Deus. Como uma autoflagelação perante o Criador, que tinha suas vantagens frente aos sacrifícios de animais. Assim como também aquelas nações cujo culto e sacrifícios eram mais solenes teriam um conceito mais alto de seus deuses. “...dar los propios hijos para sacrificar voluntariamente era obra señalada, como ninguna cosa otras después de las propias personas sea tan cara y tan amada de los padres (...) más notable concepto (...) mejor del juicio de la razón...” (LAS CASAS, 1992, p. 1224). Desta forma os indígenas, em vários pontos, estariam teriam muito mais vantagens do que desvantagens, que por sua vez poderiam ser as piores segundo seus adversários. O bispo transformava as mesmas características em fortes qualidades.

Depois de discorrer sobre o longo e polêmico problema sobre a religião, Las Casas estendera a afirmação das vantagens dos indígenas em nove pontos: preparação de festas, diversidade de sacrifícios, a preciosidade e valor desses sacrifícios, a dor e o tormento para oferecê-los, a mortificação de devoção, a perpetuidade do fogo, a admirável honestidade, excelência e santidade, e o maior número de festas e dias solenes.

Havia justificativas muito honrosas na realização desses sacrifícios⁶⁴. A comparação se desenvolvera de acordo com nove pontos que enumerados no capítulo 188. Em termos gerais, a religiosidade dos indígenas era mais vantajosa em relação aos povos antigos do Velho Mundo, ainda que em alguns casos houvesse igualdade, ou mesmo diferenças. Sobre os sacrifícios humanos, os mexicanos eram os recordistas, mas não ofereciam seus filhos que, segundo o frade, seria também um sinal de mortificação. Os dois capítulos finais destas passagens (192-193) contêm uma comparação particular entre as nações da Nova Espanha e os gregos, sempre de acordo com os mesmos nove pontos. (O’GORMAN, 1967, p. XLIX)

No capítulo 194, o frade realizou uma breve comparação entre religiosidade dos habitantes do Peru e os povos antigos do Velho Mundo, ponderando a limpeza, honestidade, devoção e cuidado dos primeiros. O resto do capítulo se encaminha a conclusão final de que os indígenas do Novo Mundo, sem controvérsia nem dúvidas, não foram menos racionais que outras nações, e em muitas características foram superiores. (ibid., p. XLIX-L). Em todas as vantagens, a observância dos indígenas era muito mais evidente. Finalizara esta parte comentando sobre o Peru, onde também existiram as mesmas nove vantagens. (LAS CASAS, 1992, p. 1267).

* * *

Desta forma, o discurso lascasiano completou-se para posteriormente ser direcionado aos seus opositores. Contudo, podemos apontar algumas ambigüidades. Se os indígenas que praticavam sacrifícios humanos eram poucos – constatação que o frade fizera questão de frisar – logo, somente uma minoria praticava esta blasfêmia ao violar uma lei natural. Os demais, ou seja, a maioria, não chegava a esses extremos. Entretanto, havia vantagens nesses mesmos poucos indígenas pelo fato realizarem mortificações tão emblemáticas.

Las Casas era muito hábil na sua retórica, e tentar decifrar até que ponto era coerente ou incoerente é algo difícil, principalmente na *Apologética*. Sua principal intenção era a de convencer. Estava preocupado em derrubar os argumentos de seus opositores e, para tanto, usou

⁶⁴ “...las gentes de la Nueva España excedieron a todas las otras naciones del mundo en ofrecer a sus dioses sacrificios tan costosos y dolorosos y por éso más preciosos, aunque horrendos; luego también las excedieron en el concepto, estimación y cognocimiento natural de Dios, y así, en tener más desplegado y claro entendimiento y mejor juicio y discurso natural de razón...”. (LAS CASAS, 1992, p. 1248).

dos conhecimentos sobre sacrifícios humanos, que já tinha adquirido. As referências tanto européias quanto indígenas, como também possíveis distorções argumentativas, são características as quais podemos ressaltar com mais propriedade. “...*un estudio genético-comparativo de estos escritos parece llevarnos a la conclusión de que quizá fue ahí, en los dominios de la lógica y de la argumentación jurídica, donde más profunda fue la progresión de Las Casas*” (ABRIL CASTELLÓ, 1992, p. 162).

De um modo geral, ambos religiosos realizaram uma série de considerações sobre a idolatria indígena, transcrevendo-as para o universo europeu daquela época. Mesmo utilizando informações encontradas na obra de Motolinía, Las Casas interpretava de forma diferente os cultos indígenas, não considerando aquelas práticas idolátricas tão desvirtuadas da lei natural. Reapropriou-se das informações do outro frade, porém as organizando segundo uma determinada retórica de defesa, a qual justificava aquelas crenças como próprias de conhecimento incompleto de Deus, sem blasfêmias. “...*Poco podrá dudarse de que las referidas proposiciones obedecer a ese fondo intencional de la Apologética que consiste en salvar a los indios de su responsabilidad última para con las deficiencias ético-religiosas a ellos imputables desde los módulos cristianos...*” (PÉREZ DE TUDELA BUESO, 1975, p. 41)

O dominicano também terminou seu raciocínio explicando aos juízes da congregação que os sacrifícios e a antropofagia deviam-se à ignorância (BRUIT, 1994, p. 34), mas era algo que o franciscano também concordava. Motolinía entendia o indígena como alguém que não conhecia a verdade divina do cristianismo, e que a partir do momento em que estivesse convertido à verdadeira religião, suas práticas religiosas originais desapareceriam – apesar de sua grande preocupação em relação àquelas que ainda permaneciam pagãos, justificando sua defesa de conversões obrigatórias – como também não poderia significar a tese de que nunca poderiam ser convertidos.

De certa forma, as interpretações dos dois religiosos não estavam tão distintas em relação a este ponto. É importante também ressaltar que o franciscano tinha um objetivo distinto em relação a Las Casas, assim como suas considerações sobre a idolatria eram muito mais voltadas para o campo da prática, do que para o campo teórico.

Dentre as muitas descrições contidas na *Apologética*, em quase todas o dominicano comparara as características encontradas no Novo Mundo com o passado dos povos pagãos, principalmente gregos e romanos. Um dos argumentos centrais seria que os indígenas estariam

vivendo num período semelhante à Antiguidade, cabendo aos espanhóis a missão de torná-los crentes da verdadeira fé, assim como os apóstolos fizeram nos primórdios do cristianismo.

A razão humana já mandaria oferecer sacrifícios a Deus, independentemente se seriam homens, animais, alimentos ou objetos, já existiria na natureza essa determinada característica de se fazer oferendas, quaisquer que fossem.

También dice [São Tomás] probando que ofrecer sacrificio a Dios es de ley natural y que naturalmente los hombres a ofrecerlo son inclinados, por manera que en cualquiera tiempo y edad y entre todas las naciones del mundo siempre hobo y usaron los hombres a ofrecer a Dios sacrificio. (LAS CASAS, 1992, p. 639).

Apesar de ser de lei natural, o que era sacrificado não era dessa mesma lei. Deste modo, o sacrifício humano, assim como de animais, não seria algo natural, e sim um equívoco do paganismo. “...*por la iniquidad de los hombres fue introducida la costumbre llena de crueldad, que fue derramar sangre para los sacrificios...*” (LAS CASAS, 1992, p. 973). Mas não necessariamente seriam exemplos de barbárie ou de adoração ao diabo, mesmo que este agisse persuadindo-os secretamente.

Motolinía, quando interpretava a idolatria indígena, defendia a idéia da persuasão do demônio em tais atos, que culminava nos sacrifícios humanos. Las Casas não discordava dessa idéia, mas, segundo ele, não era algo que tornava seus sacerdotes adeptos do satanismo. Os indígenas seriam iguais aos povos pagãos antigos. A idolatria representava muito mais o conhecimento confuso do que seria Deus. Satanás sempre aparecera ao longo da história agindo dessa forma, porém, seus atos acompanhavam a divina providência, pois Deus permitia suas ações a fim de testar os homens.

As características dessas religiões representariam muitas vantagens, e vários dos rituais aproximavam-se dos cristãos, mesmo os mais espantosos. Sobre aqueles encontrados na Nova Espanha, e a devoção com que realizavam tais atos era de se admirar, pois tinham muita fé. Contudo, o frade destacara a importância dos cristãos em persuadi-los a abandonar essas práticas, porque o verdadeiro Deus não exigia sacrifícios tão ásperos, ou seja, uma mortificação tão emblemática.

O conhecimento “confuso” de Deus estaria presente nestas características. Sobre os totonacas, por exemplo, afirmara que a prática de sacrifícios humanos fora influenciada pelos mexicanos.

Esta gente, como otras muchas de la Nueva España, no solían sacrificar hombres, sino animalejos, hasta que vinieron los mexicanos, que introdujieron poco a poco en todas aquellas provincias este sacrificio (...) por la doctrina de Christo, fueren alumbrados que no quería el verdadero y grande dios rescebir sacrificio ni ser servido a tanta cosa. (ibid., p. 1186).

Com isso acabara por também estabelecer um núcleo específico onde o maior número de sacrifícios deste tipo ocorria, e por sua vez influenciavam outros povos ao redor. Concentrando a maior parte dos sacrifícios num determinado local, Las Casas também tornava os indígenas que os praticavam uma minoria em relação aos restantes. Mesmo que representassem uma grande devoção, algo que merecia a admiração por parte dos espanhóis e não somente o repúdio, a grande maioria não chegava a esses extremos.

De um modo geral, os sacrifícios representavam muito mais uma forma de manifestação de uma determinada fé. O que inicialmente aparecia como blasfêmia, agora era entendido como uma qualidade. Satanás influenciava a todos, como também aos espanhóis. O que Las Casas jogara como ponto a favor é a característica de que aquela crença era algo próprio da natureza humana. Se praticavam idolatrias acompanhadas de sacrifícios era muito mais por ignorância, e essa mesma devoção poderia ser transformada numa fé cristã perfeitamente.

Portanto, Las Casas, habilidoso no domínio retórico, lembrou que as nações mais religiosas foram aquelas que ofereceram mais sacrifícios a Deus. E, com isso, afirmara o quão proveitoso é a observância religiosa para as repúblicas. O sacrifício humano era entendido como uma mortificação máxima frente a Deus, como uma autoflagelação perante o Criador, que tinha suas vantagens frente à imolação de animais, da mesma forma que nações cujos rituais eram mais solenes teriam um conceito mais elevado de seus deuses.

Como fora narrado na Bíblia, Abraão iria matar Isaac. Além desse “quase-sacrifício” humano, os hebreus, de um modo geral, ofereciam freqüentemente cordeiros a Deus, um tipo de oferenda considerada profana quando encontrada no Novo Mundo. Mesmo que o assassinato do filho do patriarca fosse somente um teste, indiretamente sua atitude demonstrava o modo como alguns povos do passado poderiam realizar práticas semelhantes. A partir do momento em que conhecessem a verdadeira fé, os indígenas abandonariam tais rituais, da mesma forma que os pagãos da Antigüidade. Comportamentos contrários ao cristianismo, mas que também serviam como provas do conhecimento inato de Deus, tanto dos povos antigos, quanto dos indígenas.

Muitas delas demonstravam que tinham alguma concepção, mesmo que incompleta da lei divina, algo fundamental para a organização das comunidades.

Es precisamente esta distinción entre culturas cristianas y pre-cristianas (o paganas) ele eje vertebral que permite a Las Casas comparar las naciones del Viejo Mundo, pues independientemente de sus mayores o menores logros culturales todas tienen en común su condición de idólatras (...) Por consiguiente, y esto lo repite con cierta insistencia, el hecho de que los indios fueran idólatras no es motivo para despreciarles (todas las naciones lo han sido) ni achaque apra depollarles de su soberanía y sojuzgarles (recordemos que era uno de los títulos esgrimidos, entre otros, por Sepúlveda para legitimar la conquista y que ya Vitoria había rechazado). Tanto más cuanto que la idolatría no depende de la mayor o menor capacidad racional, sino que es el estado 'natural' del hombre en ausencia de la gracia, por lo que no se le puede culpar de ser idólatra (QUEIJA, 1992, p. 212).

O modo pacífico de propagação da fé cristã defendido por Las Casas também tinha outra característica: defendia que os tempos em que se convertia à força ou se subjugava infiéis eram próprios do Antigo Testamento e não a partir do Novo Testamento⁶⁵, formando outro raciocínio contrário a seus adversários, também fundamentado nas Sagradas Escrituras. Mesmo encontrando um enorme contingente de populações gentias, o momento em que viviam era o do Espírito Santo, do amor ao próximo, que seria impróprio para um cenário de conversões forçadas.

Diferenciara também o que era exigível a uma religião por natureza, e os aspectos que cada cultura teria para uma plena autonomia de escolha. Mas sua postura não implicava a aceitação passiva de todo costume estrangeiro, mas sim uma primeira etapa de conhecimento e compreensão e uma segunda fazer de fomento, erradicação ou transformação, usando o direito natural quanto princípio jurídico ou político de convencimento de livre consentimento⁶⁶, e apesar

⁶⁵ Sobre esta questão podemos ler numa outra obra do frade: “*el precepto del Señor, en cuanto a extirpar los siete pueblos, que habitaban en la Tierra Prometida tuvo una causa especial, y que no debe considerarse como ejemplo de aplicación general para dar muerte a toda clase de paganos idólatras; lo que hemos demostrado con pasajes del Antiguo Testamento. Y éste era ya el caso en tiempos de la Antigua Ley, rígida y severa, mucho más deberá serlo hoy, después que, con la venida de Cristo, el Señor ha difundido los tesoros de su misericordia por la tierra y por las naciones. Por lo cual, este tiempo es llamado tiempo de gracia, tiempo de amor, año de propiciación, día de salvación y buen mensajero de alegría graciosamente enviado. Los profetas del Antiguo y Nuevo Testamento están llenos de tales testimonios*” (id., *Apología*, 1992, p. 227).

⁶⁶ “*la fe no destruye ni quita la orden, que según natura está impuesta en el mundo, pues la orden de la naturaleza requiere que los inferiores sean sujetos a sus mayores y superiores, y guiados y gobernados por ellos, y ésta comprende todos los hombres infieles, también como los fieles, porque lo que es natural a una especie, a todos los individuos que aquella especie comprende y se extiende. Luego la fe de Jesucristo no revocó los señoríos, ni privó los señores infieles, que por orden de naturaleza son puestos para regir los inferiores, que son súbditos (...) Luego la fe de Jesucristo y ley evangélica de necesidad habían de establecer y rectificar los estados y señoríos, e dignidades y reyes, e reinados de los infieles, pues fueron introducidos por la inclinación humana natural, como cosas muy*

ser urgente pelo fato de precisar salvá-los do Juízo Final, nunca deveria ser executado apressadamente porque nunca teria um resultado verdadeiro.

Nesse ponto, parece que tanto Las Casas quanto Motolinía não discordavam no que se refere à necessidade da conversão, como também na persuasão do demônio, contudo ambos julgavam o modo como deveria ser aplicado de forma distinta, além da diferença de que o dominicano encontrava vantagens na idolatria, até mesmo nos sacrifícios humanos.

Sobre Motolinía, algo marcante é ter sido a fonte principal utilizada por Las Casas na escrita da *Apologética*. O franciscano certamente realizara um trabalho muito mais presente junto aos indígenas do que o bispo de Chiapas, que utilizou seu trabalho, mesmo ao estabelecer outras afirmações a respeito da catequização indígena. Por mais que a utilização do texto de Motolinía pudesse estar ligada aos seus dados empíricos, ou seja, em dados aos quais o dominicano consultara, há uma aproximação entre os dois autores, e conseqüentemente semelhanças ou repetições.

convenientes y necesarias a su común utilidad, movidos los hombres a ello por la lumbre de la razón natural e así de derecho natural” (id., *Tratado Comprobatorio del Imperio Soberano*, 1992, p. 458-459).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse modo como Las Casas constrói seu argumento obedece a sua concepção de conhecimento baseada em Aristóteles, que pode ser definido como um “conhecimento por essência” e não por “acidente”, que seria posterior ao pensamento cartesiano. A afirmação de que o frade “amou sem conhecer” o indígena [Todorov] seria uma constatação anacrônica, cobrando do dominicano um “conhecimento por acidente”.

José Alves de Freitas Neto, *Bartolomé de Las Casas: a narrativa trágica, o amor cristão e a memória americana*.

A *Apologética* é um longo tratado sobre o Novo Mundo, com uma quantidade e qualidade de descrições sobre o continente, ausentes em outros escritos. A sua capacidade de reunir diversas fontes e o modo como selecionou essas informações, certamente são os aspectos mais marcantes. Las Casas demonstrava como eram organizadas as sociedades indígenas, mesmo as adequando segundo os objetivos retóricos da sua defesa.

O aspecto mais importante que destacamos nesta leitura da *Apologética* é a descrição de passagens em que o frade expôs as qualidades físicas da Ilha Hispaniola, utilizando-se de fontes que comprovam a peculiaridade desta obra. O dominicano não apenas recorreu à sua própria vivência junto ao Novo Mundo, mas buscou outros relatos e citações para comprovar as qualidades dos indígenas e sua capacidade de construir e viverem sob uma boa e ordenada república. Para tanto, ele precisava de informações sobre o continente para ser mais bem justificado em sua argumentação central.

Apesar de recorrer a cronistas como Motolinía, com quem teve divergências explícitas, Las Casas insiste no conhecimento geográfico e das provas indígenas, como também não era um desconhecedor do universo indígena, que somente os amava porque era cristão, como na crítica feita pelo lingüista Todorov. Mesmo realizando um trabalho batizado de *apologético*, e devido a isto alvo de certas críticas, o modo como foi confeccionado e redigido demonstram-nos um manuseio de dados que não seria possível de ser feito por alguém que não conhecesse ou não tivesse interesse sobre os costumes e práticas dos indígenas. A obra seria muito mais *histórica* do que *apologética*.

Mesmo que inicialmente interpretasse os homens como teologicamente iguais, ao trabalhar com o conceito da *pólis* aristotélica, concebia-os como diferentes, numa idéia de uma

pluralidade que era rara no século XVI. Haveria uma igualdade de direitos dentro do império cristão espanhol, e a consciência de que existiriam diferenças de cultura, não eliminaria a crença na harmonia entre seus cidadãos. Tudo isso para reafirmar que eles têm capacidade de construir, mesmo em bases diferentes do que pensavam outros teólogos espanhóis, uma boa e ordenada república.

Ao se caracterizar como um trabalho histórico, a *Apologética* não deixou de ser um tratado político sobre o continente, que acompanhou uma mesma retórica de defesa do indígena. Ao descrever a organização de sociedades, domínios territoriais e formas de convívio existentes entre as populações nativas da Américas, o dominicano demonstrava a complexidade das organizações criadas pelos indígenas e amparadas em princípios que Las Casas considerava justos. Portanto, ao apresentar estes povos, o bispo assinalava que politicamente havia uma sociedade estruturada e caberia conter a ganância de *encomenderos* e exploradores espanhóis. Ao descrever os povos, Las Casas afirmava um princípio político que deveria presidir a colonização do Novo Mundo.

Um outro ponto distinto desta obra de Las Casas é a ênfase no indígena. Diferentemente da *Brevísima* ele não enfatiza a tragicidade narrativa na *Apologética*. O indígena surge com suas virtudes, independentemente das formas brutais empreendidas pelos colonizadores espanhóis. Ele não utilizou o relato das brutalidades cometidas pelos conquistadores como argumento principal, para na verdade enaltecer a figura do indígena a partir da descrição do seu universo, da sua cultura.

Noções de liberdade e emancipação política dos povos do continente são considerações anacrônicas em relação a Las Casas, pois ele nunca defendeu uma ruptura com a Coroa espanhola. Mas a simples defesa da existência de um império cristão em bases teológicas que defende a igualdade entre os “filhos de Deus”, não deixava de ser uma crítica aos procedimentos da colonização. Mas não podemos nos esquecer que Las Casas procurava agir segundo as normas vigentes, mesmo que suas referências tomistas não o obrigassem obedecer sempre, apesar dessa mesma influência se fundamentar num princípio hierárquico centrado da figura do rei. Contudo, muitas de suas atitudes poderiam ser classificadas como anticoloniais quando atingiam as autoridades coloniais, tendo como exemplo as excomunhões dos *encomenderos* em Chiapas.

Las Casas tinha poderes para isso, afinal era um bispo, e as Leis Novas já vigoravam neste período. Na verdade, seguia a rigor essas leis, porém, como a maior parte daquelas autoridades ainda usufruía deste tipo de exploração, ele as afrontava. E, partindo da idéia de que o que era vivido no Novo Mundo não necessariamente era igual ao proferido na Espanha, Las Casas poderia ser denominado como uma espécie de transgressor.

Quando observamos sua trajetória, poderíamos encontrar um discurso moral, que não necessariamente se adequa à política vigente. Seu sucesso na atualidade também poderia ser explicado por isso, e não somente devido a *Brevísima Relación*. Utilizou suas influências jusnaturalistas ao trabalhar com a idéia de direito natural⁶⁷ e, associada a isso, a possibilidade de tentar conceber uma moral universal para todas as gentes.

Na *Apologética*, Las Casas trabalhou com a noção de direito natural, buscando a equivalência entre Velho e Novo Mundo. Não era uma característica exclusiva o uso deste conceito, principalmente porque em outros textos, como a *Apología*, havia este mesmo embasamento. Entretanto, a exclusividade desta obra seria o direito natural fundamentado nas descrições do continente, tanto físicas quanto humanas, unificando os argumentos de fato (*hecho*) e de direito (*derecho*). Mesmo que o dominicano não tivesse trabalhado com o conceito de direito natural em separado, posto que não era um jurista, é possível localizar esta discussão dentro deste trabalho mais empírico, repleto de informações sobre o continente e sobre suas fontes. Portanto, o esforço lascasiano de apresentar os povos indígenas, seus costumes e sua inserção no meio físico insere-se dentro da tradição de um direito natural que estaria presente entre estes povos, independente da presença dos espanhóis.

O que há para se destacar na *Apologética* era seu uso a partir de um trabalho mais empírico que se tornou um trabalho de história dos indígenas, também de uma história que também fazia parte da história ocidental, a história cristã. Haveria uma igualdade de direitos entre indígenas e europeus, em que todos pertenceriam a um mundo comum, o mundo cristão, e as semelhanças entre pagãos antigos e indígenas demonstravam que ambas as histórias rumavam a um destino específico, dentro do que se concebia como uma história cristã.

⁶⁷ Direito natural seria um conceito abstrato do próprio Direito, um ordenamento ideal, referente a uma justiça superior e anterior. Um sistema de normas separado do que seria o direito positivo, ou seja, independente das mudanças da vida social que se originam no Estado. O direito natural derivaria da natureza de algo, de sua essência, cuja fonte poderia ser a natureza, ou mesmo a vontade de Deus. Desta forma, pode-se sustentar que o direito natural seria o mesmo ao longo da história. Além disso, o dominicano adequava este conceito a sua moral, e com ele justificava até que ponto seria viável ou não o modo como era realizada a conquista. (SGARBI, 2007).

Identificando esses enfoques e manuseios de fontes, além de apontar a estruturação de uma construção discursiva em defesa do indígena que ultrapassa a concepção das gentes inocentes, foi possível encontrar um indígena em seus aspectos culturais e geográficos. Como também uma determinada concepção de história, cristã do século XVI, na qual há um plano divino, mas que permite a interação e a atuação dos humanos, como parte deste mesmo plano. Por isso a preocupação empírica na qual o narrador é aquele que testemunhou, que *viu* uma determinada realidade e não apenas *ouviu* sobre o indígena. Mesmo que ele não tenha testemunhado todos os episódios, ao recolher as fontes, ele sabe escolher aquelas que indicam relatos convincentes e úteis à defesa do indígena, não mais dentro de um modelo discursivo, no qual a retórica determinava o que ia ser dito, mas no qual o testemunho suplanta o modelo retórico.

De um modo geral, o bispo igualara os dois mundos e suas respectivas histórias, empreendendo um estudo comparativo da religiosidade entre os povos do Velho e do Novo Mundo, com tão extenso e variado tema que se considera desde o ponto de vista dos aspectos fundamentais. Além disso, ao expor as diversas características encontradas naqueles povos, correlacionando as mesmas com as semelhanças encontradas no Velho Mundo, o dominicano demonstrava que as circunstâncias da América, naquele período, eram as mesmas dos povos antigos. Os colonizadores só fariam cumprir esse destino reforçado pela divina providência, e seus anseios políticos não poderiam extrapolar os princípios cristãos

A *Apologética*, que representava também sua maturidade intelectual, seria o momento de grande transformação a respeito de como enxergava o papel estritamente político das comunidades indígenas no conjunto institucional do império cristão espanhol. Las Casas trabalhara com este conceito de universalidade do direito natural, recorrendo ao direito de formularem sua cultura e religião, mesmo sendo diferentes da cristã católica. O direito natural reconheceria certos princípios religiosos, sociais, econômicos e políticos que deveriam ser reconhecidos e respeitados e, portanto, exigidos a toda sociedade.

Dessa forma a *Apologética* é “diferente” na estrutura das outras obras lascasianas, mas não se diferencia dos propósitos conhecidos de Las Casas: a defesa do indígena e da conversão pacífica dos indígenas. E o porquê a obra é pouco estudada é um outro elemento que deve continuar a ser investigado e novas hipóteses, estabelecidas.

FONTES

AGOSTINHO, S. *A Cidade Deus*. 2. ed. Petrópolis/São Paulo: Vozes/Federação Agostiniana Brasileira, 1990.

ARISTÓTELES. *Política*, Brasília, Ed. UnB: 1985.

_____. *Poética*. S. Paulo. Nova Cultural: 1987.

CORTÉS, H. *Cartas de Relación*. edição de Mario Hernández Sánchez-Barba. Madrid: DASTIN Historia, 2000.

LAS CASAS, B. *Apologética Historia Sumaria*. Madrid: Alianza Editorial (obras completas), 1992.

_____. *Apología*. id.

_____. *Brevísima Relación de Destrucción de las Indias*. Madrid: Catedra, 1992.

_____. *De Único Vocationis Modo (Del único Modo de Atraer a Todos los Pueblos a la verdadera religión)*. Madrid: Alianza Editorial, 1992.

_____. *Historia de las Indias*. México: Porrúa, 1967.

_____. *Tratados de Bartolomé de Las Casas*. México: F.C.E., 1975.

LÓPEZ DE GÓMARA, F. *La Conquista de México*. ed. de José Luis de Rojas. Madrid: DASTIN, 2000.

_____. *Historia General de las Indias y Vida de Hernán Cortés*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1979.

MAQUIAVEL, N. *O príncipe*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

MÁRTIR DE ANGLERÍA, P. *Décadas del Nuevo Mundo*. Madrid: Ediciones Polifemo, 1989.

MENDIETA, G. *Historia Eclesiástica Indiana*. México: Cien de México, 1997.

MOTOLINÍA, T. B. *Historia de los indios de la Nueva España*. Ciudad de México: UNAM, 1995.

_____. *Memoriales*. Ciudad de México. éd. UNAM: 1971.

_____. “Carta do franciscano Motolinía a Carlos V comunicando 300 mil batismos e expressando o seu desacordo com a atuação do dominicano Las Casas”, in: SUESS, P. (org). *A Conquista Espiritual da América – 200 documentos – século XVI*. Petrópolis. Vozes: 1992, pp. 852-868.

PANÉ, R. *Relación acerca de las antigüedades de los indios*. Bogotá: Siglo Veintiuno, 1974.

SUESS, P. (org.); *A Conquista Espiritual da América Espanhola – 200 documentos – século XVI*, Petrópolis, Vozes, 1992.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. São Paulo: Loyola, 2002.

BIBLIOGRAFIA

ABRIL CASTELLÓ, V. “Estudio preliminar de la Apologética Historia Sumaria” IN: LAS CASAS, B. *Apologética Historia Sumaria*, op. cit.

ARENDT, H. *Condição humana*, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.

____ “Responsabilidade pessoal sob a ditadura”, in: *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

BARREDA, J.A. “Documentación bibliográfica de la Apologética”, IN: LAS CASAS, B. *Apologética Historia Sumaria*, op. cit.

BATAILLON, M. *Estúdios sobre Bartolomé de Las Casas*. Barcelona: Ed. Península, 1976.

BATAILLON, M. SAINT-LU, A. *El padre Las Casas y la Defensa de los Indios*. Barcelona: Ed. Ariel, 1976.

BAUDOT, G. *Utopie et Histoire. Les premiers chroniqueurs de la civilization mexicaine (1520-1569)*. Privat: Toulouse, 1977

BERNAND, C. GRUZINSKI, S.; *História do Novo Mundo*. São Paulo: EDUSP, 1997.

BETHELL, L. *História da América Latina – volume I – América Latina Colonial*. São Paulo/Brasília: EDUSP/Fundação Alexandre Gusmão, 1997.

BOEHNER, P. GILSON, E. *História da Filosofia Cristã*. Petrópolis: Vozes, 1970.

BRUIT, H. *Bartolomé de Las Casas e a simulação dos vencidos*. Campinas: UNICAMP, 1994.

____ “Prefácio”, IN: FREITAS NETO, J. A. *Bartolomé de Las Casas: a narrativa trágica, o amor cristão e a memória americana*. São Paulo: ANNABLUME, 2003.

BUSTAMANTE GARCIA, J. B. “Las fuentes utilizadas para México y la Nueva España en la Apologética Historia”, in: LAS CASAS, B. *Apologética Historia Sumaria*, op. cit.

CARBIA, R. D. *Historia de la leyenda negra hispano-americana*, Buenos Aires: Marcial Pons, Ediciones de Historia S. A., 2004.

CABRERA, L. L.O. “Las fuentes peruanas de la Apologética Historia”, IN: LAS CASAS, B.; op. cit.

CERTEAU, M. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COLL, J. O. *A Resistência Indígena*. Porto Alegre: Editora L&PM, 1986.

COURTINE, J. F.; “Direito Natural e direito das gentes, A reafirmação moderna, de Vitória a Suárez”, IN: NOVAES, A. *A Descoberta do homem do mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

CHARTIER, R. *A História Cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DOSSE, F. *A História*. Bauru: EDUSC, 2003.

ELLIOT, J. H. *España y su mundo 1500-1700*. Madrid: Alianza Editorial, 1991.

FERNANDES, L. E. et al.; “Motolinía: o choque espiritual no Novo Mundo” in: “; KARNAL, L. et al. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Idéias – Cronistas da América*. Ano 11(1). Campinas: Gráfica do IFCH, 2004.

FLORESCANO, E. *Memoria Mexicana*. México D.C.: Fondo de Cultura Económica, 2003.

FREITAS NETO, J. A. *Bartolomé de Las Casas: a narrativa trágica, o amor cristão e a memória americana*. São Paulo: ANNABLUME, 2003.

FRIEDE, J. *Bartolomé de Las Casas, precursor Del anticolonialismo. Su lucha y su derrota*. México: Siglo XXI, 1974.

_____. “Las Casas y El movimiento indigenista em España y América en la primera mitad del siglo XVI, IN: *Revista de Historia de América*. vol. 34, México: [s. n.], 1952.

GERBI, A. *La naturaleza de las Indias Nuevas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1978.

_____. *Novo Mundo: História de uma polêmica (1750-1900)*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

GUTIÉRREZ, J. L. R. *Aristóteles e os conquistadores*. Campinas: UNICAMP, 1994.

HANKE, L. *Estudios sobre Bartolomé de Las Casas y sobre la lucha por la justicia en la conquista española de América*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1968.

_____. *La Lucha por la Justicia en la Conquista Española de América*, Madrid: Ed. Aguillar, 1967.

_____. *El Prejuicio Racial en el Nuevo Mundo. Aristóteles y los Indios de Hispano-América*. Santiago: Ed. Universitaria, 1958.

_____. *La Humanidad es Una*. 2. ed. México: F. C. E., 1985.

HANSEN, J. A.; “A Servidão Natural do Selvagem e a Guerra Justa Contra o Bárbaro”, IN: NOVAIS, A. (org.). *A Descoberta do Homem e do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HARTOG, F. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

HOFFNER, J. *Colonização e Evangelho. Ética da Colonização Espanhola no Século de Ouro*. Rio de Janeiro: Ed. Presença, 1997.

HUERGA, A. *Fray Bartolomé de Las Casas: Vida y Obra*. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

JOSAPHAT, C. *Las Casas: Todos os Direitos Para Todos*. São Paulo: Loyola, 2000.

KARNAL, L. *O teatro da fé*. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1998.

____ “Os textos de fundação da América: a memória da crônica e a alteridade”, IN: KARNAL, L. et al. *Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Idéias – Cronistas da América*, op.cit.

____ “Pedro Mártir de Anglería: a invenção do Novo Mundo” In: id.

MAHAN-LOT, M. *Bartolomé de Las Casas et le droit des Indiens*. Paris: E. Payout, 1982.

MARQUES, Luiz (org.). *A constituição da Tradição Clássica*. Campinas: Hedra, 2004.

MENÉNDEZ PIDAL, T. *El Padre Las Casas, su Doble Personalidad*. Madrid: Espasa-Calpe, 1963.

MORSE, R. *O Espelho de Próspero: Cultura e Idéias na América*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

NASCIMENTO, C. A. R. “Filosofia Medieval”, IN: *Primeira Filosofia: aspectos da História da Filosofia*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

NEVES, M. *A tolerância nos limites do cristianismo católico de Frei Bartolomé de Las Casas*. Campinas: UNICAMP, 2006.

NOVAES, A. (org.) *A Descoberta do homem do mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

O’GORMAN, E. *Estudio Preliminar a la Edición de Apologética Historia de las Indias*. México: UNAM, 1967.

____ *La incógnita de la llamada “Historia de los indios de la Nueva España” atribuida a fray Toribio Motolinía*. Fondo de Cultura Económica: México, 1982.

____ *A invenção da América*. São Paulo: UNESP, 1992.

____ “Prólogo”, IN: LAS CASAS, B. *Los indios de México y Nueva España – Antología (miscelánea)*, ed. O’GORMAN, E. MANRIQUE, J. R.). México: Editorial Porrúa S. A., 1971.

QUEIJA, B. A. “La Apologética Historia Sumaria y el debate sobre la naturaleza del indio” IN: LAS CASAS, B.; *Apologética Historia Sumaria*, op. cit.

QUERALTÓ MORENO, R. J. *El pensamiento filosófico-político de Bartolomé de Las Casas*. Sevilla: Publicaciones de la Escuela de Estudios Hispano-Americanos de Sevilla, 1976.

PÉREZ DE TUDELA BUESO, J. *Significado histórico de la vida y escritos del padre Las Casas*. Madrid: Biblioteca de Autores Españoles, 1957.

____ “El horizonte teológico en el ideario de Las Casas”, IN: *Sesión de Apertura del Curso Académico 1974-75*. Instituto de España. Madrid: [s.n.] 1975.

- PHELAN, J. "The History of Fray Bartolome de las Casas", in: *The Hispanic American Historical Review*, vol. 14, No. 1, <www.jstor.org>, 1969.
- REALE, G. *História da filosofia antiga*. São Paulo: Loyola, 1994.
- REALE, G. ANTISERI, D. *História da Filosofia*. volume I e II. São Paulo: Paulinas, 1990.
- REIS, A. R. *Da idolatria indígena à conversão cristã no México do século XVI: uma análise da obra de frei Toribio Motolinía* (dissertação de Mestrado). Campinas: UNICAMP, 2007.
- RICARD, R. *La Conquista Espiritual de México*. México: FCE, 1986.
- SEED, P. *Cerimônias de Posse na Conquista do Novo Mundo (1492-1640)*. São Paulo: UNESP/Cambridge, 1999.
- SEPÚLVEDA, J. G. "As justas causas de guerra contra os índios, segundo tratado Democrates Alter de Juan Ginés Sepúlveda", IN: SUESS, P.; op. cit.
- SGARBI, A. *Teoria do Direito (Primeiras Lições)*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2007.
- SKINNER, Q. *Os fundamentos do pensamento político moderno*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- STOFFELS, M. J. A. "La Apologética Historia Sumaria: claves para su interpretación" IN: LAS CASAS, *Apologética Historia Sumaria*, op. cit., 1992.
- THEODORO, J. *A América Barroca: temas e variações*, São Paulo: Edusp/Nova Fronteira, 1992.
 ____ "Apresentação", IN: FREITAS NETO, J. A. op. cit., 2004.
- TODOROV, T *A conquista da América – A questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- WATANABE, L. A. "Filosofia Antiga", IN: *Primeira Filosofia: aspectos da História da Filosofia*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- YAÑEZ, A. *Fray Bartolomé de Las Casas, el conquistador conquistado*. México: Editorial Jus, 1974.